

A PARTIR DE OUTUBRO

Mais caros transportes e passes sociais

A partir do próximo dia 1 Outubro as tarifas dos transportes colectivos vão sofrer um aumento da ordem dos 20 por cento, à excepção dos bilhetes pré-comprados cuja subida não ultrapassa os oito por cento.

Esta em síntese a disposição da portaria assinada pelos ministros das Comunicações e Transportes, Comércio e Turismo e Finanças, que vai ser enviada já na próxima semana, para publicação no «Diário da República».

Estes aumentos, segundo responsáveis de empresas públicas de transportes, vem já com um atraso sensível, pois a data ideal teria sido o passado mês de Maio.

Assim, em Lisboa, nos autocarros da Carris o bilhete simples para uma zona passa a custar 5\$00; até a quatro zonas ficará por 10\$00; a partir de cinco zonas, por 15\$00. O «expresso»

passa também para 15\$00. No que respeita aos bilhetes pré-comprados, um módulo fica por 3\$50; dois, por 7\$00; três, por 10\$50.

Para os eléctricos também os aumentos foram pesados: bilhete simples para uma zona, 5\$00; duas ou mais, 10\$00. Pré-comprados: um módulo, 3\$50; dois, 7\$00. Caderneta de 20 pré-comprados de um módulo: 70\$00; caderneta de dois módulos, 140\$00. Um bilhete simples de elevador passa a custar 3\$00.

No Metropolitano um bilhete simples aumenta para 10\$00; pré-comprado, para 6\$50, e uma caderneta de 10 bilhetes pré-comprados para 62\$50.

Na Transtejo verificam-se também aumentos muito sensíveis: um bilhete simples do Terreiro do Paço para Cacilhas sobe para 10\$00; Terreiro do Paço-Seixal, 20\$00; Terreiro do



Também nos Transportes os aumentos não se fizeram esperar

Paço-Montijo, 25\$00; Terreiro do Paço-Alcochete (via Montijo), 30\$00; Cais do Sodré-Cacilhas, 10\$00; Belém-Porto Brandão, 10\$00.

No passe social intermodal os aumentos oscilam entre os 390\$00 (mínimo) e 780\$00 (máximo).

O passe L (que apenas permite viajar no «metro» e na Carris) passará a custar 420\$00; o L1 (válido para o metro RN, CP e Transtejo), aumenta para 550\$00; o L12 (Lisboa, 1.ª e 2.ª coroa, Carris, Metro, RN, CP e Transtejo) 670\$00; o L123 (Lisboa, 1.ª 2.ª e 3.ª coroa, Carris, Metro, RN, CP e Transtejo e Transportes Colectivos do Barreiro), 780\$00; passe social intermodal válido para a 2.ª e 3.ª coroa, RN, CP e Transportes Colectivos do Barreiro, também 390\$00. O passe da

Continua na pág. 20

EUA "muito preocupados" pela recepção de Madrid a Arafat

MADRID, 14 (Do nosso correspondente F. Jaureguy) — Impressionantes medidas de segurança acolheram a chegada ontem à capital espanhola do líder da OLP, Yasser Arafat, que, pouco depois da chegada manteve um encontro que durou duas horas com o chefe do Governo espanhol, Adolfo Suarez.

Trata-se da primeira visita de Arafat a um dirigente europeu depois do «escândalo» — para os meios conservadores mundiais — que constituiu a entrevista de há dois meses, do chanceler austríaco, Bruno Kreisky, com o líder palestino.

Nos meios políticos espanhóis considera-se que os norte-americanos estão «muito preocupados» pelo bom acolhimento concedido pelas autoridades espanholas ao presidente da OLP, que manteve já encontros com responsáveis da UCD e do PCE. Apenas o ultra-direitista Fraga Iribarne, se recusou a receber Yasser Arafat.

A comunidade judaica em Espanha exprimeu já o seu protesto pelo facto, enquanto que Telavive mantém silêncio acerca da visita de Arafat. Recorde-se que Madrid não mantém relações diplomáticas com Israel.

Considera-se entretanto, que esta visita inscreve-se numa via de maior independência de Adolfo Suarez, em relação aos EUA, pois a viagem do líder da OLP concretiza-se pouco tempo depois da forçada demissão do representante da Casa Branca nas Nações Unidas, Andrew Young, devido a contactos que manteve com um responsável palestino.

Tal independência terá sido igualmente patente há dias, com a presença de uma importante delegação de Madrid — com estatuto de convidada — à Conferência dos Países Não Alinhados, realizada em Havana, coincidindo com os esforços que Washington desenvolve para a integração de Espanha na NATO.

Admite-se, no entanto, que esta hábil política de «neutralidade» espanhola enquadra-se na tentativa de obter mais vantagens com a negociação dos acordos entre Espanha e EUA (datados dos anos 50) relativamente à utilização pelos americanos de bases militares em território espanhol.

Pág. 12.

Funeral de Agostinho Neto na próxima segunda-feira

Os restos mortais do presidente Agostinho Neto chegaram às 9 horas desta manhã a Luanda vindos de Moscovo. A bordo do avião que aterrou no aeroporto «4 de Fevereiro» vinham também a viúva de Agostinho Neto e os dirigentes do MPLA Lúcio Lara e Pascoal Luvualu, além do vice-presidente do Soviète Supremo da URSS, Antanas Barkauskavas, que chefiava a delegação soviética aos funerais. A irmã de Agostinho, Ruthe Neto, dirigente da OMA, veio igualmente de Moscovo.

Segundo se julga saber, os funerais de Agostinho Neto reali-

zar-se-ão na próxima segunda-feira, dia em que ele completaria 57 anos. A urna, depois da chegada ao aeroporto, atravessou as ruas de Luanda, muito especialmente as zonas operárias, sendo depois colocada no Comissariado Municipal, onde ficará até ao funeral.

De acordo com instruções do Ministério da tutela, hoje não se trabalha na República Popular de Angola, para que a população deste Estado, no dia em que os seus restos mortais chegam ao país.

Em homenagem ao presi-

dente morto, o «Diário de Lisboa» publica hoje o manuscrito da mensagem ao povo português, redigido pelo Presidente Agostinho Neto em 11 de Novembro de 1975, dia da Independência da República Popular de Angola. No texto, Agostinho Neto lamenta a posição oficial do Governo português de então, que tentava «desconhecer a genuinidade desta nova República».

Por seu turno o Sete Ponto Sete de hoje publica, na sua primeira página, um texto de José Gomes Ferreira sobre Agostinho Neto.

CASO TORRES

Assassino foi no dia do crime apresentar condolências à viúva?

Pág. 20

PREPARATÓRIO E SECUNDÁRIO

Saíram as colocações dos professores

Saiu hoje em suplemento à segunda série do «Diário da República» a lista de colocações de professores para o ensino preparatório e secundário. O critério das colocações, inseridas num caderno de 86 páginas que os interessados devem procurar tão rapidamente quanto possam, sob pena de o encontrarem esgotado, obedece a três alíneas: preferência conjugal, professores profissionalizados não efectivos e professores provisórios ou eventuais.

A lista contém os seguintes elementos, por esta ordem: código do grupo a que pertence o professor, número de inscrição, situação do candidato, nome, número de código do estabelecimento de cujo quadro é titular e código do estabelecimento onde foi colocado para o próximo ano lectivo.

Esta lista de colocações representa apenas a primeira fase. A segunda poderá estar pronta já a 27 deste mês, segundo apuramos. Após a abertura do ano lectivo iniciar-se-ão os mini-concursos para preencher as vagas que entretanto existam.

Podemos acrescentar que o desemprego nos docentes atinge neste momento números preocupantes: 4.500 no ensino primário, 10 por cento dos quais professores agregados, e cerca de 6.500 no ensino preparatório e secundário.

Por outro lado prevê-se que seja este o último ano em que vigora o actual sistema de colocações, já que, se for satisfeita a reivindicação dos sindicatos da classe — e tudo leva a crer que sim — a partir do ano lectivo de 1980/81 os contratos serão plurianuais.

Reforçamos por a nossa solidariedade na luta comum contra o imperialismo. Lutemos pelo Poder Popular.

*A luta continua
A vitória é certa*

Agostinho Neto Pres. MPLA Pres. Rep. Pop. Ang.

Garcia dos Santos substitui Eanes interinamente

Pág. 10.

Hoje há



post-scriptum

QUAIS OS DIREITOS DOS AUTOMOBILISTAS CONTRIBUINTES?

Foi no dia 19 de Agosto de 1979, pelas 18 horas um domingo de Agosto em horas de ponta em pleno Verão.

Na estrada de Lisboa à Figueira da Foz e já perto desta última cidade a cerca de 1 km. da velha ponte da Figueira, duas infundáveis filas de automóveis, uma proveniente do Sul e a outra do hospital da Figueira e das praias da Gala, arriscavam-se e ameaçavam-se no entroncamento da Gala lutando por um lugar na caminhada de 2 km. até à Figueira o que prometia levar horas. Um pandemónio! O caos...

E pasmai... «Oh! gentes!»... Nem um agente da GNR num entroncamento dos mais conflituosos em zonas de praias em horas de ponta domingo de Agosto em pleno Verão!... Falta de pessoal, desorganização, incoerência da GNR pelo automobilista? Quem sabe?

Logo a seguir surge a velha ponte da Figueira da Foz tão comprida que de uma ponta não se avista a outra e tão estreita que quando avança o trânsito sul norte espera o norte sul e vice-versa! A circulação é conduzida por semáforos comandados à distância numa casota de madeira, por um homem.

Assim, o trânsito que chega à entrada sul da ponte, outra orientação não tem para se aventurar nela, que um semáforo irregular, duvidoso, avariado, descontrolado, ilegal? Quem sabe? Apagada a luz verde na parte inferior surge logo ao meio a luz vermelha — a amarela não existe — e depois de longa e anormal espera surge nova luz vermelha de visão reduzida, agora na parte superior... Como? 2 sinais vermelhos seguidos? Avariado? Descontrolado? Nunca visto internacionalmente? Sei lá? Quem sabe?

E pasmai... «Oh! gentes!»... Mais uma vez — é de mais — nem um agente da GNR? Isto em zonas de praias em horas de ponta domingo de Agosto em pleno Verão! Que garantia oferece este semáforo anormal como única orientação no local e hora de engarrafamentos constantes?

Assim, aconteceu! Os automobilistas alucinados, unanimemente convencidos de que a repetição do sinal vermelho se tratava de avaria e saturados pela falta de assistência de uma GNR a quem devia cumprir exactamente a protecção dos condutores nestas e outras ratoeiras da estrada avançaram com o duplo sinal vermelho e no final da velha ponte então sim!... Ai estavam nada menos que quatro agentes da GNR todos juntos, todos poderosos encantados da vida à espera dos incautos, e mandá-los encostar à margem, ao posto da GNR e não eram poucos os desprotegidos da estrada que vinham em fila e eram apanhados aos bandos.

Foi de faltar vilanagem!... Multas e cartas apreendidas foram aos montes para juntar aos montes que já lá haviam caído... E aí está o serviço prestado ao País pela secção de trânsito da GNR na velha ponte da Figueira da Foz no dia 19 de Agosto de 1979 pelas 18 horas, domingo de Agosto em horas de ponta em pleno Verão!

Quem sabe a que horas teria começado o massacre nesse dia? Quem sabe quantos locais como este terá a GNR montado pelo País?

Quem sabe se o automobilista português paga o seu carro ao preço mais caro do mundo? Quem sabe ainda se o péssimo estado das nossas estradas não eleva para o dobro o preço desses carros?

Quem sabe se paga a gasolina mais cara do mundo? Quem sabe se o preço da gasolina que há poucos anos dava para manter 3 guerras em África não chega agora para manter um agente da GNR de cada lado da velha ponte da Figueira e outro no pandemónio do entroncamento da Gala pelo menos nas horas de ponta em domingos de Agosto em pleno Verão?

Quem sabe até se não seria melhor poupar ao País as divisas em motos, carros e gasolinas que a GNR anda a gastar nas estradas, tendo em atenção que após o 25 de Abril de 1974 e durante o longo tempo em que deixaram as estradas de ser policiadas, o resultado foi que diminuiu paradoxalmente o número de acidentes segundo informação oficial da própria GNR tornada pública ao País pelo já falecido Filipe Nogueira no seu programa televisivo de então, «Sangue na Estrada»?

Quem sabe se o automobilista português será hoje o maior contribuinte nacional e, como tal, para começar, resolve agora convidar a GNR bem como a Direcção-Geral de Viação a um esclarecimento público e imediato nos órgãos de comunicação social sobre este caso, a saber?

Quantas cartas foram apreendidas no dia 19 de Agosto de 1979 durante os meses de Julho e Agosto de 1979 e ainda durante todo o ano de 1978?

Considera a DGV legal, normal e eficiente a deformação de um sinal internacional como o semáforo, única sinalização no extremo sul da referida velha ponte numa zona de engarrafamentos, de praias em horas de ponta domingos de Agosto em pleno Verão?

E nestas condições a GNR e a DGV consideram correcto quatro agentes da GNR juntos no extremo norte da velha ponte em lugar de distribuídos pelos dois extremos e pelo entroncamento da Gala?

Um local como este onde se repetem em catadupa as apreensões de cartas merece algum reparo da D.G.V. no sentido de evitar tais repetições e para efeito do julgamento dos condutores? Existe um cadastro também destes locais? Quantos existem no País e onde?

Há ou não percentagem nas multas para a GNR? Qual a percentagem?

Com que critério, consciência e justiça vai a Direcção-Geral de Viação manchar ou agravar os cadastros dos automobilistas assaltados pela GNR no dia 19 de Agosto de 1979 na velha ponte da Figueira da Foz pelas 18 horas, zona de praias, domingo de Agosto em pleno Verão?

Um leitor devidamente identificado

DE-NOS NOTÍCIAS PELO TELEFONE 32 02 29

Contacte a Redacção do «Diário de Lisboa» através do nosso serviço automático de gravação de telefonemas, ao seu dispor entre as 21 horas e as 8 da manhã.

Amnistia no Brasil

O que quer dizer?

O General João Baptista Figueiredo, quinto presidente militar do Brasil desde a derrubada do governo constitucional do Dr. João Goulart, em 1964, sancionou em fins de Agosto uma Lei de «amnistia restrita» votada pelo Parlamento por escassa maioria de 6 votos e contrária às tradições de amnistia ampla dos passados dirigentes civis e militares do país. Apesar das suas limitações e das aberrações jurídicas que contém, essa amnistia já permitiu a libertação da maioria dos presos políticos e o regresso de numerosos exilados, inclusive o ex-governador do Rio Grande do Sul, engenheiro Leonel Brizola. Sábado, 15 de Setembro, deverá desembarcar no Rio de Janeiro o outro exilado de maior peso político nacional, o ex-governador de Pernambuco, Miguel Arraes.

São múltiplos os significados desta lei de amnistia. Do ponto de vista das forças populares representa um passo no rumo do restabelecimento das instituições democráticas, uma vitória conquistada através da mobilização de centenas de comités pró-amnistia, tanto no Brasil como no exterior. Essa mobilização sensibilizou sobretudo os grupos intelectuais, universitários e a classe média urbana mas, nos últimos tempos, conseguiu o apoio do movimento sindical e de todas as tendências ideológicas existentes na Igreja católica. Na medida em que a chamada «democracia burguesa» sempre foi defendida no Brasil pelas camadas populares e violada pela burguesia, esse passo vitorioso é de grande importância como um indicador do futuro. Do ponto de vista do regime vigente, a amnistia buscou atingir uma série de objectivos tácticos conjunturais. Em primeiro lugar, representa uma tentativa de recomposição da sua base de sustentação de 1964, que então se alargava até mesmo aos sectores mais desfavorecidos das classes médias. Essas bases foram erodidas por quinze anos de uma política económica tendente a concentrar o rendimento nacional nas mãos dos 5% mais ricos, por um violento processo de desnacionalização dos diversos ramos da economia, pela alienação de terras e riquezas naturais a empresas multinacionais, por uma sucessão de escândalos financeiros envolvendo administradores de altas responsabilidades e, finalmente, pela insegurança que todos sentem ante um gigantesco aparelho de repressão que por muitos anos matou e torturou na mais completa impunidade e irresponsabilidade. Os sinais da perda do apoio das classes médias manifestaram-se inclusive nos meios militares, através da candidatura do general Euler Bentes, defensor de ideias nacionalistas e democráticas, contra a do general Figueiredo. A amnistia representa, igualmente, uma intenção de abrandar por via política os intensos conflitos económicos e sociais que nos últimos meses opuseram o governo e o empresariado aos sindicatos. Finalmente, representa a possibilidade de se importarem bodes expiatórios, sobre quem se tentará jogar a culpa das explosões populares geradas pela fome e pelas reduções de salários, no caso dos exilados se recusarem a amparar a política governamental, servindo de freio do povo.

A situação social do Brasil é explosiva dado o acúmulo, ao longo do tempo, dos erros de uma política económica inalteradamente seguida pelos generais que se revezaram no poder. Em 1973, por exemplo, o governo manipulou as estatísticas sobre o aumento dos preços ao consumidor, que declarou ser de apenas 14%. Sobre esse cálculo estabeleceu os aumentos salariais mas, em 1977, foi obrigado a reconhecer, através da direcção da Fundação Getúlio Vargas, a principal instituição de investigações económicas oficiais, que o aumento real fora de 24,8%, confessando assim que os trabalhadores haviam sido privados de 10,8% do poder aquisitivo dos seus salários. Por outro lado, dada a prioridade existente para a agricultura de exportação e a produção de bens industriais de luxo ocorreram aberrações impressionantes: por exemplo — enquanto a produção de automóveis cresceu de 280% na última década, a de feijão diminuiu de 9,6%, a de milho aumentou de apenas 5,6% e a de arroz de 8,9%. Essa retracção da oferta de alimentos em um país cuja população cresceu no período 31,9%, ou seja, 24 milhões de pessoas, fez com que o preço da alimentação fosse multiplicado por 15 enquanto o custo de vida subia 11 vezes. Tendo em vista que a alimentação consome de metade a quase totalidade dos salários

Márcio Moreira Alves

dos trabalhadores brasileiros, não é de estranhar que tenham havido 83 greves nos 5 primeiros meses deste ano e que neste princípio de Setembro estejam em greve os bancários do Rio Grande do Sul e do Rio de Janeiro e os metalúrgicos do Rio e de Santa Catarina. Não é de estranhar também que, segundo dados oficiais, 33 milhões de brasileiros vivam ao nível de «miséria absoluta», que a prostituição infantil tenha chegado ao ponto de ser um escândalo internacional denunciado pela Organização Internacional do Trabalho e que existam cerca de 10 milhões de crianças abandonadas pelas ruas das cidades.

Qual a responsabilidade dos exilados diante deste quadro? Evidentemente, nenhuma. A perseguição que sofreram dos sucessivos governos autoritários chegou ao ponto de negar-lhes a nacionalidade brasileira e de proibir a menção dos seus nomes nos meios de comunicação submetidos à censura policial. Os que se conservaram politicamente activos procuraram, através dos parcos meios de que

dispunham, denunciar as distorções que ocorriam, alertar para as suas consequências. Ao voltarem não quererão o papel de bodes expiatórios mas mesmo que quisessem retirar do fogo as castanhas de empresários ostentatoriamente opulentos e do seu governo não poderiam fazê-lo. Nestes quinze anos surgiram no Brasil lideranças políticas novas e um grupo de sindicalistas de grande coragem, forçados por lutas travadas nas mais duras condições de opressão. Serão eles que conduzirão o processo de confrontação em curso. Os que vierem do exterior dispostos a se reintegrarem na busca de um pouco mais de justiça social poderão somente apoiá-los e dizer o óbvio: trabalhador pago decentemente não faz greves.

* Exilado durante anos em Portugal, o deputado brasileiro (cassado) Márcio Moreira Alves, exerceu funções docentes no Instituto Superior de Economia, de Lisboa.

CELULITE

FINALMENTE VOCÊ VAI PODER RESOLVER EM MENOS TEMPO E COM MAIS SEGURANÇA O SEU PROBLEMA DE CELULITE.

Estética 2000, com a mais moderna e sofisticada aparelhagem e uma equipa médica com certificado de estágio obtido no país onde a técnica, para o tratamento desta doença, está mais avançada, resolverá com êxito o seu problema.

CONSULTE-NOS:
A NOSSA CONSELHEIRA ESPERA POR SI!!...



Rua Camilo Castelo Branco, 31 r/c. - Lisboa
Telefones: 54 68 95 - 54 70 94



Electricidade de Portugal, EDP
/Empresa Pública

ZONA DE DISTRIBUIÇÃO SETÚBAL

AVISO AOS CONSUMIDORES

Para realização de trabalhos nas instalações desta Empresa, no próximo domingo, 16 de Setembro, será interrompido o fornecimento de energia eléctrica em baixa tensão nas seguintes zonas:

CONCELHO DE ALCOCHETE: Torre, Samouco e Docas, das 07 h 00 m às 14 h e 00 m.

CONCELHO DO SEIXAL: Godinho, das 07 h 00 m às 8 h 00m.

Vale d' Ossos, Piscina, Curvas e Colorau, das 07 h 00 m às 11 h 00 m.

Lisboa, 15 de Setembro de 1979

Pela ELECTRICIDADE DE PORTUGAL, E. P.

Zona de distribuição Setúbal

O Director
Júlio de Barros

UMA CANÇÃO... TRÊS DESTINOS

TALAASH



Com.: NADEEM · SHABNAM · MUMTAZ · BABRA SHARIF
Prod.: ISHAQUE MIRZA PERVEZ MALIK Real.: PERVEZ MALIK

ÊXITO
2.ª SEMANA SESSÕES: 14, 16.30 e 21.30

Camões

ponto a ponto



O líder do Partido Trabalhista Brasileiro, Leonel Brizola, enviou para o PS português o seguinte telegrama: «Ao regressar ao Brasil depois de 15 anos de exílio quero expressar minha profunda gratidão ao PS português, especialmente ao dr. Mário Soares, secretário-geral, e ao dr. Rui Mateus, secretário internacional, pelo empenho militante para com a causa da democracia brasileira e pela demonstração de efectiva solidariedade para com o PTB e a minha pessoa».

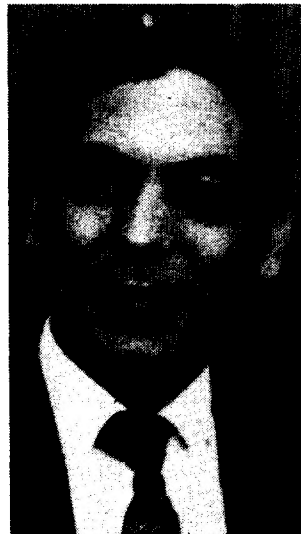


O MDP/CDE, em documento antenonem divulgado, apelou para o Governo de Lurdes Pintasilgo no sentido de que este revogue um decreto do Executivo de Mota Pinto referente a transferências por exonerações de trabalhadores. O decreto que o MDP/CDE pretende ver revogado diz que a «conveniência de serviço» é fundamento suficiente para a transferência ou exoneração de trabalhadores e tem o número 356/79.

No primeiro dia duma visita oficial de quinze aos Estados Unidos, o cor. Loureiro dos Santos, ministro da Defesa, teve ontem um encontro com o adjunto do assistente de Carter para assuntos de Defesa, David Aaron, e outro com o subsecretário de Estado para os Assuntos Políticos, David Newson. Segundo a Anop, esta visita de Loureiro dos Santos é encarada em Washington como uma oportunidade para esclarecer a política em Portugal.



Em representação do general CEMGFA segue dia 17 do corrente para o Luxemburgo o chefe do EME, gen. Pedro Cardoso. Este militar tomará parte, dia 18, numa reunião dos chefes de Estado-Maior da NATO e visitará, dia 21, o MNR/SHAPE em Mons, e, no dia 24, a delegação portuguesa o representante militar português em Bruxelas.



O primeiro embaixador de Portugal na República Popular da China, António Ressaño Garcia, teve ontem em Pequim um encontro com o ministro chinês dos Negócios Estrangeiros, Huang Hua, com quem tratou das modalidades de apresentação das suas credenciais. Notícia da agência Nova China, veiculada pela Anop. Ressaño Garcia está em Pequim desde segunda-feira.

CARLOS FERRÃO, O ÚLTIMO REPUBLICANO

JOÃO MEDINA

Ficava indignado quando alguém lhe falava em «primeira» ou «segunda» República: — República há só uma, a chamada «primeira», aquela que acabou definitivamente em 1910!... E depois, com melancolia: — Acabou em 1926. Depois veio a Ditadura, o Salazar mais os monárquicos... Nunca mais houve outra. República há só uma, a que durou 16 anos, de 1910 ao 28 de Maio!

Talvez tivesse razão. O «Estado Novo» foi acaso «republicano»? Não teria passado antes duma pseudo-República governada pelos seus inimigos mais mortais, os sequeiros do Pelicano, vitoriosos à maneira de Pirro, ou seja, guindados ao Poder mas impedidos de coroar a sua obra de destruição anti-republicana e antidemocrática com o desfecho lógico e indispensável da obstinada obra de sapa contra o regime implantado no 5 de Outubro de 1910, — a restauração do Rei, a realza hereditária? Em vez disso, tiveram de se contentar com uma «mono-arquia», termo pérfido inventado pelo tráfugo do Integralismo chamado Marcelo Caetano, um dos «jovens lobos» da ultra-sectária revista *Ordem Nova*. Quase todos se amoldaram aliás a esta prestidigitação verbal, trocando a Monarquia dos Pequitos Rebeldes e dos Monsarazes pela interesseira mono-arquia salazarista dos Caetanos e Teotónios Pereira. Mas o certo é que, uma vez baixado à cova escura, o Maquiavel de Santa Comba levava consigo não só a República que ele mesmo combatia — fora objecto duma sindicância em 1919, depois de fracassada a revolta de Monsanto e caída a efémera Monarquia do Norte — mas também a causa monárquica, que arruinara de vez em 1932, ao subir para a chefatura do governo, bafoado aliás pelas Parcas, que cortaram o fio da existência do exilado D. Manuel I poucos dias antes de Salazar ser empossado como primeiro-ministro (perpétuo) daquela tão estranha República integralista que um teórico do Pelicano real designara como «falso cesarismo» e «falsa monarquia», mais exactamente «uma República de contrabando, mascarada e sorna» (Luís de Almeida Braga) e que outro paladino do mesmo lábaro realista definira como «remota República de condas» (Hipólito Raposo). Em suma, como me dizia tantas vezes o meu amigo Carlos Ferrão: — Primeira República? Segunda República?... Disparates! República há só uma, a que começou em 1910 e acaba em 1926...

Creio que tinha razão. Depois de 1926, e sobretudo depois de 1932, a República tornou-se afinal tão mítica e fictícia como a própria Monarquia dos que continuavam a aguardar o impossível regresso da realza que baqueira, sem defensores nem glória, na Rotunda, no tão longínquo Outubro de 1910. Ficava o «Estado Novo», pseudo-fascismo «beato», clericalão e monarquizante, feito por monárquicos que trocaram a quimera da restauração do Rei pela manhosa submissão do Ditador glacial, aquele mesmo que confessara um dia desejar ser o primeiro-ministro dum rei absoluto. Morto D. Manuel II em co-moços de Julho de 1932, poucos dias antes de Salazar tomar conta do Estado português, mantida a fórmula realista acesa tão só no coração e na fantasia neomiguelista de uns quantos Galaazes que tinham de acatar um residente estrangeiro da estirpe do Usurpador banido em 1834, tanto a República — a primeira — a única! — como a defunta Monarquia se anulavam mutuamente e, abraçadas depois de tantas pugnas teóricas e práti-

cas, baixavam juntas à mesma cova, ficavam lado a lado no campo-santo da História, dois irmãos inimigos que caíam trespassados pelas mesmas espadas com que mutuamente se acutilavam. E o Octávio coimbrão, o Tirano de Santa Comba, herdava assim o ceptro e a bandeira verde e vermelha. Mantinha o calendário formalmente jacobino, permitia que uma fórmula integralista viesse rematar os ofícios encimados pela heráldica de 1910, perseguia os que nas ruas se lembravam de gritar, uma vez por ano, junto dos cemitérios — dos cemitérios, note-se! — Viva a República!, dava os lugares de chefia militar, diplomática, administrativa e intelectual àqueles que desde as incur-sões couceiristas até ao 28 de Maio tinham combatido o barrete frígido e queriam restaurada a bandeira azul e branca, o pendão «malhado» dos malditos liberais que tinham escorraçado de Portugal o Usurpador, esse



Carlos Ferrão, com o ministro Almeida Santos, então titular da Comunicação Social, no acto de apresentação da «Pequena História da República», editada com a chancela de «Terra Livre», por iniciativa de João Medina, director-geral da Divulgação e Acção Cultural

mesmo que está na origem dos chamados «legitimistas» (ó paradoxo: chamar legitimistas aos descendentes do Infante que traíra o juramento à Carta outorgada e representava o velho Portugal doido, sebastianista e perimido!). E hoje, restaurada — o quê? a República de 1910?... — a legalidade democrática, formalmente republicana, a nossa vida pública — não se chama «Assembleia da República» o nosso Parlamento?... — que é feito afinal da República? Está na História, é História — nada mais. Assim o pensava Carlos Ferrão, recalcitrante defensor do passado republicano ao longo de tantos anos de ditadura antidemocrática, intemerado advogado da causa dos vencidos do 28 de Maio durante a longa prepotência monárquico-conservadora-republicano-salazarista; Carlos Ferrão, o último republicano do nosso tempo...

Quase toda a sua vida se passou em porfiadas e contundentes campanhas pela «verdade» da República contra as calúnias, as iniquidades pseudo-historiográficas e as falsificações de quantos caluniavam na obra da «primeira» República — tão im-perfeita, tão fruste, tão equivocada, não propriamente aquilo que esta honestamente fizera ou tentara fazer mas o que nela havia afinal de simplesmente democrático e democratizante, o seu irredutível apelo à Liberdade, à Igualdade e à Fraternidade. Por isso os que o atacavam na imprensa ou em livros biliosos visavam sobretudo justificar o «Estado Novo» e as suas acções liberticidas: eram nazistas, gazetelheiros de baixo estof, literatos de terceira categoria — eles ainda hoje por aí ganem em pasquins neo-salazaristas —

ou monárquicos afectos a Salazar e que, a coberto duma censura evidentemente parcial, insultavam as obras em que Carlos Ferrão procurava revalorizar certos aspectos da República ou da acção dos seus próceres, alguns dos quais eram de facto dignos de vitupérios. Sempre enredado em polémicas, escreveu apesar disso algumas obras de leitura indispensável e fecunda, livros como *O Integralismo e a República* (3 volumes), estudo truncado pelo verdadeiro ulular pidesco dos inimigos da democracia, *Em Defesa da República* e, sobretudo, essa inacabada *História da República*, publicada pela Editorial Século em 1960, estudo de enorme interesse factual e que infelizmente se queda pelos primeiros momentos do novo regime, já que continua inédita, nas mãos da

antigo gerente da União Fabril, o banqueiro da Casa Tota e o homem da futura CUF, vítima dum atentado ocorrido na sequência das perturbações da revolução radical, de 19 de Outubro de 1921.

O *Século* forneceu a Carlos Ferrão um motociclista com um engenho dotado de *side-care* mandou-o para Leiria investigar o atentado contra Alfredo da Silva. Escondido em Sintra logo que se deram os eventos revolucionários, Alfredo da Silva refugiara-se primeiro em casa da sogra, a condessa do Cartaxo, mãe dos célebres Melos que mais tarde governariam o império da CUF. Depois tomou o combóio no Cacém, disfarçado de galego, para se homiziar em Espanha. Os ferroviários, ao saberem porém da sua fuga, deram o alerta e Alfredo da Silva, cuja corpulência era de molde a torná-lo facilmente identificável, foi reconhecido na estação de Leiria, retirado do vagão onde viajava, muito maltratado pelos presentes, pisado, socado e até atingido por um tiro de revólver. Levado para o hospital local, foi ali operado. Ora o *Século* nunca fora terno para com o banqueiro e industrial, tendo-o uma vez caricaturado com um capacete alemão, uma vez que eram conhecidas as suas simpatias pró-germânicas e sidonistas. De modo que, ao conseguir enfim entrar no hospital onde o banqueiro agonizava, muito ferido e combatido, Ferrão teve de enfrentar Alfredo da Silva: este esbracejou na cama ao saber que o repórter que se avizinhava era mandado pelo detestado periódico. Escreveu Carlos Ferrão no *Século* de 23 de Outubro de 1921:

«Está desfigurado, o rosto disforme, os olhos de míope salientes, agora inchados, destacando na face, roxa de contusões.

Fala com dificuldade, a respiração opressa, um nervosismo estranho domina-o, o espectáculo da multidão que não perdoo, sempre a incomodá-lo. A sua conversa é um esforço de vontade, uma necessidade de reabilitação perante as injustiças dos que o não conhecem. (...)

A frase repetida, como verdade de que ninguém deve duvidar, vem até nós, mais uma vez: — Só lastimo que me chamem ladrão.

la exaltar-se. Fez um esforço para se erguer nas almofadas.

— Era legítimo. Eu procurava salvar-me. Corriam boatos. Disse-se que me procuravam insistentemente, a fim de me liquidarem. Falei com os meus. Aconselharam-me a fuga. Retirei-me.

O sr. Alfredo da Silva tem de parar a espaços, ofegante, as sílabas mais demoradas, na narrativa, que prossegue (...)

Mas o que Carlos Ferrão não conta, nesta entrevista de há mais de 50 anos, é que a recepção do magnate que os outubristas queriam abater foi inamistosa por saber que tinha diante de si o concorrente da *Imprensa da Manhã*, o órgão criado pelo próprio tubarão da União Fabril para convulsionar a já conturbada vida política portuguesa. Esbravejando na cama, recusara-se a ser entrevistado pelo enviado do *Século* — esse jornal que em fins de 1924 seria comprado pela União dos Interesses Económicos para lançar a candidatura desta central do di-nheiro e dos grandes agrários interessados em liquidarem de vez a malfadada República dos «demagogos» e dos «bolchevistas»... Mas o ferido lá foi respondendo, no meio de impracáveis, uivos e gemidos, às perguntas do atrevido repórter do *Século*,

Continua na pág. 4

COMUNICAÇÃO SOCIAL

CI para a Imprensa pronuncia-se sobre Conselho de Gerência "Século/Popular"

● Rejeição não obsta à nomeação

O conselho de Informação para a Imprensa, ao apreciar o pedido de parecer solicitado pelo ministro da Comunicação Social para a nomeação do dr. Jorge Pegado Liz, na qualidade de presidente, dr. Miguel João Rodrigues Bastos e major José Carlos dos Santos Cruz, como vogais, para o Conselho de Gerência da Empresa Pública "Século/Popular", deliberou, por maioria, rejeitá-la.

A reunião do CI processara-se em virtude de uma proposta favorável à nomeação da iniciativa de um conselho do CDS.

Votaram contra a proposta do referido conselho cinco representantes do PSD e dois do CDS, e a favor quatro conselheiros (três do PCP e oponente). O PS (oito conselheiros) absteve-se.

No decurso da reunião, no entanto, não foi proposto qualquer parecer desfavorável à citada nomeação.

Na declaração de voto, o PS justificou a abstenção afirmando que «embora sendo louvável a exoneração do Conselho de Gerência da EPSP, o Partido Socialista entende que a exoneração do vogal João Represas da Mata é, pelo menos, incompreensível e arbitrária, tendo até em atenção o apoio que uma larga maioria de trabalhadores do «Diário Popular» lhe tem manifestado, e que está consubstanciada num «abaixo-assinado» de repúdio à decisão do Governo. Por outro lado, os «currículos» dos novos membros «não são suficientes para permitirem uma atitude quer favorável, quer desfavorável por parte dos socialistas».

O PCP, por sua vez, na sua declaração de voto, declara que «não obstante as reservas que parcialmente lhe merece a composição do Conselho de Gerência da EPSP, os representantes

do Partido Comunista Português votaram no sentido de que a nomeação proposta não suscitasse a oposição do Conselho de Informação, tendo em vista não obstar este primeiro passo para uma normalização necessária, na expectativa de que à substituição do anterior Conselho de Gerência corresponda a rectificação de múltiplas ilegalidades e arbitrariedades praticadas e patrocinadas pelo anterior Conselho de Gerência e ainda no pressuposto essencial de que serão adoptadas as medidas adequadas para repor ao nível da Direcção do «Diário Popular» uma orientação democrática, isenta e pluralista».

O PSD votou contra por (entre outros motivos...) «não lhe merecer confiança política a actualização deste Governo» — e os elementos do CDS contrários justificaram o voto «por não lhes merecer confiança a equipa nomeada pelo ministro da Comunicação Social».

CI PARA A RTP — PARECER FAVORÁVEL

O Conselho de Informação para a RTP, ontem reunido, deliberou não se manifestar desfavoravelmente em relação aos nomes propostos pelo ministro da Comunicação Social para o preenchimento de lugares vagos na Comissão Administrativa da RTP.

Esta deliberação foi tomada por maioria, com os votos favoráveis do PCP, voto contrário do CDS e a abstenção do PS, PSD e UDP.

Hoje reúne-se, em princípio, o CI para a Radiodifusão Portuguesa (RDP).

PODER LOCAL

Defesa do artesanato passa também pelas autarquias

A dinamização das comissões de moradores, comissões de aldeia, casas do povo, associações de cultura e recreio e outras organizações populares impõe-se numa política de protecção e promoção do artesanato, segundo artigo inserto na última edição de «O Professor», da autoria de Helder Pacheco. Quanto à acção, nesse sentido, a desenvolver pelas autarquias propõe-se a organização de museus, colecções ou exposições permanentes de artesanato local, inventário das tradições, estudo de esquemas de apoio e divulgação das mesmas, implantação de lojas para venda de produtos artesanais, etc.

O artesanato, como fenómeno social com profundas incidências económicas e culturais, exige medidas adequadas de protecção e expansão.

Que medidas?...

INTEGRAÇÃO DAS CONQUISTAS DA CIÊNCIA

A necessidade, por exemplo, de «integrar as conquistas da ciência e da técnica no campo da cultura e de todas elas na vida corrente dos homens de uma sociedade».

Importa também «definir uma política educacional que associe a aquisição e a prática culturais à formação da personalidade de todos os cidadãos e promova a participação destes no desenvolvimento económico e social do País».

Outro ponto que carece de atenção é o da necessidade de estruturar um projecto educativo que «forme as crianças na compreensão de que as transformações socio-económicas e culturais inevitavelmente derivadas do progresso da ciência e da tecnologia são compatíveis e terão que ser coerentes com a preservação e a promoção dos componentes de uma personalidade cultural alicerçada nas mais profundas tradições democráticas do País».

Acentua-se que o desenvolvimento do conhecimento e respeito dos valores culturais produzidos pela classe trabalhadora «pode constituir um reforço e o



assumir de uma identidade nacional, um estímulo à resistência ao imperialismo no plano cultural e um factor fundamental na elaboração de uma nova cultura, que corresponda às realizações, aspirações e necessidades materiais e espirituais do povo português e à dinamização da inserção do País num mundo em rápida transformação».

TRADIÇÃO E NOVOS HÁBITOS

Um projecto de transformação do País numa democracia que aponte ao socialismo «não poderá deixar de associar a defesa das grandes conquistas operadas nos sectores económicos, sociais e políticos à defesa e promoção das tradições culturais do povo (compreendendo o seu reconhecimento, respeito, salvaguarda ou reconversão) por ser aquele em que a ciência, a técnica e a cultura dão forma a um conceito de desenvolvimento ao serviço das populações».

Um projecto cultural para este tipo de transformação social «tem de definir as condições para empreender com êxito a difícil tarefa de recuperar as tradições e de as conjugar com os novos hábitos e necessidades de bem-estar criados pela sociedade actual».



Importa definir condições para empreender com êxito a difícil tarefa de recuperar as tradições e de as conjugar com os novos hábitos e necessidades de bem-estar criados pela sociedade actual

Carlos Ferrão

Continuação da pág. 3

sobretudo desde que este, aproveitando um momento de fadiga da ilustre vítima, lhe explicou: — Imagine o sr. Alfredo da Silva que o senhor dava uma ordem a um empregado seu e que este lhe aparecia mais tarde sem ter cumprido o que lhe mandara fazer? Ora o director do **Século** mandou-me numa motocicleta a Leiria para o entrevistar, isto no meio dum temporal medonho... Que dirá ele se eu voltar de mãos abanar, sem a entrevista com o sr. Alfredo da Silva, alvo dum atentado quando fugia para Espanha?...

E o combalido magnate, arfando como um hipopótamo crivado de azagaias pelos caçadores, olhou-o com espanto — acabando por condescender em dar a entrevista que foi depois telefonada para Lisboa e metida nos prelos desse jornal que durante anos foi o mais informado e o mais azougado de toda a imprensa portuguesa. Hoje, hoje que o meu amigo Carlos Ferrão acaba de desaparecer aos 81 anos, não posso deixar de evocar a sua reportagem em Leiria, acerca de um dos monstros sagrados da plutocracia portuguesa, quando o jovem repórter do **Século**, disparado para lá dum **side-car** no meio de trovões e bátegas de água, saltou para junto do leito de um dos grandes desta pequena terra, poucos dias depois da célebre «noite sangrenta», numa das épocas

mais conturbadas da vida portuguesa. E evoco não só o amigo, o jornalista atrevido e aguerrido, mas o historiador, o advogado da «primeira» República, o coriário republicano e democrata que durante tantos anos, no seu **side-car** invulso, arrostou com os temporais da mais longa ditadura portuguesa para deixar — anonimamente, como neste caso ou no da sua **História da República** — o testemunho vivo, sincero, autêntico e directo da verdade.

Mas o mesmo atrevimento, por vezes imprudente, que o levava a escrever crónicas antinazistas durante a última guerra, era também aquele que o movia a não esmorecer em prol dos ideais duma República — a única que houve, já se vê — que, apesar de todos os seus defeitos, tinha, ainda que desvirtuada e porventura torpe, um apelo de liberdade, um anseio de igualdade e de fraterna união de todos os portugueses, que torna a proclamação lida por José Relvas, na varanda imortal dos Paços do Concelho, na manhã de 5 de Outubro de 1910, precursora afinal da madrugada esplêndida do 25 de Abril de 1974 — esse Relvas que, juntamente com o seu saudoso camarada, agora desaparecido para sempre, ajudei a fazer ressurgir do silêncio sem fundo onde o salazarismo o soterrara, ao editarmos as suas belas e imperecedouras memórias.

Titular do MCS promete melhor acesso às fontes de Informação

O ministro da Comunicação Social major João Figueiredo, recebeu uma delegação da Associação da Imprensa Estrangeira em Portugal.

Os representantes dos correspondentes estrangeiros manifestaram ao titular da pasta a necessidade de manter um contacto mais regular com os órgãos do Poder, com o objectivo de facilitar o seu acesso às fontes de informação.

João Figueiredo acolheu favoravelmente as sugestões, e adiantou que dentro de muito pou co tempo seria posto em prática um projecto de dinamização das relações entre o Governo e os órgãos de Comunicação entre os quais correspondentes estrangeiros acreditados em Portugal.

Já publicada PRT para a RTP

A Portaria Regulamentadora de Trabalho para a Radiotelevisão Portuguesa foi já publicada no Boletim do Trabalho e Emprego, editada pelo Ministério do Trabalho.

A delegação da Associação da Imprensa Estrangeira era composta pelo seu presidente, Mário Dujisin (IPS), vice-presidente Diego Carcedo (TVE) e ainda pelos vogais Mary Castanheira (WSJ) e Ramon Font (EFE).

"O Século" em discussão nos trabalhadores na Imprensa

O Sindicato de Trabalhadores na Imprensa convocou para amanhã, a partir das 16 e 30, uma reunião de sócios que trabalhem em «O Século», reunião a efectuar na sede do Largo da Trindade.

Ordem de trabalhos: «Informação sobre as verbas a atribuir aos trabalhadores de «O Século» e «Análise da situação».

No decurso da reunião, a Comissão Directiva Sindical dará a conhecer as informações que lhe foram prestadas pelo chefe do gabinete do titular da pasta do MCS.

"Frutos 79"

— mais de cem mil visitantes

Segundó a Câmara Municipal das Caldas da Rainha, a «Frutos 79», realizada naquela cidade no passado mês de Agosto, «arrastou mais de 100 mil visitantes que movimentaram verbas su-

periores a 90 mil contos nos mais diversos negócios».

A procura centrou-se, nomeadamente, nos sectores da maquinaria agrícola e afins, embalagem e frutos transformados.

GRANDIOSOS SALDOS

BOUTIQUE BIG BEN

AV. RESSANÓ GARCIA, 34-D — LISBOA

TELEFONE: 53 57 20

MINISTÉRIO DOS ASSUNTOS SOCIAIS
DIRECÇÃO GERAL DOS HOSPITAIS
HOSPITAL DE PULIDO VALENTE

SERVIÇO DE APROVISIONAMENTO

CONCURSO PÚBLICO N.º 37/79

FORNECIMENTO DE FRUTAS

Até às 10 horas do dia 24 de Setembro de 1979, aceitam-se propostas para o concurso acima indicado.

Os cadernos de encargos encontram-se patentes, todos os dias úteis, nos Serviços de Aproveitamento — Secção de Prospeção de Mercados — deste Hospital, onde os interessados podem solicitá-los às horas normais de expediente.

O Chefe de Repartição

(ANTÓNIO JOSÉ MADUREIRA PIMPAREL)

Combate à droga: em questão o Centro Regional de Lisboa

● Há quem se preocupe com "problemas menores"

Falar de «droga» na Rádio, na TV ou nos jornais é correr um risco: o risco de que uma acção que se pretende preventiva ou profiláctica se possa transformar em mero instrumento de propaganda de um flagelo social, com todas as consequências negativas inerentes.

A observação consta de uma nota da Presidência do Conselho de Ministros, que reafirma a total disponibilidade dos serviços do Gabinete Coordenador do Combate à Droga, Centro de Investigação e Controlo, Direcção Nacional do Centro de Estudos de Profilaxia e das Direcções Regionais do Centro de Estudos da Profilaxia da Droga para informar e colaborar com os órgãos da Comunicação Social, alguns dos quais, em relação ao tratamento informativo sobre o fenómeno pode ser uma «faca de dois gumes», como se afirma no documento, devendo ser feito com prudência, economia e equilíbrio.

Isto, a propósito do «louvável e legítimo interesse dos jornalistas

por um problema tão preocupante como é o do consumo e abuso das drogas», num momento que «não seria de prever», acrescenta a nota. E explica: «as razões são simples — é que, desde a criação, em 1976, das estruturas oficiais do Combate à Droga, os resultados obtidos e a evolução do fenómeno apontam, clara e objectivamente, para uma recessão do consumo de drogas, sobretudo de casos mais graves, e não para um agravamento do mesmo, como poderá deduzir-se em termos de opinião pública do conteúdo de algumas notícias».

A nota entra depois no cerne da questão, o Centro Regional de Lisboa, que terá originado todo o conjunto de notícias sobre a matéria. E reconhece que «se trata de uma situação irregular para a qual foram, em tempo oportuno, propostas medidas correctas e que, desde Abril de 1979 aguarda solução (a qual será obtida a partir das conclusões da sindicância actualmente em curso). E será com base nes-

sas conclusões que deverão ser adoptadas as medidas que daí resultarem, para o CRL».

Fundamentalmente, a preocupação de determinados órgãos, sobretudo em relação ao Centro Regional de Lisboa (um caso concreto), tem sido a de «informar» alimentados por «problemas menores que resultam, não de um agravamento de situações, mas de circunstâncias de natureza pontual e ou de uma discussão técnica que já vem de longe sobre a melhor forma de organizar as estruturas de combate à droga».

DE NOVO A FALTA DE GUARDA

Três mulheres mortas numa passagem de nível

Depois de Silves, novo acidente numa passagem de nível sem guarda: aconteceu ontem à tarde, cerca das 19 horas, na povoação da Gata, a poucos quilómetros da Guarda quando um automóvel «mini» foi apanhado por uma composição, tendo tido morte imediata as suas três ocupantes (Júlia Teles, solteira, residente em Lisboa, Lucília dos Anjos, de 43, que conduzia, residente na Guarda, e Lucília Fernandes Barreiros, casada, de 38 anos).

Indignada com o acidente, a população da Gata obstruiu a li-

nha, chegando a deitar fogo às travessas da via. Só a presença do presidente da Câmara da Guarda, que afirmou já ter recebido da CP a promessa de que o problema daquela passagem de nível iria ser resolvido a curto prazo, conseguiu serenar os

ânimos e levar os populares a abandonarem o local.

Face ao sucedido, o comboio «O Emigrante», que seguia para França com trabalhadores portugueses, partiu da Guarda com várias horas de atraso.

RN organiza transportes de Braga

Espera-se para esta semana a publicação do despacho final da homologação que integrará os transportes urbanos de Braga na Rodoviária Nacional. A conces-

são que até agora pertencia à empresa privada Sotube passará assim para a transportadora nacional, com evidente vantagem para os utentes.

DETIDO ONTEM EM ESTARREJA

Antigo presidente da câmara compra quinta com cheques falsos

PORTO, 14 — A Polícia Judiciária do Porto capturou o comerciante José Luis Marques Ferreira Vidal, de 51 anos, residente em Salreu (Estarreja) que em tempos exerceu o cargo de presidente da Câmara daquele concelho.

Ferreira Vidal, que ontem foi presente aos Juízos de Instrução Criminal, é acusado de estar envolvido num negócio de transacção de uma quinta, para o que terá passado três cheques sem cobertura no valor de 2500 contos.

EM RIO TINTO

Café assaltado por dois desertores da Legião Estrangeira

PORTO, 14 — Na madrugada do passado domingo foi assaltado o café «Cústio», na Rua da Lourinha, em Rio Tinto. Os assaltantes, que penetraram no estabelecimento através de um postigo, depois de iludirem a vigilância de dois cães de raça «Pastor Alemão», levaram 110 contos em dinheiro e cheques no valor de 310 mil escudos.

O caso foi comunicado à PJ que após aturadas diligências acabam por capturar dois dos

assaltantes: Manuel Ferreira da Silva, «Pelé», de 28 anos soldador, e Rogério de Jesus Ferreira, da mesma idade, pintor dourador.

Os detidos confessaram-se autores do assalto e indicaram um outro indivíduo que nele participou e que está a ser procurado pela polícia. A PJ apurou ainda que os detidos são indivíduos que fugiram da Legião Estrangeira.

ACONTECEU ONTEM EM PAREDES

Veio de França para dar catorze facadas na cunhada

PORTO, 14 — O emigrante José Ferreira Nogueira, que segundo declarou no posto da GNR de Paredes se deslocou propositalmente de França para um ajuste de contas relacionado com questões familiares, vibrou onze facadas na sua cunhada, Maria da Graça Reis Meireles, de 22 anos, residente em Paços

de Sousa, Penafiel.

A cena passou-se ontem à tarde no lugar de Além em Cete, Paredes. O agressor depois do crime foi entregar-se à GNR desta última localidade, enquanto que Maria da Graça recolheu em perigo de vida ao Hospital de Santo António, nesta cidade.

Homenagem a Ricardo Covões

A direcção de Inválidos do Comércio promove depois de amanhã (domingo) uma homenagem à memória de Ricardo Covões, comemorando o 98.º aniversário do nascimento daquele que foi «seu grande benemérito».

A homenagem abre com uma romagem de saudade ao túmulo de Ricardo Covões, no cemitério do Lumiar, a que se seguirá, na Casa de Repouso daquela instituição, um almoço festivo, no decurso do qual será feita a evocação da figura de Ricardo Covões.

AGUALVA - CACÉM
AGUALVA - CACÉM
AGUALVA - CACÉM
AGUALVA - CACÉM

(LISBOA)

A Banca Nacionalizada está ao serviço do desenvolvimento económico e social do País.

Nós somos Banca Nacionalizada e também apoiamos, com mais de 100 Balcões e através de todos os serviços bancários, o desenvolvimento regional.

No dia 14 de Setembro inauguramos a nossa Agência em

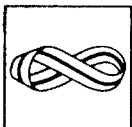
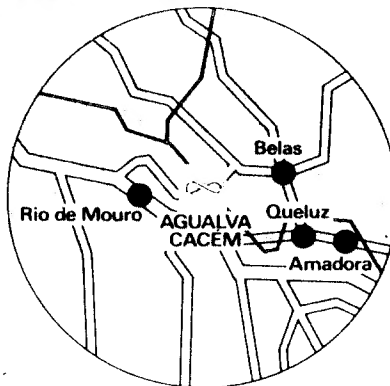
AGUALVA - CACÉM

Av. D. Nuno Álvares Pereira 6-C

2735 Agualva - Cacém

Telef. 2 94 70 18 - 2 94 70 68

AGUALVA - CACÉM



BANCO TOTTA & FIGUEIREDO



UMA CAMPANHA DE DIREITA EM MARCHA

Deficientes militares ameaçados de expulsão do Palácio da Independência

Ao que parece cedendo a uma intensa campanha, simultaneamente virulenta e sinuosa, orquestrada durante vários meses pelas forças de direita (através de publicações sob o seu controlo), a Presidência da República, através do Ministério da Defesa, da responsabilidade do coronel Loureiro dos Santos, prepara-se para afastar a ADFA (Associação dos Deficientes das Forças Armadas) do Palácio da Independência (ao Rossio), tendo já feito a entrega das chaves das instalações ao Centro das Comunidades Luso-Brasileiras, uma organização com fortes laços ao antigo regime, como o demonstra a cedência do edifício (sua propriedade nos tempos de Salazar) à Mocidade Portuguesa.

Ao acto de entrega, ocorrido no passado dia 18 de Agosto, mas que esteve inicialmente marcada para o 10 de Junho (Dia de Portugal e das Comunidades), não compareceu a Direcção da ADFA, numa atitude que, pelo que apurámos, tem a ver com a recusa terminante, da maioria dos deficientes, em aceitar passivamente a sua transferência do Palácio da Independência para qualquer imóvel antigo ou a edificar (o Ministério da Defesa já teria proposto como alternativa um prédio situado na Alameda das Linhas de Torres, entre o Campo Grande e o Estádio José Alvalade). E isto porque para os Deficientes das Forças Armadas o Palácio da Independência tem a força de um símbolo (ou seja o símbolo da sua razão de existir à luz do dia no Portugal de Abril), já que foi a partir dali, precisamente em 23 de Novembro de 1974, que a ADFA tomou forma e encetou as duas lutas que lhe transmitiram a identidade (moral e jurídica) que hoje possui ao nível da opinião pública nacional e até internacional.

Porque no consenso dos Deficientes, afastar a ADFA do Rossio será como remeter (e é aí que a direita aposta) os Deficientes das Forças Armadas ao esquecimento, longe das vistas dos portugueses (do centro de Lisboa), como se os «despojos» da guerra colonial fizessem parte de um passado (da dureza, sofrimento e alienação, sobretudo para a juventude oriunda dos



Em Setembro de 1975 os Deficientes das Forças Armadas deram pela primeira vez, em público, a demonstração de uma força organizada. Resultado: a manifestação seria dispersa em S. Bento pelos Comandos da Amadora



estratos mais desfavorecidos da população), que muitos teimam acintosamente em ignorar, ou enterrar. Porque afastar a ADFA

na sua actuação para tentativa de dispersão e desistência da pista de luta dos manifestantes levou à realização de um plenário dos Deficientes das Forças Armadas que decorreu no Palácio da Independência, sede da Associação, para apreciação da actual situação, análise da actuação dos Comandos e elaboração de novos planos e formas de luta. No cumprimento do estabelecido no plenário e em resposta ao comportamento hostil dos Comandos foi realizado um violento protesto que consistiu no amontoar à porta do Regimento de Comandos da Amadora de algumas dezenas de cadeiras de rodas, de bengalas, de outras tantas pernas e braços artificiais e outro material protésico indispensável à vida quotidiana do deficiente. O protesto foi realizado no máximo respeito e silêncio, após o que os deficientes iam abandonando o local, deixando a seguinte mensagem aos soldados-comando: «O que nos aconteceu poder-vos-á acontecer a qualquer um de vós».

O Palácio da Independência que, desde 1974, é a sede da ADFA (Associação dos Deficientes das Forças Armadas) e que o Centro das Comunidades Luso-Brasileiras pretende agora recuperar depois de o ter cedido durante o fascismo à Mocidade Portuguesa. O confronto, portanto, entre duas opções, bem expresso na paralelismo colocado pelo «Elo», órgão da ADFA: «Aqui (antes do 25 de Abril) se ministrou à Juventude Portuguesa o vírus do Fascismo que havia de manter todo um Povo no mais refinado obscurantismo, aqui se forjaram os «SS» que nos amordaçaram o corpo e nos marcaram a alma, aqui se construíram os «heróis» da opressão colonial. Aqui, desde Novembro de 1974, estamos nós, Deficientes das Forças Armadas, sentindo na alma e no corpo as vergastadas dos carrascos de 48 anos, aqui estamos nós empenhados em destruir todo o mobiliário de ódio que ornamentava estas paredes, testemunhas impassíveis de crimes que clamam por julgamento, aqui queremos trabalhar na reconstrução dum Portugal livre e democrático, pois só assim haverá uma perfeita política de reintegração dos marginalizados».

Já fomos homens fardados operacionais e por termos sido enganados, por não termos uma consciência política adequada, ficámos deficientes...».

E é por isso mesmo: por não quererem mais ser enganados que a maioria dos elementos que integram a ADFA não estão dispostos abandonar a sua sede, cedendo a certeza de umas instalações plenamente aproveitadas, por múltiplas actividades pela incerteza do desconhecido. E é nesta óptica que escreve o «Elo»: «Durante este cinco anos que tem servido como sede da ADFA teve o Palácio da Independência uma utilização condigna? Nós pensamos que sim. Pensamos que essa utilização foi um sucedâneo correcto da utilização vergonhosa que teve durante o regime fascista e que foi coerente com o gesto popular do 25 de Abril ao ser oferecido às Forças Armadas. Mas há quem pense que, com os Deficientes das Forças Armadas, o Palácio teve uma utilização não digna. Alguns jornais exprimiram-no já. Sobre o que um deles («O Diabo») disse está a correr um processo em tribunal. Sobre o que outros vão dizendo poderá haver a resposta adequada da ADFA.

E quem vai suceder à ADFA (se esta chegar a ser expulsa) no Palácio da Independência? Não o sabemos claramente. No entanto pensamos que temos o direito de saber. De qualquer maneira fica aqui o seguinte para reflexão: a Colónia de portugueses no Brasil comprou o Palácio para doar ao Estado Português a fim de aí ser instalada a Mocidade Portuguesa: agora a mesma Comunidade pretende novamente o Palácio para instalar o quê?».

A pergunta posta pelo «Elo» é por demais pertinente e a resposta encontra-se envolta num profundo mistério, a que a «estirpe» dos interessados (mentores e propagandistas) na campanha para a expulsão da ADFA do Palácio da Independência levanta, no entanto, um pouco do véu. Ou não fossem quase todos eles indefectíveis e esverdeados adeptos dos «SS» que «já iam cantando e rindo ao som das turbas»...

Texto de Manuel Geraldo
Amanhã:
depoimento do capitão
Cálvino

AAP — ASSOCIAÇÃO DOS ARQUITECTOS PORTUGUESES CONCURSO PARA A IMAGEM VISUAL

A AAP leva a efeito um Concurso para a criação da sua «Imagem Visual». O Concurso é aberto aos associados da AAP, da Sociedade Nacional de Belas-Artes e da Associação de Designers Portugueses e aos alunos das Escolas Superiores de Belas-Artes de Lisboa e Porto (todos os departamentos).

As inscrições e entrega do Regulamento têm lugar na sede da AAP — Rua Barata Salgueiro 36 — 1200 Lisboa — tel. 543512 no período de 20 de Setembro a 4 de Outubro de 1979, todos os dias úteis de 2.ª a 6.ª feira das 14.30 às 19.00 horas.

Todos os contactos serão dirigidos ao Secretariado do Concurso «Imagem Visual da AAP», para a morada acima indicada.

Lisboa, 14 de Setembro de 1979

O Conselho Directivo Nacional

do Rossio será como que lançar para as «calendas de Novembro» as corajosas tomadas de posição dos Deficientes em defesa dos seus direitos (muitos dos quais ainda longe de serem satisfeitos).

O «DIABO» NA CAMPANHA

Recorde-se, a propósito, a marcha dos Deficientes, em 26 de Setembro de 1975, sobre S. Bento, numa acção levada a

cabo devido à decisão assumida pelo Conselho da Revolução de remeter o projecto de Decreto-Lei dos Deficientes das Forças Armadas para apreciação pelo VI Governo Provisório (chefiado por Pinheiro de Azevedo). Essa manifestação seria reprimida com violência pelos Comandos da Amadora dirigidos por Jaime Neves. Escreveu então o «Elo», órgão da ADFA: «A atitude e a violência assumidas pelos militares do Regimento de Comandos



SINDICATO DOS TRANSPORTES RODOVIÁRIOS DO DISTRITO DE SETÚBAL

CONVOCATÓRIA

Ao abrigo do artigo 62.º dos Estatutos, e para os efeitos consignados nos artigos 59 e 64, convoco a Assembleia Eleitoral a reunir no dia 17 de Outubro de 1979, com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS:

Ponto Único — Eleição dos Corpos Gerentes para o triénio de 1979/1982.

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
Manuel da Cruz dos Santos Brinca

CÂMARA MUNICIPAL DA MOITA

SR. EMIGRANTE

NÃO ADQUIRA QUAISQUER TERRENOS, SEM PRIMEIRO SE INFORMAR JUNTO DA CÂMARA MUNICIPAL, (SERVIÇOS TÉCNICOS) DA LEGALIDADE DAS TRANSACÇÕES E DA VIABILIDADE DE CONSTRUÇÃO NOS LOCAIS EM CAUSA.

DEFENDA-SE — DEFENDENDO O CONCELHO

A CÂMARA MUNICIPAL

ASDI vai decidir se concorre ou não às eleições

A Associação Social Democrática Independente (ASDI) vai realizar, na próxima terça-feira, um encontro nacional para definir a sua posição face às eleições intercalares e locais.

Em comunicado difundido ontem, a ASDI considera este encontro da «maior relevância para o processo de constituição de uma nova força partidária de orientação social-democrata».

«O encontro enquadra-se» — lê-se no documento — «num momento em que a defesa de um projecto autónomo em relação a quaisquer blocos bipolarizados surge como imperativo nacional aglutinador de todos os que pretendem contribuir para a materialização de um programa que outros têm vindo a alterar, à medida que se vão diluindo numa aliança conservadora».

Na reunião de terça-feira, os

sociais-democratas independentes procederão à análise da actual situação política e decidirão em definitivo se concorrem ou não às eleições intercalares e às autárquicas, além de discutirem as perspectivas e a viabilidade da criação de um novo partido.

Segundo algumas notícias ultimamente vindas a lume, parece ser maioritária a tendência que defende a não participação no próximo acto eleitoral. Contudo, se o PSD e o CDS apresentarem listas conjuntas (o conselho nacional do partido de Sá Carneiro poderá tomar uma decisão nesse sentido, no próximo fim-de-semana), reforça-se a possibilidade de a ASDI, pelo menos em alguns dos principais círculos, concorrer às intercalares, dado o previsível aumento do seu espaço político.

MILITARES DE CARREIRA

Cursos preliminares

não contam na antiguidade

A partir deste momento, e ao contrário do que estava estabelecido, o tempo de frequência das universidades necessário à obtenção das habilitações que constituam ou constituem as condições gerais de admissão à Academia Militar ou às escolas suas antecessoras e Escola Naval, passa a contar, segundo um decreto do Conselho da Revolução, hoje publicado na folha oficial, apenas como tempo de serviço para efeito de cálculo de pensões de reserva e de reforma dos oficiais delas oriundos.

De acordo com o diploma, é

igualmente contado aos respectivos oficiais, para esse efeito o tempo de frequência obrigatória dos cursos dos institutos de ensino médio necessário à satisfação das mesmas condições gerais de admissão às referidas escolas militares, desde que se verifique uma das seguintes premissas: a) essa frequência constitua sequência do Curso Complementar dos Liceus; b) essa frequência esteja para além do 2.º ou 3.º anos dos cursos dos institutos de ensino médio, conforme a duração desses cursos haja sido, respectivamente, de três ou de quatro anos.

Charais recebido por Ceausescu

Ceausescu recebeu ontem, em Bucareste, a delegação do Conselho da Revolução, chefiada pelo brigadeiro Charais, que se encontra de visita à Roménia.

O chefe do Estado romeno congratulou-se com a evolução das relações romeno-portuguesas, salientando a importância do diálogo entre os dois presidentes, por ocasião das visitas recíprocas que efec-

turam a ambos os países.

Durante a entrevista, segundo a agência noticiosa romena, foram também abordadas questões da actualidade internacional, tendo sido manifestado o interesse de Portugal e da Roménia em cooperar cada vez mais estreitamente no sentido de contribuir para a criação de um real sistema de cooperação e segurança na Europa, assim como na instauração de uma nova ordem económica mundial.

LURDES PINTASILGO PROPÕE NAS BEIRAS

"Grupo de Intervenção Social" para combate a calamidades

● Fogos de Agosto destruíram dois milhões de contos de madeiras

CASTELO BRANCO, 14 — A criação de um «Grupo de Intervenção Social», constituído por alguns membros do Governo, para apoiar e coordenar os esforços das autarquias e dos pequenos agricultores atingidos por calamidades, foi admitida pela Primeiro-Ministro, Maria de Lurdes Pintasilgo, durante a reunião que teve, ao fim da tarde de ontem, com a população da Sertã, no decorrer da visita que está a realizar às zonas mais flageladas pelos violentos (e criminosos) incêndios de Agosto último, nomeadamente Proença-a-Nova, Oleiros e Sertã.

Essa conjugação de esforços entre todos, agricultores sinistrados e entidades de que possa depender o auxílio necessário,

foi a tônica principal que emergiu do diálogo entre a equipa governamental chefiada por Maria de Lurdes Pintasilgo e as populações mais afectadas pelos incêndios que, no mês passado, devastaram enormes zonas florestais deste distrito, causando um prejuízo avaliado em cerca de dois milhões de contos pelo ministro da Agricultura e Pescas, Joaquim Lourenço.

Joaquim Lourenço e o ministro da Administração, coronel Costa Brás, sublinharam por diversas vezes durante a reunião ser mais fácil e rápida uma intervenção em determinado sector, se este estiver devidamente organizado, sendo ele próprio a sugerir a natureza da intervenção do Governo.

Os agricultores presentes, na

sua totalidade, concordaram com a ideia, ficando assente que esse associativismo deverá ser congregado em torno das autarquias, que serão os porta-vozes junto do «Grupo de Intervenção Social» e na coordenação de esforços a levar a cabo na defesa dos interessados.

Das reuniões em Oleiros, Sertã e Proença-a-Nova concluiu-se por três ordens de trabalho prioritárias: organização associativa dos pequenos agricultores, levantamento estatístico dos que ficaram sem quaisquer haveres devido aos incêndios para, na medida do possível, serem indemnizados, e criação de infra-estruturas de defesa dos pinhais, nomeadamente abertura de «estradas» e arranjo dos caminhos de acesso às matas, trabalhos que poderão ter a colaboração da engenharia militar.

No final da reunião, Maria de

Lurdes Pintasilgo transmitiria aos jornalistas presentes as suas impressões sobre os contactos tidos até ao momento com as populações sinistradas. Diria a Primeiro-Ministro: «por muito pobre que seja um país — e isso é que é a coisa fundamental — quando ele tem pessoas como eu encontrei hoje, é um país rico».

Quando as pessoas sentem os problemas que as atingem e aos seus conterrâneos e compatriotas, como hoje foram expressos, então é porque esse País é um país muito rico, rico em valor humano.

E esse valor humano é aquele que pode ajudar a criar riqueza e a transformar verdadeiramente o país.

Por isso, as minhas impressões podem traduzir-se numa palavra que é de grande esperança, de uma grande confiança no povo português.

Embaixador da China apresentou credenciais

O primeiro embaixador da República Popular da China, em Portugal Yang Quiliang, esteve esta manhã no Palácio de Belém, onde apresentou credenciais ao Presidente da República.

Antes de ter recebido o representante diplomático da RPC em Lisboa, Eanes tinha recebido o novo embaixador da Tailândia, que igualmente foi apresentar-lhes credenciais.

Entretanto, ontem, o general Ramalho Eanes recebeu em audiência o Nuncio Apostólico, monsenhor Angel Famici, que lhe foi apresentar cumprimentos de despedida por deixar em breve as funções do seu cargo.

Ainda ontem, o PR recebeu em audiência o prof. Jacinto



O sr. Quiliang

Nunes que foi ministro do Plano e Coordenação Económica do IV Governo.

ASSINADOS NOVOS CONTRATOS

Base das Lajes ocupa terrenos de 900 proprietários

De acordo com um decreto do Conselho da Revolução, hoje publicado na folha oficial, são válidos, para todos os efeitos legais, os contratos de arrendamento de cerca de novecentos proprietários dos terrenos ocupados pela Base Aérea n.º 4, nas Lajes (Açores), que foram ob-

jecto de recente actualização.

De acordo com o diploma, esta medida insere-se na vantagem da simplificação de todo o processo burocrático inerente à efectivação legal das rendas, tendo em atenção a necessidade urgente de satisfazer os anseios daqueles proprietários.

SINDICATO DE TRABALHADORES NA IMPRENSA

Largo da Trindade, 16-1.º Lisboa

TRABALHADORES DA EPSP "O SÉCULO"

REUNIÃO DE SÓCIOS DO STI

Com o fim de darmos a conhecer as informações que nos foram prestadas, por um porta-voz do MCS, sobre a distribuição das verbas a atribuir àquela empresa, convocam-se os trabalhadores da EPSP sector «O Século», sócios deste Sindicato, para uma reunião a efectuar nas nossas instalações, dia 15 (sábado), às 16.30 horas.

A COMISSÃO DIRECTIVA

PS sublinha "pontos positivos" no discurso de Eanes

Novas reacções partidárias ao discurso do Presidente Eanes, foram tornadas públicas ontem, designadamente a do Partido Socialista que, nas palavras do seu dirigente António Reis, considera que a alocação do general Ramalho Eanes teve «pontos positivos», caso do repúdio do chamado projecto presidencialista e do não-reconhecimento da alegada existência de uma maioria presidencial — pretendida com frequência pelo PSD-CDS.

Acrescentando que o F S apenas se manifestará, quanto a uma candidatura à presidência da República, «na altura própria», Reis

pronunciou-se ainda em relação ao actual Governo referindo que «ainda é cedo para nos pronunciarmos e fazermos um juízo global sobre os aspectos positivos e negativos da sua actualização».

A UDP, por sua vez, considera, que o discurso do PR teve «como finalidade principal não o anunciar a dissolução da AR e as eleições intercalares, mas justificar os seus próprios actos na crise política que se vem abrindo, há já longos meses», e denuncia a «responsabilidade» de Eanes na formação «à margem dos partidos» dos governos de Nobre de Costa e de Mota Pinto.



CÂMARA MUNICIPAL DO CONCELHO DE ALMADA

COMUNICADO

A Câmara Municipal de Almada informa que, por sua deliberação de 6/9/79 tomou posse administrativa da propriedade denominada Pinhal da Aroeira, na Charneca de Caparica, deste concelho, pertencente a António Duque Neto.

Assim, todas as pessoas que porventura estejam interessadas na compra dos lotes de terreno da referida propriedade, ficam sujeitas às penas previstas na Lei, pelo que devem abster-se de quaisquer compromissos relativos a esses terrenos.

Almada, 10 de Setembro de 1979

O Presidente da Câmara,
José Martins Vieira

ACESSO À UNIVERSIDADE

ANO PROPEDEUTICO

CURSOS DE APOIO

EXTERNATOS

Marquês de Pombal
Rua Moraes Soares, 93
Tel. 820221/834658

Álvares Cabral
Avenida Grão Vasco, 1
(Benfica) — T. 706974/5

PREPARATÓRIO — SECUNDÁRIO

ADM. UNIVERSIDADE
(EXAMES «AD HOC» — Maiores de 25 anos)

Anuncie no «DL»

O «DL» atinge diariamente muitas dezenas de milhares de leitores, potenciais compradores e utilizadores de coisas e serviços e tem, actualmente, a maior venda de entre os jornais da tarde. Anuncie no «DL»: as tabelas são moderadas e os resultados serão espectaculares. Experimente!

Aviação e aeroportos em sindicato único

Duas federações, dez sindicatos, a comissão sindical da TAP e a organização representativa dos trabalhadores da ANA-EP formaram uma Comissão Nacional Dinamizadora com o objectivo de ser constituído um sindicato novo que represente todos os trabalhadores da aviação civil, aeroportos e navegação aérea.

«A criação de um sindicato novo» — considera essa comissão — «Eleva uma grande série de problemas que só podem ser resolvidos pela participação maciça e interessada dos trabalhadores». Dentro dessa perspectiva, este sindicato só vingará se a «esmagadora maioria dos trabalhadores expressamente o quiser».

«Porque também não pretendemos que este sindicato seja fechado a quem quer

que seja, serão contactados em pé de igualdade todas as direcções de sindicatos e outras estruturas que representem trabalhadores do sector» — acrescenta a Comissão.

Os problemas que a criação desse sindicato levanta «só através de amplas discussões nos locais de trabalho se resolvem e nunca nas suas costas, nas combinações de gabinetes ou pelo simples recurso aos abaixo-assinados».

O novo sindicato tornou-se uma premência face à dispersão sindical que caracteriza a organização dos trabalhadores daqueles sectores. Por exemplo, os trabalhadores da TAP são representados por mais de duas dezenas de sindicatos, dos quais cerca de metade representam menos de 30 trabalhadores.

Corame mantém a luta contra a desintervenção

Os representantes dos trabalhadores da Corame voltaram a reivindicar, desta feita ao chefe de gabinete do ministro da Indústria e Tecnologia, que seja revogada a desintervenção daquela empresa, bem como de uma outra que é a sua accionista maioritária: a Saprel.

A delegação dos trabalhadores, constituída pela Comissão

de Trabalhadores, delegados sindicais da Corame e elementos do Sindicato dos Metalúrgicos, transmitiu ao chefe de gabinete as conclusões do plenário efectuado na manhã do dia em que foram recebidos (quarta-feira).

Esse plenário tinha decidido manter a greve total que se arrasta desde o dia 1 de Agosto,

altura em que foi publicada a desintervenção daquelas duas empresas a favor de Carlos Nogueira, um tenente da Marinha que está ausente em parte incerta e é procurado pela Interpol por exportação ilegal de divisas e, agora, por deserção.

A greve, por decisão do plenário, só terminará quando for «encontrada a melhor forma de ga-

rantir a estabilidade dos 300 postos de trabalho que a decisão do Governo anterior não garante».

Por seu turno, nesse encontro, o chefe de gabinete informou da intenção governamental de nomear, por parte do Estado, um administrador para a Saprel.

O mesmo elemento do MIT informou que o Ministério das Finanças nomeará um perito para elaborar um relatório, no prazo de 60 dias, que permita quantificar os valores transferidos ilegalmente para o estrangeiro pelo antigo patrão Nogueira. Por outro lado, disse ainda, o Governo vai oficiar a Polícia Judiciária para dar prioridade aos processos que a propósito estão pendentes.

A propósito destas informações, os trabalhadores reivindicaram ser ouvidos sobre a nomeação do administrador para a Saprel e consideram que «são ainda insuficientes as medidas preconizadas pelo actual Governo para defesa dos seus interesses». Por isso, insistiram no pedido de audiência com o ministro da Indústria.

Entretanto, a solidariedade para com os trabalhadores da Corame traduziu-se ontem na realização de um espectáculo que contou com a colaboração do Sindicato dos Trabalhadores de Espectáculos.

No âmbito da luta que vêm desenvolvendo, realizar-se-á, no dia 18, às 18 e 30, junto às instalações da Corame, em Santa Iria da Azoia, uma concentração de trabalhadores solidários com a luta.

Greve da Hotelaria foi ratificada em dois plenários

A greve da hotelaria, que um plenário de sindicatos havia marcado para o dia 19, foi ratificada em assembleia de delegados sindicais realizada no dia 11 e em plenário de trabalhadores do dia seguinte.

Assim, com o apoio «inequívoco à proposta de greve», esta, com a duração de 24 horas, só poderá ser evitada se, até lá, se registar o desbloqueamento das negociações do Contrato Colectivo de Trabalho Vertical que, segundo acusações dos sindicatos, o patronato tem vindo a boicotar.

«A larga participação dos trabalhadores, a sua crescente mobilização e a forma como se expressaram, nomeadamente transmitindo que nos locais de trabalho se respira o clima da necessidade de obtenção de

novos salários» comprovarão a unidade do sector — segundo assinala o Sindicato da Hotelaria do Sul.

É ainda nos locais de trabalho que se vive o «repúdio pela contraproposta do patronato da hotelaria e pela ausência do patronato dos restaurantes às negociações».

Em ambas as reuniões foi aprovada uma moção de confiança à Comissão Negociadora Sindical manifestando concordância com as formas de luta para obrigar o patronato do sector, a negociar em conjunto, não permitindo que o contrato seja dividido.

Essa moção apela a «todos os trabalhadores para que participem nas lutas que se avizinham, única forma de conseguirmos que o patronato não só venha às

negociações como seja obrigado a aceitar salários e outras condições que melhorem a situação cada vez mais difícil dos trabalhadores do sector».

A única resposta que a proposta sindical obteve até agora, por parte do patronato, foi da Associação dos Hoteis do Centro/Sul e aí pretendia-se, nomeadamente o abaixamento do nível de remuneração dos cozinheiros, o pagamento dos objectos partidos e dos fardamentos, a redução dos subsídios nocturnos e do pagamento das horas extraordinárias e dos feriados, e o aumento do horário de trabalho com eliminação da semana inglesa e americana.

Em contrapartida, eram oferecidos «aumentos salariais de tal forma ridículos que se tornam absolutamente inaceitáveis».

Júdice Fialho continua intervencionada

O secretário de Estado da Agricultura e Pescas garantiu ontem a representantes dos trabalhadores da firma conserveira Júdice Fialho que o Governo não desintervencionará aquela empresa.

Joaquim Lourenço reuniu-se com uma comissão sindical dos conserveiros com a qual abordou os problemas com que se debate a empresa, nomeadamente o pagamento dos salários em atraso desde há quatro meses.

O porta-voz sindical adiantou, também que a reunião tinha decorrido em diálogo franco e

aberto e que o secretário de Estado comunicou que o montante dos vencimentos correspondentes a Junho seria pago até ao dia 20 deste mês.

Outro dos assuntos focados no encontro foi o índice de produção da empresa, actualmente muito baixo, facto cuja responsabilidade os trabalhadores imputam à actual administração.

A esta preocupação dos trabalhadores Joaquim Lourenço respondeu com a notícia de que uma próxima reunião do Conselho de Ministros nomearia um novo gestor para a Júdice Fialho.

O número de trabalhadores daquela empresa é de 1200.



Câmara Municipal do Seixal

EDITAL

CONCURSO PÚBLICO PARA ARREMATACÃO DA EMPREITADA DE

Cobertura da Vala de Corroios — Quinta do Campo

Preço base 1.347.800\$00

Caução Provisória 33.695\$00

Alvarás(s) exigido(s) 1.ª Categoria — 1.ª Sub — Categoria

Local, dia e hora limite para entrega das propostas:

Local: Paços do Concelho de Seixal

Serviço de Secretaria Municipal

Último dia e hora: 20 dias após a publicação no Diário da República. Às 17.00 horas.

O Local do acto público do concurso terá lugar na Sala de Sessões Públicas, da Câmara Municipal de Seixal, pelas 21.00 horas, do dia da 1.ª sessão pública após o termo para entrega das propostas.

As sessões públicas efectuam-se todas as sextas-feitas.

O processo desta empreitada pode ser examinado durante as horas de expediente dos serviços públicos, na Secretaria Técnica Administrativa Municipal de Seixal.

Seixal, 29 de Agosto de 1979

O Presidente da Câmara
Eufrásio Filipe Garcês José

meta um golo na sorte...

aposte no

TOTOBOLA

19.ª época

1 X 2

"Portex-79" começa amanhã

Com a presença de 150 expositores abre amanhã a «Portex/79» Exposição Portuguesa de Têxteis Malhas e Ves-

tuário, especialmente voltada para a exportação e que decorrerá durante cinco dias no Pavilhão do Palácio de Cristal do

Porto. Exclusivamente dirigida a profissionais, a «Portex» que este ano se realiza pela terceira vez, dedica os três primeiros dias aos compradores estrangeiros, ficando os dois restantes para profissionais estrangeiros e nacionais.

Os organizadores anunciaram que o secretário de Estado do Comércio Externo, dr. Esteves Águas, estará presente à inauguração e que a presença do Presidente da República está «praticamente assegurada».

Na reunião efectuada ontem com a Imprensa, o gabinete da «Portex» salientou que esta iniciativa, que tem o apoio do Fundo de Fomento de Exportação e da Associação Industrial Portuguesa, se inclui já «no lote das mais importantes exposições têxteis da Europa».

A «Portex/79» terá uma nova edição ainda este ano, marcada para Novembro e dedicada aos Têxteis-Lar, uma vez que a que agora decorre abrange a moda e as confecções. Nos dois anos anteriores, em que esses sectores participaram conjuntamente, revelou-se a necessidade de uma maior especialização. Ao mesmo tempo, reconheceu-se a vantagem de o Porto possuir um local próprio para grandes exposições deste tipo já que o Palácio de Cristal, que não foi construído para esse efeito, foi apenas uma solução de recurso.

A necessidade de criar uma feira voltada para o mercado interno, justifica igualmente a preocupação deste sector (que ocupa 150 mil trabalhadores repartidos por duas mil empresas) pela não existência de um local de exposições capaz de «proporcionar uma merecida oportunidade às empresas que não estão dimensionadas ou vocacionadas para a exportação».



O prazo termina hoje... e as bichas continuam

Imposto complementar: prazo de declaração termina hoje

Em vários locais surgiram nos últimos dias bichas enormes que começam a formar-se às sete da manhã. Cada pessoa fica ali um dia ou meio de trabalho. Para achar a perda total é preciso multiplicar por muitos milhares. E pensa-se: as pessoas vão certamente ganhar alguma coisa, de outro modo não esperariam tanto. Talvez distribuição de bicalhau, possivelmente saldos tentadores...

Nada disso. Trata-se apenas de cidadãos que, recebendo mais do que uma certa quantia de salário por ano, têm de entregar «um complemento» ao Es-

tado, depois de descontarem para o desemprego e o imposto profissional. Simples contribuintes na paciente espera de que lhes aceitem o impresso complicadíssimo de preencher para ficarem bem com o Deus fiscal, que, como qualquer Deus que se preza, exige que lhe prestem periódicas homenagens.

O prazo termina hoje. Ontem circulou o rumor que o esgotamento dos impressos em muitas repartições iria implicar um prorrogação do prazo de pagamento. Mas o Ministério das Finanças divulgou rapidamente um comunicado reafirmando que

a apresentação da declaração de Imposto Complementar, Secção A, relativamente aos rendimentos de 1978, termina hoje, tal como estava previsto. Os cofres do Banco de Portugal não podem esperar... como se fossem vulgares cidadãos.

Entre a bicha e a ameaça de multa não sobram muitas hipóteses. Uma delas foi rapidamente descoberta pelo «lisboeta», que pagou a uma casa comercial próxima da repartição das Finanças, a módica quantia de 110\$00 para ser substituído no ingrato papel de quem espera.

Ford escolhe em Outubro entre Portugal, Espanha e RFA

No próximo mês de Outubro ou em princípios de Novembro poder-se-á saber, definitivamente, se os projectos de ampliação da «Ford» na Europa se realizarão na fábrica espanhola de Almusafes, (Valência), em Portugal ou na RFA informou hoje o verpetino «Informaciones», citando fontes da empresa.

Segundo estas reúne-se em Outubro, o Conselho de Administração na rede dos Estados Unidos e ali se decidirá o plano de investimentos, localização e quantias, de acordo com as perspectivas do mercado.

Em princípio, a ampliação da fábrica de Almusafes seria o projecto que reuniria maio-

res condições para satisfazer o projecto de investimentos da «Ford» na Europa.

As hipóteses de França e Áustria foram já postas de lado, mas mantêm-se as possibilidades de Portugal e da RFA.

Recentemente, a «Ford-Europa» anunciou um vultoso projecto de investimento na Europa para o desenvolvimento de novos automóveis, redução de consumo e aerodinâmica.

No entanto, este projecto nada tem a ver com o de ampliação da capacidade de produção e também não significa a criação de novos postos de trabalho.

Água fresca em troca de electricidade

O Iraque fornecerá ao Kuwait cerca de 8 mil milhões de litros de água fresca por dia, em troca de energia eléctrica em quantidade a determinar - segundo os termos de um acordo hoje assinado.

A água será elevada do rio

Shatt Al Arab, o estuário comum do Tigre e do Eufrates, na extremidade norte do Golfo Pérsico.

No Kuwait a maior parte da água potável é obtida em três grandes centrais de dessalinização da água do mar.

INAUGURAMOS A NOSSA COLECÇÃO

DESBARATO

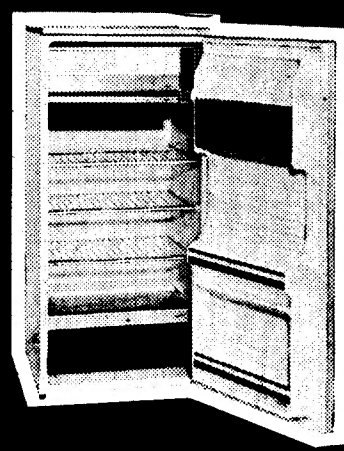
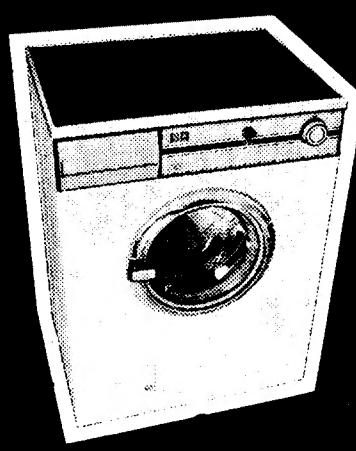
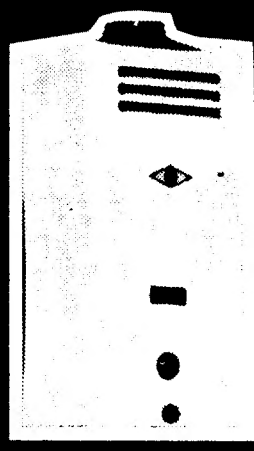
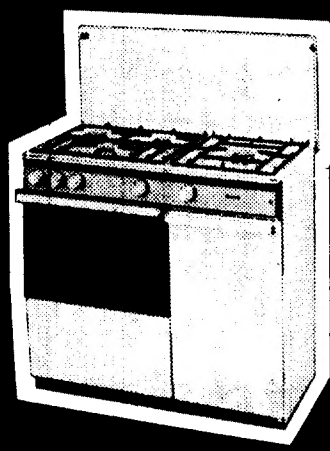
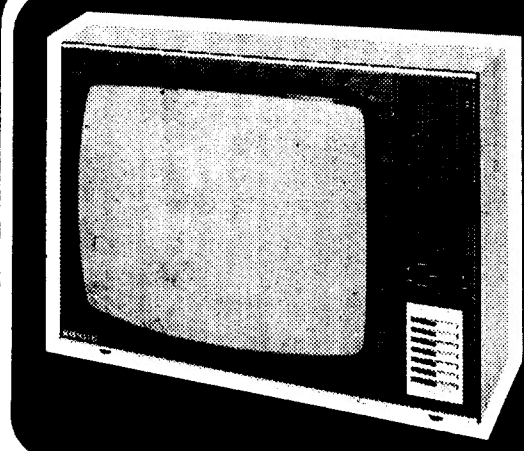
Rua 31 de Janeiro, 147
PORTO

Outono/Inverno

Praça de Londres, 9-A
LISBOA

PAGUE EM 12 MESES

SEM AUMENTO DE PREÇO



M. L. FERREIRA



**RUA D. ESTEFÂNIA, 48 - A
AV. DA REPÚBLICA, 54 - B**

Profundas manifestações de pesar dos trabalhadores portugueses pela morte do presidente angolano

Não está ainda fixada a partida para Luanda do Presidente da República, que se desloca a Angola para assistir ao funeral do Presidente Agostinho Neto, cujos restos mortais chegaram esta manhã àquela capital.

A notícia da deslocação do general Ramalho Eanes, a Luanda, onde estarão presentes todos os Chefes de Estado dos países de Língua portuguesa com excepção do presidente do Brasil, foi anunciada oficialmente ontem, num comunicado da Presidência da República. Ramalho Eanes será acompanhado pelo coronel Ribeiro Cardoso e pelo capitão Marques Júnior, que o Conselho da Revolução designou para integrar a delegação presidencial.

GARCIA DOS SANTOS PRESIDENTE INTERINO

Na sua reunião de ontem o Conselho da Revolução designou o brigadeiro Garcia dos Santos, chefe da Casa Militar do general Ramalho Eanes, para desempenhar interinamente as funções de Presidente da República na ausência deste. Esta decisão deriva do facto de ter sido dissolvida a Assembleia da República, uma vez que em condições de normal funcionamento de todos os órgãos de soberania a substituição do Presidente da República no seu impedimento compete ao Presidente da Assembleia da República. Vasco da Gama Fernan-

des e Teófilo Carvalho dos Santos foram já Presidentes interinos durante as diversas deslocações oficiais do general Ramalho Eanes ao longo do seu mandato.

Garcia dos Santos, de 44 anos é membro do Conselho da Revolução desde 22 de Setembro de 1976. É engenheiro e dirigiu as transmissões do Movimento das Forças Armadas em 25 de Abril de 1974 e mais tarde nos acontecimentos militares de 25 de Novembro. Foi secretário de Estado das Obras Públicas no segundo, terceiro, quarto e sexto governos provisórios.

Embora o brigadeiro Garcia dos Santos seja tido como um militar politicamente independente, a sua designação causou alguma surpresa pois é conhecida a oposição que um bloco conservador e saudosista das Forças Armadas tem exercido para impedir a sua promoção a general, cujas condições reúne.

TRABALHADORES PORTUGUESES MANIFESTAM O SEU PESAR

Os trabalhadores portugueses têm manifestado ao povo e aos dirigentes angolanos de uma forma massiva o seu pesar pela morte de Agostinho Neto. Das numerosas mensagens e telegramas podemos destacar:

«Jamais esqueceremos a grande figura do heróico lutador pela libertação dos povos» (Sin-

dicato dos Trabalhadores das Indústrias de Celulose, Papel, Cartonagem e Afins-Zona Sul. «Profunda mágoa pela perda do camarada Agostinho Neto uma perda importante para o movimento progressista mundial que o seu exemplo de activo militante da causa justa dos trabalhadores trufique em todo o mundo» (Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias Químicas do Sul e Ilhas Adjacentes e Moagens do Centro e Sul).

«Nesta hora de luto e de dor, manifestamos-vos as nossas mais sentidas condolências e pedimos-vos que transmitam nosso pesar aos trabalhadores e ao povo angolano» (União dos Sindicatos de Lisboa).

«Combatente lúcido e firme pela liberdade, independência nacional, pela paz e socialismo em Angola, Agostinho Neto, estamos certos, permanecerá vivo no coração dos angolanos e de toda a humanidade progressista» (Sindicato dos Trabalhadores Gráficos do Sul e Ilhas).

Os delegados sindicais dos trabalhadores na hotelaria, turismo, restaurantes e similares do Sul «consideram seu dever manifestar o seu maior desgosto e tristeza pelo desaparecimento dum grande revolucionário, dum grande combatente pela liberdade do seu povo e dum grande amigo dos trabalhadores e do povo português».

Por sua vez a Federação dos Sindicatos da Metalurgia, Metalomecânica e Minas de Portugal «em nome de mais de duzentos mil trabalhadores» que representa, dirige ao povo angolano e à UNTA as suas «mais profundas e sentidas condolências» e exprime a sua «solidariedade combativa e a certeza de que os trabalhadores e o povo angolano honrarão a memória de Agostinho Neto, prosseguindo a batalha firme e intransigente pela construção da pátria angolana, independente e próspera.» A Comissão de Trabalhadores da Metalúrgica Duarte Ferreira, empresa que tinha grandes relações com a RPA sublinha na sua mensagem que «Agostinho Neto, pelo que lutou, pelo que criou, e pelo que conseguiu, é,

indiscutivelmente, um exemplo que ficará sempre vivo e na memória de quantos lutam pela revolução profunda da sociedade ao serviço do homem e de todos os homens com justiça e total liberdade».

ALVARO CUNHAL CHEFIA A DELEGAÇÃO DO PCP

O secretário-geral do PCP, Alvaro Cunhal, chefia a delegação do PCP que vai assistir ao funeral do presidente Agostinho Neto, Alvaro Cunhal será acompanhado por Veiga de Oliveira, membro do Comité Central daquele partido.

Um porta-voz do Partido Socialista confirmou ao fim da manhã que este partido enviaria uma delegação a Luanda mas não era ainda conhecida a sua composição.

Também ao fim da manhã o PSD não tinha uma posição oficial sobre o envio ou não de qualquer representação.

Por sua vez o CDS, numa de-

claração proveniente do seu secretário-geral afirma que «como partido não tem relações com estados» e também como partido «não quer ter relações com o MPLA».

Quanto à UDP, pela voz de José Alcobia, da Comissão Permanente, diz que não enviará qualquer representante, «por razões internas», porque «estamos empenhados em tarefas partidárias importantes».

Mas além dos partidos numerosas outras organizações têm dirigido mensagens de pesar às autoridades e ao povo angolano pela morte do seu presidente.

A Associação Portugal-Moçambique, em telegrama enviado ao Comité Central do MPLA em que expressa «as suas condolências e sentimentos da mais profunda e fraterna solidariedade» afirma em nome de todos os seus associados «que o papel desempenhado pelo presidente Agostinho Neto na luta de libertação da África Austral e para a amizade entre o povo de Angola e o povo português jamais será esquecido».

MENSAGEM AO POVO PORTUGUÊS EM 11 DE NOVEMBRO DE 1975

Manuscrito de Agostinho Neto

Eis o texto manuscrito da Mensagem ao Povo português, redigida pelo presidente Agostinho Neto no dia 11 de Novembro de 1975, data da Independência da República Popular de Angola:

Mensagem ao Povo Português

Seja-me permitido saudar no seu conjunto, este mesmo Povo, que após um convívio secular e depois de ultrapassadas as barreiras do colonialismo e do fascismo, está já destinado a estabelecer laços fraternos e de amizade com o Povo Angolano.

Declarando a Independência do nosso País e proclamando a constituição da República Popular de Angola, o Povo da força Social do Governo Português que ainda tenta desconhecer a genitura desta nova República, o Povo Angolano reconhece que esta força não é a do conjunto do Povo Português. Sabe que deste tem o maior apoio e compreensão e que também luta contra a reacção interna e externa.

O povo português, a norte e a sul por forças estrangeiras e mercenárias, atacado por zairenses, sul-africanos, portugueses, nazi-fascistas e pelos fantoches angolanos.

O MPLA mobiliza o povo para organizar a resistência generalizada. E assim, apesar da superioridade material e técnica do inimigo, a jovem República Popular de Angola resiste, tendo assegurado a vitória. O apoio maciço da população e o fronte único externo, são factores estratégicos de considerável importância.

Tanto pela resistência portuguesa contra o neo-fascismo, como a resistência angolana contra o neo-colonialismo, respiramos no mesmo desejo de liberdade e de Paz, no mesmo anseio de uma existência em que se elimine a exploração do homem pelo homem.

E é a luta pela justiça.

Luta longa, mas que em cada etapa oferece vitórias e momentos de alegria.

E é porque a reacção interna e porque as forças imperialistas sabem que a vitória é inevitável, é que elas desapaaradamente estrecham de violência em violência procurando ainda salvaguardar por algum tempo a exploração.

Reforçamos pois a nossa solidariedade na luta comum contra o imperialismo. Lutemos pelo Povo Popular.

A luta continua
A vitória é certa

Agostinho Neto Pres. da Rep. Popular de Angola

NA POSSE DA DIRECÇÃO DA PJ Governo não deve interferir na acção da Judiciária

«Estamos aqui para assinalar o regresso dos quadros dirigentes da Polícia Judiciária» — sublinhou o ministro da Justiça, dr. Pedro Macedo, no decorrer da tomada de posse, esta manhã, da equipa directiva da PJ, pondo

Antunes e Oliveira Barreto. Destes, apenas Oliveira Barreto e Silva Maciel não faziam parte da equipa dirigida por Lourenço Martins antes do citado afastamento.

Segundo frisou ainda Pedro



Lourenço Martins no uso da palavra

termo a uma situação pouco clara e de consequências negativas para o prestígio e eficácia da organização criada há meses pelo Governo Mota Pinto.

Regressou assim à direcção da PJ, o dr. Lourenço Martins, que havia sido afastado pelo anterior ministro coadjuvado pelos directores adjuntos drs. Garcia Marques, Silva Maciel, Ferreira

Macedo — «o regresso à gestão anterior era a solução que o princípio de estabilidade propunha e a exigência de preparação consagrava», para concluir que a PJ dever ter à sua frente «magistrados independentes», «sem interferência do poder executivo nas investigações em curso, particularmente em casos concretos».

Cultura e desporto em Alcochete

A Casa do Povo de Alcochete leva a efeito neste fim-de-semana um conjunto de manifestações culturais e desportivas. Assim, amanhã, pelas 17 horas, haverá futebol, defrontando-se a equipa da Casa do Povo com a da «Orbis». Segue-se, pelas 18 horas, um espectáculo infantil, no salão de festas, com partici-

pação do grupo «Os Brotas» do Barreiro. À noite, será projectado um filme. No domingo, a parte desportiva compreende uma prova de atletismo, às 9.30 horas e encontros de andebol e basquetebol às 16 horas. Como no dia anterior, a jornada termina com cinema, no salão de festas da Casa do Povo.

O texto foi-nos cedido pelo cineasta Luís Filipe Rocha, a quem agradecemos

ÁFRICA

Corpo de Agostinho Neto chegou a Luanda

Os restos mortais do Presidente António Agostinho Neto, falecido segunda-feira em Moscovo, chegaram esta manhã às 9.00h ao Aeroporto Internacional «4 de Fevereiro» em Luanda, transportados em avião especial das Linhas Aéreas Angolanas TAAG.

A esposa do defunto Presidente, Eugénia Neto, o secretário do MPLA-Partido do Trabalho para a Organização e para a Educação Político-Idelógica, Propaganda e Informação, Lucio Lara e Pascoal Luvualu, membro do CC e secretário-geral da UNTA, acompanhavam o corpo do guia da revolução angolana.

Antanas Barkauskavas, vice-presidente do Presidium do Soviète Supremo da URSS, e Ruthe Neto, Coordenadora Nacional da OMA (Organização da Mulher Angolana), chegaram na mesma altura.

Ontem, entretanto, momentos antes da partida do avião de Moscovo realizou-se no aeroporto governamental de Vnu-kova uma significativa cerimónia de homenagem ao defunto, durante a qual os dirigentes soviéticos disseram o derradeiro adeus ao presidente Neto.

Participaram neste acto várias delegações angolanas, entre as quais uma militar e outra de estudantes, além dos familiares do desaparecido.

A tarde, a delegação angolana, acompanhada pelo embaixador da RPA em Moscovo, Carlos Fernandes, tinha sido recebida por Mikail Suslov, membro do Bureau Político do PCUS, que lhe transmitiu os sentimentos de solidariedade do povo, partido e Governo soviético, para com o povo angolano enlutado.

De um modo geral, estes sentimentos têm sido expressos também nas inúmeras mensagens que afluem ao Comité Central do PCUS, provenientes de diversos sectores da população do partido e do governo soviéticos.

As referidas mensagens exaltam, sobretudo, a «eminente personalidade do presidente Agostinho Neto e a sua dedicação à causa da libertação dos povos e da paz mundial».

O Ministério do Trabalho e Segurança Social, determinou que se observe feriado em todo o país durante o dia de hoje, por motivo da chegada ao país dos restos mortais do presidente Agostinho Neto.

Tudo leva a crer, embora ainda não haja qualquer anúncio oficial,



4 de Fevereiro de 75: Luanda recebe Agostinho Neto

cial, que o funeral do presidente Agostinho Neto se realizará na segunda-feira, dia em que completaria 57 anos.

Segundo revelaram à ANOP fontes angolanas, após a chegada ao Aeroporto 4 de Fevereiro os restos mortais de Agostinho Neto percorrerão algumas das principais artérias da capital. Houve a preocupação de incluir no trajecto os bairros mais populosos e em que é maior a implantação operária.

A urna ficará em exposição no Commissariado Municipal de Luanda durante o anúncio oficial, que o funeral do presidente Agostinho Neto se realizará em Angola, após a chegada ao Aeroporto 4 de Fevereiro os restos mortais de Agostinho Neto percorrerão algumas das principais artérias da capital. Houve a preocupação de incluir no trajecto os bairros mais populosos e em que é maior a implantação operária.

A urna ficará em exposição no Commissariado Municipal de Luanda durante dois ou três dias, acrescentaram as mesmas fontes, o que parece confirmar a hipótese de que o funeral se realize na segunda-feira.

A Rádio Nacional de Angola, que divulgou a meio da tarde a hora de chegada dos restos mortais, anunciou para emissão posterior indicações mais precisas sobre o programa das cerimónias oficiais.

As manifestações de pesar são visíveis nos mais diversos pontos de Luanda, quer em forma de bandeiras negras, quer de cartazes evocando a figura e o pensamento de Agostinho Neto.

Continuam a chegar a Luanda mensagens de pesar de todo o mundo, as quais enchem por completo as quatro páginas da edição especial de hoje do «Jornal de Angola».

O maior relevo é dado — a toda a largura da primeira página a um extenso comunicado dos combatentes das FAPLA, as forças armadas da República Popu-

lar de Angola.

Na página dois, é inserida na íntegra a mensagem de pesar endereçada pelo presidente Ramalho Eanes a José Eduardo dos Santos, presidente interino da República Popular de Angola. Na terceira página, o jornal publica a mensagem de Alvaro Cunhal, secretário-geral do Partido Comunista Português.

Delegações ao mais alto nível de numerosos países são aguardadas em Luanda. Os países de expressão portuguesa, com excepção do Brasil, serão representados pelos respectivos chefes de Estado.

O presidente da República de São Tomé e Príncipe, Pinto da Costa, foi o primeiro chefe de Estado a chegar a Luanda, ao princípio da noite de ontem momentos antes desembarcar no Aeroporto 4 de Fevereiro o ministro dos Negócios Estrangeiros do Congo.

Também já se encontram em Luanda, desde ontem, Tomé da Costa membro do Bureau Político do Comité Central do Movimento de Libertação de São Tomé e Príncipe (MLSTP), e Oscar Monteiro, ministro de Estado unido da Presidência da República de Moçambique.

Aristides Pereira, secretário-geral do PAIGC e Luís Cabral, secretário-geral-adjunto, chefiarão as delegações de Cabo Verde e da Guiné aos funerais do presidente Agostinho Neto.

SUCESSOR

O sucessor do Presidente da República Popular de Angola deverá ser eleito pelos 75 membros efectivos e suplentes do Comité Central do MPLA-Partido do Trabalho, na sua próxima reunião.

Por enquanto, compete ao secretariado político do Comité Central escolher entre os seus membros a pessoa que assumirá provisoriamente as funções de chefe de Estado segundo indi-

cam os estatutos do partido. Segundo a lei fundamental angolana, o Presidente da República também exerce as funções de presidente do MPLA e é membro do Secretariado Político e do Comité Central com efeito desde o primeiro congresso, em 1977. O partido tem precedência sobre os órgãos governamentais, é aliás, ao Congresso que compete ratificar ou não a escolha do Comité Central.

E provável que o secretariado político se reúna nos próximos dias para designar o chefe de Estado interino.

MAIS CONDOLENCIAS

A República Popular da China exprimiu o seu pesar pela morte do presidente Agostinho Neto da República Popular de Angola, onde Pequim apoiou a FNLA em 1975.

Os dois países não mantêm relações diplomáticas, mas a agência noticiosa Nova China disse hoje que o primeiro-ministro Hua Guofeng enviara ontem uma mensagem de condolências ao chefe interino de Estado, José Eduardo dos Santos.

O governo moçambicano ainda não divulgou qualquer declaração sobre a morte do presidente Agostinho Neto, o que se espera faça nas próximas horas.

A bandeira moçambicana encontra-se a meia haste em todos os edifícios públicos. A rádio Moçambique continua a emitir, pelo terceiro dia consecutivo, apenas música clássica e música africana.

«Com a morte de Neto, sentimos que morreu um dos maiores, dos mais firmes, dos mais vigorosos de entre todos os homens que fizeram de Avrica um novo mundo, um novo continente, mais livre, cada vez mais próximo da liberdade que, durante séculos, o colonialismo não deixou ser mais do que um sonho» — escreve em editorial «O Notícias da Beira».

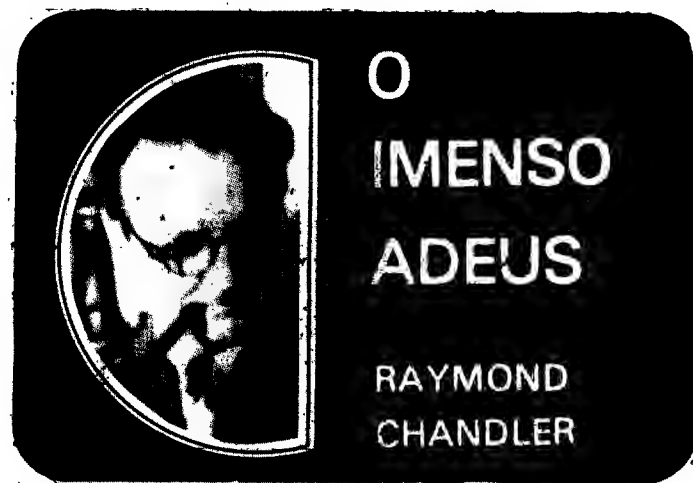
O jornal que se publica na cidade da Beira, dedicou ontem, tal como fez o «Notícias» da capital moçambicana toda a sua primeira página à morte de Agostinho Neto.

O «Notícias da Beira» frisa que ao lado de Nkrumah, Lumumba, Mondlane, Amílcar Cabral, Marien Ngouabi, «Neto foi um dos dirigentes que, no nosso continente, contribuiu para a dignidade do homem, para a liquidação de um dos mais tenebrosos crimes produzidos pelo sistema económico da burguesia, o colonialismo».

NOVA LEI MILITAR

O governo do Zimbabwe-Rodésia, instituiu um novo regulamento muito severo que proíbe aos homens dos 16 aos 50 anos ausentar-se do país sem ter cumprido inteiramente as suas obrigações militares, soube-se em Salisbury.

Entretanto, Salisbury anunciou que devolverá a Moçambique um civil búlgaro detido pelas forças de segurança, durante o «raid» da semana passada a Moçambique.



O
IMENSO
ADEUS
RAYMOND
CHANDLER

© — Livros do Brasil/College Trustees

Mas o Spencer cortou-lhe a frase.

— A polícia não acreditou no Candy. Foi por isso que ele não contou esta história no inquérito.

Ah!

E o suspiro foi de alívio.

— Além de que a polícia tinha suspeitas a seu respeito. E ainda as tem. Só precisam de um motivo. E parece-me que agora não lhes será difícil encontrá-lo.

Ela levantou-se.

— Acho que é melhor que saiam — disse com um ar de quem está muito zangada. — E quanto mais depressa, melhor.

— E então? Foi você ou não foi? — perguntou calmamente o Spencer, só se mexendo para estender a mão ao copo e encontrá-lo vazio.

— Fui eu ou não fui o quê?

— Quem matou o Roger?

Ela continuava de pé fitando o Spencer. Já não estava corada. A cara estava pálida, cerrada e zangada.

— Eu só lhe estou a fazer as perguntas que lhe fariam no tribunal.

— Eu não estava em casa. Tinha-me esquecido das chaves. Tive de tocar à campainha para poder entrar. E ele já estava morto quando eu cheguei. São factos conhecidos por toda a gente. Que diabo lhe aconteceu, Howard?

Ele tirou um lenço da algibeira e limpou os lábios.

— Eileen, eu estive nesta casa mais do que vinte vezes. Nunca dei porque a porta estivesse fechada durante o dia. Não digo que foi você quem o matou. Só lhe pergunto se foi. E não me diga que teria sido impossível. Da maneira como as coisas se passaram teria sido mesmo muito fácil.

— Eu matei o meu marido? — disse a Eileen muito lentamente e com um ar de sonho.

— Se partirmos do princípio que ele era seu marido. Você tinha outro quando se casou com ele.

— Obrigada, Howard, muito e muito obrigada. O último

272

GALERIA DE BELÉM EXPOSIÇÃO

INVENTÁRIO 2

GRAVURAS DA COLEÇÃO DA SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA DE 11 A 30 DE SETEMBRO

HORÁRIO

Dias úteis — das 15 às 20 horas
Sábados — das 14 às 20 horas
Domingos e Feriados — das 10 às 12 e das 14 às 20 horas

ENTRADA LIVRE

AVENIDA DE BRASÍLIA — BELEM
(Junto ao Mercado do Povo)
DIRECÇÃO-GERAL DA ACÇÃO CULTURAL

Encontro Thatcher/Nyerere

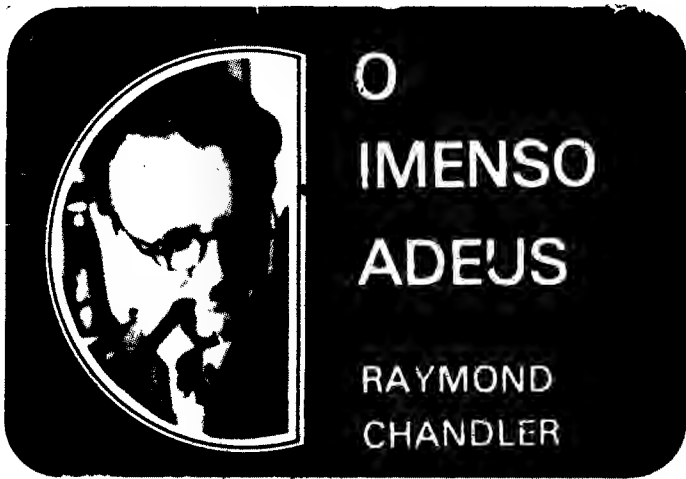
O primeiro-ministro britânico, Margaret Thatcher, encontra-se hoje com o presidente Julius Nyerere da Tanzânia para que este auxilie a injectar ritmo à conferência constitucional da Rodésia, cujos progressos são muito lentos.

Como presidente, dum dos cinco estados africanos, de Linha da Frente, mais profundamente interessados na guerra da Rodésia, que se trava há sete anos, o presidente Nyerere tem grande influência junto de Joshua Nkomo e Robert Mugabe, os dirigentes da Frente Patriótica, a aliança de guerrilheiros.

Os dois enfrentam há já quatro dias, o primeiro-ministro da Rodésia-Zimbabwe, bispo Abel Muzorewa, na mesa da conferência em Lancaster House. Até agora, lorde Carrington, ministro britânico dos Negócios Estrangeiros e presidente da conferência, não conseguiu fazer com que as facções beligerantes iniciem negociações concretas destinadas a dar à colónia dissidente governo maioritário negro e independência legal.

O presidente Nyerere chega hoje de avião a Londres, após uma visita oficial à República da Irlanda, e de assistir à Cimeira dos Não-Alinhados em Cuba.





© — Livros do Brasil/College Trustees

livro do Roger, o seu canto de cisne, está aí na mesa. Leve-o e vá-se embora. E acho melhor que o senhor chame a polícia e lhes diga as suas ideias sobre o assunto. Será um fim delicioso para a nossa amizade. Encantador. Adeus, Howard. Estou muito cansada e tenho dores de cabeça. Vou deitar-me. Quando ao sr. Marlowe—e quanto a mim foi ele quem lhe meteu todas essas ideias na cabeça—a única coisa que eu posso dizer-lhe é que, se ele não matou o Roger, pelo menos empurrou-o a matar-se.

Ela virou-se para se afastar. Eu disse-lhe ásperamente: —Um momento, sr.^a Wade. Acabemos primeiro de resolver todos estes problemas. Não há razão para amarguras. Todos nós estamos tentando fazer o que nos parece mais lógico. Quanto àquela mala que a senhora atirou para o reservatório. Era pesada?

Ela virou-se e olhou-me. —Era uma mala velha, como eu lhe disse. E era muito pesada.

—Como conseguiu levantá-la para a fazer passar por cima da vedação de arame que rodeia o reservatório?

—Da vedação? — Ela fez um gesto de pessoa desamparada. —As pessoas, quando se trata de casos de emergência, arranjam as forças precisas para fazerem o que é necessário. Não sei como o consegui, mas consegui-o.

—Mas não existe qualquer vedação, sr.^a Wade—disse-lhe. —Não existe uma vedação?

E ela repetiu a minha resposta com uma voz sem vida, como se a frase não tivesse significado.

—E não havia sangue na roupa do Roger. E a Sylvia Lennox não foi assassinada à porta do pavilhão, mas lá dentro, sobre a cama. E não houve sangue porque ela já estava morta —por um tiro—quando lhe esmagaram a cara com a estueta. Os mortos sangram muito pouco, sr.^a Wade.

Ela olhou-me com desdém. —E o senhor estava por acaso lá para saber tudo isso?

273

SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS CAMARA MUNICIPAL DE LOURES

AVISO AOS SENHORES CONSUMIDORES DE ÁGUA E ENERGIA ELÉCTRICA

Por imperiosa necessidade de trabalhos de remodelação nas redes eléctricas, avisam-se os senhores consumidores de que o fornecimento de energia eléctrica será interrompido no próximo dia 16 (Domingo).

Por motivo de trabalhos da E.D.P. (Ex-C.R.G.E.) da 1 às 14 horas na zona de MOSCAVIDE.

Por motivo de trabalhos dos Serviços Municipalizados de Loures das 8 às 15 horas nas seguintes localidades:

ESTACAL NOVO, B.^o DA COVINA, PIRISCOXE E TODA A ZONA INDUSTRIAL DE ST.^a IRIA DA AZÓIA.

Este corte afectará o abastecimento de água às povoações em causa.

SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS DA CÂMARA MUNICIPAL DE LOURES, 12 DE SETEMBRO DE 1979

O ENGENHEIRO DIRECTOR-DELEGADO,
Casimiro Martins Neves Cabaço

MÉDIO ORIENTE

Suárez garante apoio à causa palestiniana

Adolfo Suárez, presidente do Governo espanhol, garantiu na quinta-feira a Yasser Arafat, «o apoio da Espanha à causa palestiniana e à luta que o povo palestiniano e os dirigentes da OLP conduzem».

Suárez deu esta garantia ao presidente da OLP, durante um encontro de duas horas na quinta-feira, à noite pouco depois da chegada a Madrid de Arafat, na sua segunda visita a um país do mundo ocidental.

Segundo Mahmoud Labadi, porta-voz da OLP, a entrevista realizou-se numa atmosfera «cordial e amigável». Arafat, disse, procedeu a análise da situação no Médio Oriente após as decisões de Camp David, expôs os objectivos da luta do povo palestiniano, a situação no Líbano, com os bombardeamentos israelitas sobre a parte do sul do país e a situação nos campos de refúgio e a situação nos campos de refugiados.

O problema basco e particularmente os atentados dos independentistas da ETA, teria sido evocado por Adolfo Suárez, neste encontro com Arafat, indica uma fonte oficial espanhola.

Segundo a mesma fonte, os espanhóis estão convictos de que os comandos da ETA beneficiaram no passado de ajudas diversas de países árabes, entre

os quais a Líbia e a também da OLP.

● QUATRO TRANSPORTES DE TROPAS blindados americanos que deviam ser entregues no Líbano foram apreendidos na quarta-feira pelas autoridades libias em Benghazi durante uma escala do navio que os transportava — revelou na quinta-feira o porta-voz do Departamento de Estado Hodding Carter. O porta-voz declarou ignorar as razões que conduziram o governo libio a sequestrar os veículos blindados.

UM OFICIAL DO EXÉRCITO SIRIO foi alvejado mortalmente a tiro e quatro oficiais dos serviços de segurança morreram numa explosão terrorista na Síria revelaram ontem fontes bem informadas de Beirute.

● MILÍCIAS CRISTãs E ARMENIOS continuaram a combater durante toda a noite de ontem, tentando ganhar controlo dos subúrbios orientais de Beirute, apesar do cessar-fogo formalmente estabelecido entre as duas facções. Segundo fontes policiais, morreram 31 pessoas e 52 ficaram feridas, além de entre 50 a 60 terem sido raptadas em ambos os lados em confronto, desde que na segunda-feira, se iniciou o conflito.

Noticiário em colaboração com as agências ANOP, France Press, Inter Press Service, Novosti, Prensa Latina e Reuter

SINDICATO DOS TRABALHADORES DA AGRICULTURA, PECUÁRIA E SILVICULTURA DO DISTRITO DE LISBOA

Rua Carlos José Gonçalves, 2 — Tel. 23614
2600 VILA FRANCA DE XIRA

CONVOCATÓRIA

Nos termos do art.^o 34.^o dos Estatutos, convoca-se a assembleia geral do Sindicato dos Trabalhadores da Agricultura, Pecuária e Silvicultura do Distrito de Lisboa, para uma reunião extraordinária a realizar no dia 30 de Setembro de 1979, às 10 e 30, simultaneamente em Lisboa, no Largo da Trindade, 16-1.^o esq.^o, em Vila Franca de Xira, na Rua Carlos José Gonçalves, 2 e em Torres Vedras, na Rua Miguel Bombarda, 23-1.^o com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS

- 1 — Alteração dos Estatutos do Sindicato
- 2 — Fixação do quantitativo da quotização, devida pelos associados
- 3 — Informação Sindical
— Nova Portaria
— Outras contratações
- 4 — Situação social.

O projecto de alteração dos Estatutos apresentado pela direcção será distribuído aos delegados sindicais e, através destes, aos associados, encontrando-se, também, à disposição destes, na sede e delegações do sindicato.

Os associados que pretendam apresentar propostas de alteração devem fazer entrega das mesmas à mesa da assembleia geral, até ao próximo dia 20 de Setembro, a fim de permitir a sua distribuição na Assembleia Geral.

Vila Franca de Xira, 30 de Agosto de 1979.

O Presidente da Mesa
João F. Paulino

ASIA

Governo chinês foi remodelado

O Parlamento chinês nomeou ontem o antigo ministro dos Negócios Estrangeiros, Ji Pengfei, para o cargo de vice-primeiro-ministro, criou três novos ministérios e nomeou novo ministro das Finanças.

O Comité Permanente do Congresso Nacional Popular (CNP) aprovou a nomeação de Ji para o seu novo cargo, feita pelo primeiro ministro Hua Guofeng, e exonerou-o do posto de vice-presidente e secretário geral da

CNP — anunciou a agência Nova China.

O Comité Permanente também criou um oitavo Ministério de Construção de Máquinas, a ser chefiado por Jiao Ruoyu, um Ministro da Justiça, sob Wei Wenbo, e o Ministério da Geologia, chefiado por Sun Daguang.

O Comité Permanente encerrou a sua sessão de três dias após ter aprovado a primeira lei chinesa de protecção do meio ambiente.

O Irão a caminho da teocracia

O Irão deu mais um passo para a constituição de um Governo de teólogos, com a aprovação de uma cláusula constitucional dando supremos poderes a um líder religioso.

A cláusula abre caminho para que o «ayatollah» Khomeiny seja formalmente nomeado líder de um futuro Estado teocrático.

Diz que o líder supremo agirá como guardião dos assuntos da nação, na ausência do 12.^o «imã» da seita chiita, que desapareceu há 1100 anos e que os chiitas pensam que regressará um dia.

A cláusula, aprovada antontem, pela esmagadora maioria do Conselho de Peritos Constitucionais, dominado por clérigos, diz:

«Na ausência do «imã» Zaman (o 12.^o «imã»), a guarda dos assuntos e direcção da nação fica

nas mãos do teólogo honesto, eficiente e sábio, cuja administração tiver sido aceite e reconhecida pela maioria do povo.»

Se não se conseguir encontrar um tal homem, um Conselho de Peritos Legais Islâmicos assumirá as suas funções.

Embora o «ayatollah» Khomeiny seja universalmente reconhecido como supremo líder iraniano, com poderes para dirigir o Governo Provisório e as Forças Armadas, não possui um papel constitucional.

Se a minuta final for aprovada pelo referendo do fim deste ano, ele será a escolha natural do líder supremo, com poderes políticos e espirituais sobre a República Islâmica.

Entretanto, mais nove pessoas (entre as quais dois «feudais curdos») foram ontem fuziladas.

ENGENHEIRO CIVIL

(c/ prática de Direcção de Divisão de Obras)

E

MEDIDOR DESENHADOR

(c/ prática de preparação de obras)

União Cooperativa precisa

Resposta a este jornal N.^o 14910 com curriculum e vencimento pretendido.

DISTRIBUIDORES REUNIDOS

ENORME SOB TODOS OS ASPECTOS!

UM DOS DEZ MELHORES FILMES EXIBIDOS EM 1978

PREMIADO COM "GLOBO DE OURO" E "CÉSAR"

SOPHIA
LOREN

MARCELLO
MASTROIANNI



FILME
DE
QUALIDADE

UM DIA INESQUECÍVEL

UNA GIORNATA PARTICOLARE

Um filme de ETTORE SCOLA

Produção de CARLO PONTI

Não aconselhável a menores de 13 anos • TECHNICOLOR

EM 9.^a SEMANA
NO



EUROPA

ESPAÑHA

Fim da Concordata

A Concordata de 1953 entre a Espanha e o Vaticano foi substituída por quatro acordos específicos ontem aprovados no Congresso espanhol. Os novos acordos «põem termo a uma situação anacrónica» nas relações entre os dois Estados, declarou Marcelino Oreja, ministro dos Negócios Estrangeiros espanhol.

Apesar de algumas objecções dos grupos Socialista e Comunista, os novos acordos entrarão

em vigor logo depois da troca dos instrumentos de ratificação, cuja data, próxima sem dúvida, não foi anunciada.

O acordo sobre o ensino e os assuntos culturais esbarrou com a oposição, minoritária no Congresso, dos deputados socialistas e comunistas. Segundo os primeiros, o carácter facultativo do ensino religioso não é suficientemente garantido nos centros de ensino geridos pela Igreja. Para os segundos, o ca-

rácter de «disciplina fundamental» que conservam os cursos de religião é inaceitável.

BANQUEIRO ASSASSINADO

O presidente de uma sucursal do Banco Hispano-Americano na cidade de Baracaldo, perto de Bilbao, foi ontem assassinado a tiro — informou a Polícia.

Modesto Caniega Perez, membro da Aliança Popular, partido conservador dirigido por Fraga Iribarne, foi vítima de uma emboscada preparada por um comando de dois homens quando saía de casa. Teve morte imediata.

O banqueiro, que foi atingido por quatro balas, fora anteriormente raptado, a 27 de Janeiro, por guerrilheiros bascos e libertado pouco depois ileso. Entretanto ontem à noite em Biarritz, no País Basco francês, uma centena de pessoas manifestou-se silenciosamente para protestar contra o atentado de que foi vítima na quinta-feira de manhã o militante basco, Justo Elizaran Sarasola.

ressos económicos e estratégicos e onde conduz uma política frequentemente chamada de neocolonialismo pelas organizações da esquerda francesa e pelos movimentos anti-imperialistas de África.

Recorde-se que as mais recentes intervenções militares francesas no estrangeiro ocorreram durante o ano anterior no Shaba (antigo Katanga) e no Chade.

Caíu avião italiano 31 mortos

Morreram as 31 pessoas que se encontravam a bordo de um Dc-9 italiano que se despenhou na noite de ontem, para hoje sobre uma montanha a 10 km do aeroporto de Cagliari (Itália).

Segundo as primeiras informações enviadas pelas equipas de socorro, o avião, apanhado por um temporal, ter-se-ia magado em chamas contra a

montanha.

Os destroços encontram-se numa fenda junto a um dos picos da montanha cuja altitude varia entre 1100 e 720 metros.

As brigadas de salvamento que chegaram ao local após cerca de duas horas de marcha são dificultadas nas suas operações de socorros por um espesso nevoeiro.

AMÉRICA

"O CASO CUBANO"

O balão desincha

Pela terceira vez esta semana o secretário norte-americano de Estado, Cyrus Vance, vai avistar-se com o embaixador soviético em Washington, Anatoly Dobrynine, para tratar o estafado caso da «brigada militar soviética» em Cuba.

O caso é tão notoriamente especulativo e foi programado com tal pontaria (Não-Alinhados em Havana e debate sobre SALT II no Senado) que até a própria Imprensa norte-americana começa agora a pôr as coisas em dúvida: é o caso do «Christian Science Monitor», o qual afirma existir cada vez mais cepticismo em Washington acerca dessa brigada. Por outro lado, tanto «The New York Times» como

«The Washington Post» escrevem que o Departamento de Estado põe entre as várias hipóteses, também a de que os soviéticos estarão a treinar tropas cubanas. O balão parece, pois, estar a desinchar em grande velocidade. Uma das razões disso poderá ser a revelação feita pela TASS de que os americanos tinham enviado tropas para São Domingos (facto que provoca péssimas recordações, como se sabe).

A Câmara dos Deputados daquele país exigiu um inquérito sobre a presença de tropas dos EUA (estacionadas a 25 quilómetros da capital) e um funcionário da Embaixada norte-americana teria «admitido fac-

tualmente» o recente envio dessas tropas.

Cyrus Vance começou já o movimento de recuo, considerando-se muito satisfeito com as conversações que tem tido até agora com Dobrynine.

Esta questão surge quando os EUA se recusam a garantir por escrito à Turquia que a utilização do território daquele país para estacionar aviões U-2 (substitutos dos postos de observação dirigidos contra a URSS de que eles dispunham no Irão) se faz na sequência de acordo com a URSS.

Pham Van Dong em Manágua

O primeiro-ministro vietnamita, Pham Van Dong, proveniente do México, chegou ontem à noite a Manágua para uma visita oficial de dois dias à Nicarágua.

Pham Van Dong, primeiro chefe de um Estado socialista a visitar a Nicarágua, foi recebido no aeroporto pelos membros da Junta de governo, Estado-Maior da Frente Sandinista de Libertação Nacional e do Exército Popular Sandinista.

Além de conversações com responsáveis nicaraguenses, Pham Van Dong participará numa manifestação popular na Praça da Revolução em Manágua, visitando ainda vários bairros que participaram na insurreição contra o regime somozista.

Pham Van Dong partirá no sábado para o Panamá.

Agitação social no Brasil

Registou-se ontem, à noite, um motim em S. Paulo, a maior cidade do Brasil, quando empregados bancários em greve travaram recontros com a polícia que tentava expulsar piquetes que se encontravam fora de bancos.

Empregados de escritório, apoiando grevistas arremessaram garrafas e outros projecteis contra a polícia, que respondeu com bombas de gás lacrimogéneo. Um polícia ficou ferido.

Várias montras e janelas de bancos no centro da cidade ficaram estilhaçadas durante os recontros, que obrigaram vários estabelecimentos a fechar as portas.

O Ministério brasileiro do Trabalho, que declarou a greve ile-

gal com o fundamento de que a actividade bancária é um serviço essencial, não pode informar quantos empregados bancários responderam ao apelo para uma paralisação à escala nacional.

A maioria dos bancos do Rio de Janeiro, a segunda cidade do país, esteve ontem fechada ao público.

Não foram anunciados incidentes no Rio, onde agentes da polícia de choque, empunhando escudos de protecção, desceram a Avenida do Rio Branco, no centro da cidade.

Finalmente, a greve dos 250 000 operários metalúrgicos do Rio prossegue desde quarta-feira com a finalidade de obter um aumento de salários dos 83 por cento.

DONA DE CASA NÃO DECORE O SEU LAR, SEM PRIMEIRO NOS CONSULTAR

Temos uma vasta gama de Artigos para Decoração



INACIO, CUNHA & REBELO, LDA.

Rua Andrade, 4 r/c e 1.º Dtº Lisboa

Telef: 843244 — 849492 — 849486



CÂMARA MUNICIPAL DO SEIXAL COMUNICADO À POPULAÇÃO DO CONCELHO DO SEIXAL

Como é do conhecimento geral da população foi adjudicado ao empreiteiro António Bello, o alargamento, rectificação, asfaltamento e colocação de esgotos para escoamento de águas pluviais na E.M. 511 (Cruz de Pau — Amora).

Esta obra é de extrema importância e só foi possível assumi-la agora, com a publicação da lei de finanças locais.

Para construir esta obra, tanto o empreiteiro como a Rodoviária Nacional, e a GNR são obrigados a grandes esforços de planificação, que não evitarão prejuízos temporários aos munícipes, em especial aos de Amora. As carreiras da RN terão de interromper o seu percurso normal, estando a ser estudadas alternativas que serão brevemente anunciadas publicamente.

A Câmara Municipal não ignorando as dificuldades que irão surgir, pede a indispensável colaboração e compreensão dos moradores de Amora e do concelho em geral, para uma obra que a todos irá beneficiar.

O início dos trabalhos está previsto para o dia 17 do corrente mês, prevendo-se que, durante as 3 semanas seguintes, o trânsito não sofra alterações sensíveis, após o que comunicaremos de novo com a população.

Será contido de evitar, (veículos privados) tanto quanto possível, a partir do dia 17, o trajecto Amora-Cruz de Pau.

A Câmara Municipal solicita ainda que, cada munícipe, colabore na transmissão desta notícia, a outros que eventualmente a ignorem.

Câmara Municipal do Seixal, 13 de Setembro de 1979



SINDICATO DOS TELEFONISTAS DE LISBOA

Assembleia Geral Extraordinária CONVOCATÓRIA

Ao abrigo do disposto no Artigo 40.º alínea b) dos Estatutos do Sindicato, convoco todos os associados para a Assembleia Geral Extraordinária que se vai realizar no dia 25 de Setembro de 1979, pelas 18 horas, na Voz do Operário.

ORDEM DE TRABALHOS

- 1.º — Criação da Federação das Comunicações e Telecomunicações
- 2.º — Eleição dos Delegados ao Congresso.

Lisboa, 11 de Setembro de 1979
O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
Manuel Ferreira Fernandes

PELO REFORÇO DA UNIDADE E
ORGANIZAÇÃO DOS TRABALHADORES

UM EXITO **VERDADEIRAMENTE** EXCEPCIONAL

O HOTEL DA PRAIA



MAIS DE 125 MIL PESSOAS EM LISBOA JÁ SE REGALARAM A RIR COM

O HOTEL DA PRAIA

E COM AS MARAVILHOSAS CANÇÕES DE MORT SCHUMAN

"Summertime Baby"
"So Hard to Forget"
"Baby, don't keep me waiting"
"Le père de James Dean"
"Un été de porcelaine"
"I got the feeling"
"J'te vois plus" e "Redoutable"



DEPOIS DE VIR DE FÉRIAS, AINDA SE DIVERTIRÁ MAIS COM

O HOTEL DA PRAIA

REALIZAÇÃO DE MICHEL LANG COM

MYRIAM BOYER • DANIEL CECCALDI
MICHELE GREILLER • GUY MARCHAND
MARTINE SARCEY

HOJE 23ª SEMANA agora no **VOX**

Não acons. men. 13 anos

Mundial Filmes

MEMÓRIAS DO CINEMA 78

Prossegue hoje no Quarteto o ciclo «Memórias do Cinema» com as seguintes sessões duplas a partir das 23.30 h.

Sala 1 — «O Sorriso do Grande Sedutor» (Damiano Damiani) e «A Noite de Iguana» (John Huston).

Sala 2 — «Os Três Dias de Condor» (Sidney Pollack) e «Genesis em Concerto» (Tony Maylan).

Sala 3 — «O Preço do Silêncio» (William Wyler) e «Os Três Dias de Condor» (Sidney Pollack).

Sala 4 — «Genesis em Concerto» (Tony Maylan) e «O Espantalho» (Jerry Schatzberg).

Academia Almadense
Tel. 2752175

NOVAMENTE A NOITE

de JOSÉ SARAMAGO
Enc. J. BENITE - Cen. A. ALFREDO

«Um dos espectáculos do ano»
CARLOS PORTO — (D. L.)

«Há muito tempo que não via uma peça com tanta qualidade»
ARMINDO RODRIGUES

SEXT. SÁB. às 21.45h Sub da SEC
DOM. às 16h e 21.45h
50% em idas colectivas

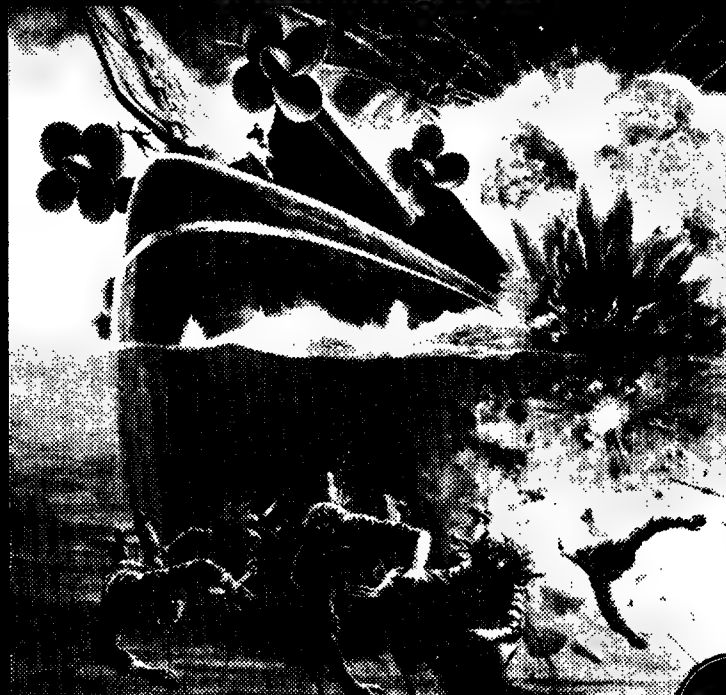
GRUPO DE CAMPOLIDE

UM ELENCO FABULOSO

**MICHAEL CAINE SALLY FIELD TELLY SAVALAS
PETER BOYLE JACK WARDEN SHIRLEY KNIGHT
SLIM PICKENS SHIRLEY JONES E KARL MALDEN**

**CORAGEM PARA ALÉM DO EXIGIVEL
SUSPENSE PARA ALÉM DO IMAGINÁVEL!**

**O POSEIDON antes de se afundar
revelou ainda
um ultimo segredo...**



Produção de
IRWIN ALLEN

PARA ALÉM DA AVENTURA DO POSEIDON

A maior aventura até hoje filmada... ainda não acabou.

BEYOND THE POSEIDON ADVENTURE
com MICHAEL CAINE • SALLY FIELD • TELLY SAVALAS • PETER BOYLE • JACK WARDEN • SHIRLEY KNIGHT • SLIM PICKENS
e SHIRLEY JONES • KARL MALDEN em Wilson • argumento de NELSON GIDDING • Baseado na história de PAUL GALLICO
Produção e Realização de IRWIN ALLEN • Música de JERRY FIELDING • Technicolor • Paramount

From Warner Bros. A Warner Company. © 1979 Warner Bros. Inc. All Rights Reserved.

INAUGURAÇÃO DA TEMPORADA

HOJE ÀS 21.30 H. ESTREIA NO



INTERDITO A MENORES DE 13 ANOS

RESTAURANTE "PAPAGAIOS"

— DE —

José Outrelo Magalhães

Rua Cascais, 13 a 21 LISBOA - 3 — Tel. 636076

O drama de um pai a procura da filha na "Zona Quente"

Nada que você tenha feito, visto, ou imaginado o pode preparar para um tema tão controverso

CINEMAX

ADULT THEATER
3 FEATURES

Crónica



escrito e realizado por
PAUL SCHRADER
autor de "TAXI DRIVER"

A RAPARIGA NA ZONA QUENTE

GEORGE C. SCOTT

uma produção de ALFANI da série de PAUL SCHRADER

HARDCORE

com **PETER BOYLE**
e SEASON HUBBY • Produtor executivo JOHN MILIUS
Produzido por BUZZ FEITSHANS • Música de JACK NITZSCHE
Escrito e Realizado por PAUL SCHRADER

4.ª SEMANA NO



INTERDITO A MENORES DE 13 ANOS

TNT TESTO DO NOSSO TEMPO

apresenta

Sábados, Domingos e Feriados às 15.30 h e 17.30 h
PARA CRIANÇAS E ADULTOS

O contro tradicional japonês
YUZURU, A GRUA DO ENTARDECER

De Junji Kinoshita
2.ª mês
Para todos
Não acons. men. 6 anos
Sub. da SEC

PRACA JOSÉ FONTANA
12-B tel. 57 58 51
Metro Picadas
Lisboa - 1000

GALERIA DE BELÉM

CINEMA CICLO

«O SUJEITO E O MÚLTIPLO»

A MARQUESA D'O

De Eric Rohmer

Sábado 15 e domingo 16 de Setembro
às 15.30 e 18 horas

(Não aconselhável a menores de 13 anos)

ENTRADA LIVRE

Av. Brasília - (Junto ao Mercado do Povo)

Direcção-Geral da Acção Cultural

UM GRANDE FILME PARA TODA A FAMÍLIA

O GRANDE ACONTECIMENTO

«Matilda»

ALGO DE NOVO E SENSACIONAL NO MUNDO DO ESPECTÁCULO



TODOS VÃO ADORAR MATILDA...

PRODUZIDO POR ALBERT S RUDY
PRODUTOR DE "O PADRINHO"

REALIZADO POR DANIEL MANN
REALIZADOR DE "A CASA DE CHA DE LUAR DE ALGUÉM"

UM GRANDE ELENCO

ELLIOTT GOULD • ROBERT MITCHUM

CLIVE REVILL, HARRY GUARDINO, ROY CLARK,
LIONEL STANDER, ART METRANO, KAREN CARLSON

MUSICA DE JERROLD IMMEL

UM EXCLUSIVO
MUNDIAL FILMES

HOJE ESTREIA

Não acons. menores 13 anos

STAR



Canal da Crítica

Três touradas distintas e uma verdadeira chamada RTP

MARIO CASTRIM

Durante dias a fio, durante a semana inteira tivemos a publicidade da tourada, isso a que o comentador, ontem, chamava a **tourada do Sindicato anual dos Toureiros**.

Afiava-se como bom o espectáculo. Afiava-se o Diamantino Viseu que, no tempo das grandes touradas, brilhou a grande altura. Haverá pelo menos alguém neste país que possa esquecer aquela «tourada» derradeira, ele acompanhado da bandeira portuguesa e o Fialho, bêbado de emoção a cantar boas épicas, num dos maiores teleescândalos deste país teleescandaloso ao máximo?...

Afinal, afinal a tourada foi aquilo que se viu, uma espécie de corrida comico-dramática, com toiros que pareciam dopados e outros que pareciam drogados. Caramba, homem, neste mundo de Diós (vai assim em castelhano de Mário Soares para ficar a prosa mais castiça) nem os toiros escapam.

Mais não digo antegozando como fico a crônica de Solilóquio. E também porque outras «touradas» houve na televisão a merecer tapona. No mesmo serão, imaginem só, no mesmo serão **três** touradas! «Parabéns», RTP. Acho muito difícil bater este **record** em qualquer parte do mundo. Até em Portugal.

Antes da tourada propriamente dita lembrou-se a RTP de transmitir uma pobre xaropada, uma ressurreição que nada justifica.

Produzida em mil novecentos e carqueja, «O último comboio da noite», vinha com o atraso que podem imaginar. Herlander

Peyroteo não devia consentir nessas reposições. Todos os autores sensatos têm direito — e dever — a colocar fora do mercado as primeiras obras cuja mediocridade, se a juvenilidade perdoa, não pode ser perdoada quando a idade adulta já impõe responsabilidades maiores. Com mil diabos, não se pode passar a vida inteira a brincar aos polícias e ladrões.

Compreende-se. A época é má — isto, claro, partindo do princípio de que na RTP existe alguma época boa o que para já, me parece discutível. Já agora aproveito para garantir aos meus correspondentes que eu não tenho nenhuma responsabilidade nem nenhuma influência na televisão. Deus me livre. Quero ir para o céu, quando morrer. De modo que as cartas e os telefonemas de protesto (ora dorido, ora veemente) devem ser dirigidos à RTP.

A época não é boa, pois. Mas,

em vez de transmitirem a palha de anos atrás, em vez de transformarem a «caixinha mágica» num caixote de lixo, porquê não repetem na RTP-1 algumas rubricas da RTP-2, à semelhança do que fazem com **Música, Maestro?**

Falemos, porém, da última «tourada» de hoje. Refiro-me à rubrica do Rui Guedes.

Pessoas sensatas pensam, depois de cada emissão, que essa foi a pior, que nenhuma outra poderá ultrapassá-la. Enganam-se. Há sempre uma pior do que a anterior.

Não há nada mais perigoso, dizia aquele filósofo da antiguidade, do que ser amigo de um patarata. O Guedes do piano e dos travessos do mau gosto, agarra na pobre da Amália e estrangalha-a. A Amália na sua boca é a mastima de tapos na boca do bostim.

Assim, ficamos a saber que a Amália Rodrigues «frequentou aos nove anos a escola primária e aos doze anos abandonou-a». Não é que o valor de uma pessoa

se meça pelos seus estudos. Mas qual o interesse deste por menor para o entendimento da personalidade da fadista?

E porquê o seu furor das cronologias, sabendo-se quanto certas pessoas não gostam de ver a sua idade denunciada no pelourinho público?

O seu blá-blá inconsciente foi ao ponto de levantar a questão do primeiro casamento de Amália. Esta, segundo o palrador à Cantinflas de lacinho, **nunca quis ser acompanhada pelo marido, nem à guitarra nem à viola. Muito estranho, é um facto muito assinalável na sua vida...**

Quer dizer: na impossibilidade de compreender o fenómeno social e artístico, o hominúculo varreja na bisbilhotice, mastiga a intimidade das pessoas.

Lamentável «tourada». Mas a RTP gosta. Até já nos comunicou que, domingão próximo, o programa em questão, voltaria ao horário normal.

A quem estará a RTP a dar satisfações? Que mistério envolve esta presença na TV?

A BARRACA
Alexandre herculano 20
tel: 686300

hoje 21.30
dom. 16.00

5.º MÊS

D. JOÃO 6.º

Téxto de encenação: Helder Costa

COMUNA
TEATRO DE PESQUISA
hoje às 21,45 h

AS GUERRAS DO ALECRIM E MANGERONA

O JUDEU

3.ª sábado às 21,45 h
domingo só às 18 h
2.ª feira descanso

2.º mês

PRACA DE ESPANHA - TEL 76 26 24

SUBSÍDIO DA S.E.C.

Um breve encontro para viverem o amor de toda uma vida

ASTORIA FILMES
um filme de ROBERT WISE

Amor sem promessa
"Two People"

PETER FONDA · LINDSAY WAGNER
ESTELLE PARSONS

A UNIVERSAL PICTURE TECHNICOLOR

HOJE ESTREIA
11, 13, 15, 17, 19, 21.30 e 23.30h

Não acons. men. 13 anos

cinestúdio erminal

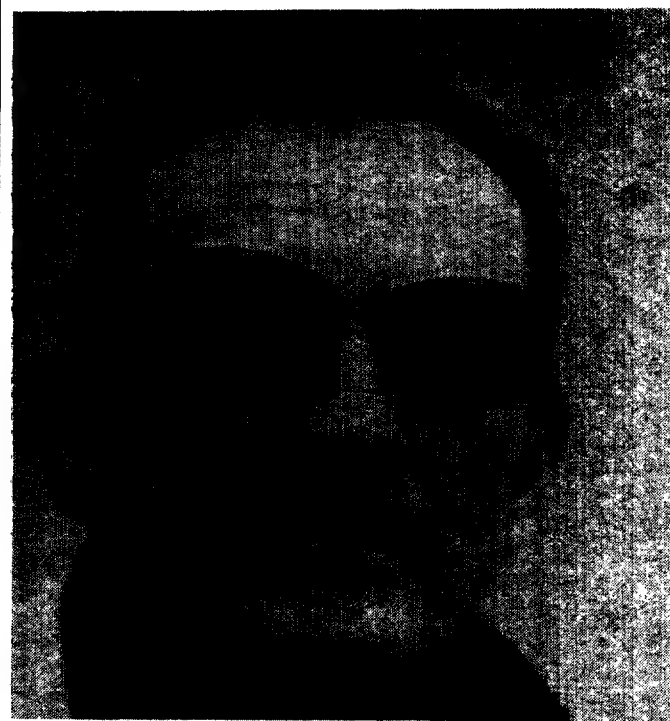
TEATRO ABERTO
Grupo 4
APRESENTA

O CHÁ dos GENERAIS

de BORIS VIAN
ENCENAÇÃO DE RUI MENDES

DE 3.ª a 6.ª FEIRA, ÀS 21.30
SÁBADOS, ÀS 18 e ÀS 22 HORAS
DOMINGOS, SÓ ÀS 16 HORAS
Esp. não acons. men. 16 horas
SUBSÍDIO DA S.E.C.

Hoje



Luchino Visconti realizador do filme «Obsessão»

I PROGRAMA

- 18.30 Riscos e Histórias
- 19.00 País, País
- 19.30 «Um Homem em Casa» — 3.º episódio intitulado «Uma Noite Inesquecível».
- 20.00 Jornal RTP/1
- 20.30 Manuel e Beatriz
- 20.35 Jogos sem Fronteiras — imagens da partida da equipa de Braga.
- 20.40 O Tempo
- 20.50 Zoom — o nascimento.
- 21.55 «Eu, Cláudio» — 9.º episódio intitulado «Zeus, By Jove».
- 22.45 24 Horas
- 23.00 Fecho

II PROGRAMA

- 20.30 «Obsessão» — 1.ª parte da longa metragem realizada por Luchino Visconti e interpretada por Massino Girotti, Clara Calamai e Elio Marcuzzo.
- 21.30 Informação/2
- 22.00 «Obsessão» — 2.ª parte.
- 23.00 Fecho

GRUNDIG
qualidade em toda a linha!

DESTAQUES

I PROGRAMA
«Eu, Cláudio» (21.55)

II PROGRAMA
«Obsessão» (20.30 e 22.00)

ASSISTÊNCIA TÉCNICA telef: 2112871

Amanhã

I PROGRAMA

16.30: Teatro Amador; 17.00: O Circo Chegou; 17.30: Gala Internacional de Pequenos Cantores; 18.15: «Carta da Nova França»; 18.45: Tempo de Desporto; 19.15: 4300 Minutos; 19.55: Manuel e Beatriz; 20.00: Jornal RTP-1; 20.55: O Tempo; 21.05: Comentário Jogos Sem Fronteiras; 21.55: Alamedas da Noite — «Paixões em Fúria»; 23.45: 24 Horas.

II PROGRAMA

20.30: No Rasto de...; 21.00: «Dick Tracy»; 22.00: Som de Palco; 23.00: Fecho.

DOMESTICAS E INDUSTRIAIS

MÁQUINAS DE LAVAR

TV E FRIGORÍFICOS

REPARAMOS EM SUA CASA

TEL. 70 37 06

JOÃO ROCHA COORDENA GESTÃO DO SPORTING

Rodrigues Dias: direcção confia no técnico

João Rocha foi nomeado coordenador da Comissão de Gestão eleita na última assembleia geral do clube de Alvalade, efectuada, como bem se devem lembrar os torcedores «leioninos», no dia 5 do corrente. O departamento do futebol profissional, marcando o «desaparecimento» da dupla João Rocha (quando presidente da direcção) — Sousa Marques, foi entregue a José Manuel Torcato, que assim substituiu Sousa Marques, presentemente no Brasil a tentar a contratação de um futebolista do Vasco da Gama. Os restantes departamentos são geridos pelos seguintes dirigentes: Actividades Administrativas — Mário Garcia; Gestão Financeira, Organização e Planeamento — Agostinho Abade; Actividades Gimnicas e Formativas — Garcia Alvarez; Desporto de Alta Competição — Mário Garcia e Agostinho Abade; Relações Públicas e Publicidade — Paulo Abreu.

Todos estes elementos fazem parte da comissão de gestão.

Entretanto, em reunião que terminou ao princípio da madrugada de hoje, a Comissão de Gestão «leionina» analisou as declarações desassombradas do técnico Rodrigues Dias, ainda com ar e verdade de frescura, pondo em causa a eficácia da organização do futebol profissional do Sporting. E decidiu, ao contrário do que se admitia em vários círculos, «confirmar» o professor Rodrigues Dias como técnico principal, pondo assim termo a algumas especulações em torno do nome de Otto Glória, técnico que os especialistas consideram já ultrapassado na esfera da orientação, valha o 3.º lugar que proporcionou aos «ma-

grãos» em Inglaterra («Mundial» de 66) e aos títulos que conquistou a nível de clubes em Portugal.

Por outro lado, Clodoando, 29 anos, ex-internacional brasileiro ao lado de Pelé, Jairzinho, Tostão, Carlos Alberto e Gerson, é hipótese para o Sporting, por intermédio do empresário Fernando Cardoso. Ainda respeitante ao Sporting, refira-se que a Imprensa espanhola tem noticiado que o Saragoça iria pedir uma indemnização pelo facto da equipa de futebol «leionina» não «ter comparecido» ao torneio internacional daquela cidade. Dirigentes do Alvalade afirmam a incongruência da posição saragoçana e justificam o «lapso» dos jornais do país vizinho.

JOGOS ANTECIPADOS

FC Porto-Setúbal (nas Antas, às 21.30 h) e Sporting-Varzim (à mesma hora, mas em Alvalade) antecipam a 4.ª jornada do «Nacional» da I Divisão, a completar no domingo. Jogos antecipados da II Divisão: na Zona Sul, Seixal-Olhaneense, às 17 horas; Zona Norte: Feirense-Fafe, às 21.30 h. Na III Divisão: Anadia-Tocha, às 21.30 h. no campo dos bairradinos.

As alterações para o calendário de domingo são estas:

II Divisão: Lusitano de Évora-Altéico, em Montemor-o-Novo, às 16 horas.

III Divisão: Sport Lisboa e Olivais-Lusitânia (Açores), às 15 horas; Montalegre-Mogadourense, no Estádio Municipal de Chaves, Desportivo de Castelo Branco-Marinhense, em Alcains, e Almada-União Futebol Co-

mércio e Indústria, na Cova da Piedade, todos às 16 horas.

BENFICA PROPÕE PRESIDENTE DA FPF

O Benfica propôs o seu candidato à presidência da Federação Portuguesa de Futebol: dr. Morais Leitão. Admite-se em círculos bem informados que possa surgir na «corrida» uma candidatura nortenha. A escolha do novo presidente da FPF será, em princípio, decidida amanhã, pelas associações.

Morais Leitão é um advogado de Lisboa, membro do Conselho Fiscal do Benfica. Mas, como afirmou ao «Mundo Desportivo», um adepto não ferrenho do clube «encarnado». Curiosamente, para o Conselho Fiscal, o nome indigitado para a rendição de Silva Resende é Manuel Moura, homem do futebol desde há muitos anos e perfeito conhecedor dos escaninhos da FPF. Outras proposituras: Ribeiro de Magalhães (Porto) e o coronel Carriho do Rosário (Setúbal) para a vice-presidência; Silva Resende para tesoureiro. Hélder Rocha, Adriano Pinto, Silva Lopes, Abílio Rodrigues e António Novais para vogais.

FARENSE GANHA AO PORTIMONENSE

O Farense ganhou (1-0) ao Portimonense e conquistou a Taça de Honra da Associação de Futebol de Faro. A equipa de Medeiros (Portimonense) não alinhou com a sua equipa principal, o que não invalida, no essencial, a auspiciosa actuação do Farense, este ano aparentemente decidido (recorde-se o seu triunfo de domingo passado em Évora, ante o Juventude) a

lutar pelo melhor lugar no escalão n.º 2.

Entretanto, e para a Taça de Honra de Leiria, o Alcobaca perdeu (2-3) com o União de Leiria, enquanto o Marinhense ganhou ao Caldas (2-1).

NASCIMENTO NO U. DE LEIRIA

Nascimento, internacional júnior do Benfica, deverá ingressar no União de Leiria.

Aquele jogador, que tem treinado naquele clube desde o regresso da Selecção Nacional de Juniores do Japão (de cujo plantel fez parte), espera para breve a regularização da sua situação no União de Leiria.

NUNES

O avançado do Fluminense, Nunes, que chegou a interessar ao Benfica e o ano passado integrou a selecção do Brasil, será transferido para o México.

Para concretizar o acordo, chegou ontem ao Rio de Janeiro o empresário Nicola Gravina, que participou na recente contratação do extremo Fumanchu.

AJAX DESPEDE

O Ajax despediu o seu treinador Cor Brom, uma época depois deste ter levado o clube de Amsterdão a vencer o Campeonato e a Taça Holandesa de Futebol.

TRANSFERÊNCIA

O Wolverhampton concretizou a mais cara transferência da história do futebol inglês, ao pagar 1 469 000 libras (cerca de 162 000 contos) pela aquisição do escocês Andy Gray, que alinhava no Aston Villa.

KUBALA NÃO QUER PERDER COM PORTUGAL



Kubala: os melhores espanhóis estarão em Vigo

Espanha em força para Vigo

Os jogadores da selecção espanhola de futebol convocados pelo técnico Ladislav Kubala realizaram anteontem uma sessão de treino para o jogo particular frente a Portugal, no próximo dia 26, em Vigo. A concentração faltou unicamente o valenciano Carreto (lesionado), enquanto outros dois dos convocados, do Real Sociedad, Alonso e Satrustegui, não chegaram a participar no treino, embora presentes — ambos a contas, também, com pequenas lesões.

Depois da sessão, Kubala declarou que divulgaria a lista definitiva dos seleccionados por volta do próximo dia 20 do corrente. «Não sei ainda quantos homens levarei a Vigo», disse, «porque depende dos próximos treinos que se possam fazer. Mas quantos mais forem, melhor».

Kubala acentuou que levaria jogadores do Barcelona, apesar do compromisso que esta equipa tem na Taça dos Vencedores das Taças, frente ao representante da Islândia. Afirmou ainda que as datas federativas estavam desde há muito tempo estabelecidas e, por isso, os jogadores barcelonistas teriam de representar a selecção.

Sobre este tema, assinalou que jamais teve interferências dos clubes «nos dez anos que levo de seleccionador, e nunca foi necessário deitar mão da norma que obriga um clube a ceder os seus jogadores».

Comentando a juventude do futebol espanhol, Kubala afirmou: «a mim não me interessa a idade, mas sim a qualidade, ainda que seja triste que o único menor de 21 anos que tenho, seja Lopez Ufarte».



MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA
E TECNOLOGIA

SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA
E INDÚSTRIAS DE BASE

Direcção-Geral
dos Serviços Eléctricos

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Federação de Municípios do Ribatejo, a que se refere o processo 8/65 335, arquivo 9101, para o estabelecimento na freguesia de Vila Moreira, concelho de Alcanena, de linha aérea a 30 kV, com cerca de 81 metros, entre o apoio n.º 3 da linha para o Posto de Transformação n.º 49 (Vila Moreira) e o Posto de Transformação n.º 110 da fábrica de cortumes União Distribuidora de Cortumes, Lda., em Carvalhos.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em
22 de Agosto de 1979.

PEL'O ENGENHEIRO-CHEFE
Angelino Pires dos Santos



MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA
E TECNOLOGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA
E INDÚSTRIAS DE BASE

Direcção-Geral
dos Serviços Eléctricos

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Federação de Municípios do Ribatejo, a que se refere o processo 8/65 343, arquivo 9101, para o estabelecimento na freguesia de Azoia de Cima, concelho de Santarém, de linha aérea a 15 kV, com cerca de 70 metros, entre o apoio n.º 111 da linha para o Posto de Transformação n.º 17 (tremês) e o Posto de Transformação n.º 68C de João Luís Louro no lugar de Alto dos Fornos.

Repartição de Licenciamento, em
22 de Agosto de 1979

Repartição de Licenciamento, em
27 de Agosto de 1979.

PEL'O ENGENHEIRO-CHEFE
Joaquim Gonçalves dos Santos



MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA
E TECNOLOGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA
E INDÚSTRIAS DE BASE

Direcção-Geral
dos Serviços Eléctricos

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Santarém, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Federação de Municípios do Ribatejo, a que se refere o processo 8/65 342, arquivo 9101, para o estabelecimento na freguesia de Almoester, concelho de Santarém, de uma linha aérea a 15 kV, com cerca de 626 metros, entre o apoio n.º 13 da linha para os postos de transformação n.º 173 (Albergaria) e o posto de transformação n.º 238 em Alforzeme.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em
22 de Agosto de 1979

PEL'O ENGENHEIRO-CHEFE
Angelino Pires dos Santos



MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA
E TECNOLOGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA
E INDÚSTRIAS DE BASE

Direcção-Geral
dos Serviços Eléctricos

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Santarém, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Federação de Municípios do Ribatejo, a que se refere o processo 8/64 334, arquivo 9101 para o estabelecimento na freguesia de Pernes, concelho de Santarém, de linha a 15 kV, com o comprimento total aproximado de 1039 metros, constituída por um troço aéreo com cerca de 1019 metros e um troço subterrâneo com cerca de 20 metros, entre o apoio n.º 23 da linha para o Posto de Transformação n.º 84 (Vaqueiros) e o Posto de Transformação n.º 600 da SIMOL-Investimentos Financeiros, SARL, em Pernes.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, ou na Secretaria daquela Câmara, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em
22 de Agosto de 1979.

PEL'O ENGENHEIRO-CHEFE
Angelino Pires dos Santos



MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA
E TECNOLOGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA
E INDÚSTRIAS DE BASE

Direcção-Geral
dos Serviços Eléctricos

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Odemira, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal EDP-Zona de Distribuição Alentejo-Algarve, a que se refere o processo 8/64 655 Arquivo 5460, para o estabelecimento na freguesia de . Salvador e Santa Maria, Concelho de Odemira, de linha aérea a 15 KV, com 731 metros, da substituição de Odemira ao posto de Transformação 4 de Odemira.

Repartição de Licenciamento, em
31 de Agosto de 1979

PEL'O ENGENHEIRO-CHEFE
Anjelino Pires dos Santos

CURSOS

MECANOGRAFIA
PERFURAÇÃO/VERIFICAÇÃO
Sistemas IBM e UNIVAC
Início 21-9-79

GRAVAÇÃO/VERIFICAÇÃO
IBM 3742 DISKETTES
Início 21-9-79

DACTILOGRAFIA
Início: todos os dias
Inscrições limitadas

EXTERNATO CONTINENTAL
Telf. 325652 — R. do Arsenal,
100-1.º

DÉCIMO NONO CARTÓRIO
NOTARIAL DE LISBOA
RUI JORGE
PIRES CARRONDO
AJUDANTE DESTA
CARTÓRIO

CERTIFICADO

Para efeitos de publicação que por escritura de vinte e sete de Agosto de mil novecentos e setenta e nove lavrada de folhas cento e quarenta e nove verso a cento e cinquenta verso do livro de notas H-Vinte e Dois deste Cartório, Eduardo João Cassona Luís e Rogério Silvestre Raposo únicos sócios da sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada denominada TRANSPORTES C.A. VAI SINTRA, LIMITADA, com sede no lugar da Brandoa, freguesia da Amadora, concelho de Oeiras, alteraram parcialmente o pacto da referida sociedade, substituindo a redacção do artigo 1.º a qual se rege pelo constante da presente fotocópia.

Lisboa décimo Nono Cartório Notarial trinta de Agosto de mil novecentos e setenta e nove.

PRIMEIRO

A sociedade continua a adoptar a denominação TRANSPORTES C.A. VAI SINTRA, LIMITADA, tem a sua sede no lugar de Aruil de Baixo, freguesia de Almargem do Bispo, concelho de Sintra.

"BRONZE" NOS 5000 M Espinho homenageou Leitão

António Leitão, medalha de bronze nos 5 mil metros dos últimos Campeonatos Europeus de Atletismo (juniores) e o seu técnico, Jorge Ramiro, foram ontem justamente homenageados pelo Clube de Espinho, em acto que teve a presença de representantes da Associação Portuguesa de Atletismo, enquanto a Federação da modalidade e o Comité Olímpico enviaram telegramas.

«A homenagem — disse António Leitão — vem demonstrar que, embora o Espinho seja um

clubinho pequeno, sabe, no entanto, reconhecer o esforço que os atletas fazem para o seu engrandecimento». O atleta reafirmou, interrogado sobre o futuro, que espera «propostas, em carta fechada, para apresentar ao Espinho, uma vez que o clube merece saber em primeira «mão» as condições oferecidas, e verificar se pode garantir a minha permanência».

Jorge Ramiro, referindo-se à homenagem que recebeu, disse «ser um acto de reconhecimento que sempre cai bem».

TÉNIS NO JAMOR

Ténis: eis os resultados dos jogos correspondentes aos quartos-de-final do I Troféu Shell, 12.ª prova a contar para o Grande Prémio Martini, que está a decorrer nos campos do Estádio Nacional:

Santos Costa-António Mota, 6-2, 6-7 e 6-3; Luis Filipe-António Feu, 6-2 e 6-0; Luis Sousa-Alexandre Soeiro, 6-2 e 6-3; Cabral-Moncada-Virgílio Coutinho, 2-6, 6-1 e 6-0; Bento Monteiro-José Manuel Silva, 6-2 e 6-3; Luis Cruz-João Zilhão, 6-1 e 6-0; Vaz Pinto-Eduardo Carona, 6-3 e 6-1; e Azevedo Gomes, que venceu Ribeiro Rosa, por falta de comparência.

JUDO: CONVOCAÇÕES

A Federação Portuguesa de Judo convocou 21 atletas para o estudo de preparação (para esperanças e juniores) a realizar nas instalações do Instituto Superior de Educação Física até 30 do corrente, com a participação de atletas holandeses e espanhóis. Os elementos convocados:

Esperanças — João Neves e Rui Palma (53kg), Carlos Nunes e Pedro Teixeira (57kg), Carlos Ramos e Arsénio Luis (62kg), Jorge Almeida e José Calado (68kg), e António Matis e Jaime Guedes (75kg).

Juniores: Sérgio Rocha, João Moreira e Rui Rosa (60kg), João Pinheiro e António Carneiro (65kg), João Maldonado e Jorge Baptista (71kg), Pedro Gonçalves e João Bento (78kg), e João Capelo e João Silva (86kg).

PORTO DE MOS

A Ilha de Porto de Mós, a contar para os Campeonatos Nacionais de Velocidade e Regional de Iniciados, será organizada pelo Clube Automóvel da Marinha Grande nos próximos dias 22 e 23 do corrente.

A prova, a disputar entre Porto de Mós e a serra de Aire, na distância de 2100 metros, é para

automóveis dos Grupos 1, 2, 3, 4 e 5.

SOUSA SANTOS:

FPC «DÁ-LHE»

A «VOLTA»

Pode afirmar-se agora, oficialmente, que Sousa Santos, é o vencedor da 41.ª Volta a Portugal, em bicicleta, ganha na estrada, no campo da luta, pelo lousanense Marco Chagas. Um comunicado da FPC confirma na íntegra o que já se sabia, mas não foi oficialmente: a desclassificação de Marco Chagas, que ainda estará para saber como ingeriu «doping». Foi-lhe também aplicada a suspensão de um mês, com efeitos a partir de 24 de Agosto.

Abel Coelho, e Carlos Santos, também do Lousa, foram desclassificados, como Chagas, e punidos com 1 e 3 meses de suspensão, respectivamente, desde 24 e 21 de Agosto último.

ADVERSÁRIOS

Emerson de Varese, Valladolid Imparsa e SD de Gand são os adversários do Sporting, Sangalhos e CIF (meninas) para as competições europeias de basquetebol esta época, segundo o sorteio de Munique. Três adversários de muito respeito, a merecer desde já uma previsão: nenhuma das equipas nacionais irá além da primeira ronda. Os jogos, em duas mãos, disputar-se-ão em Outubro e Novembro: Emerson com o Sporting (o 1.º jogo é em Lisboa, a 10 de Outubro), ao Sangalhos, para Korac, coube o Valladolid (jogo a abrir em Espanha, em 31 de Outubro), e ao CIF o Gand (primeiro jogo em Lisboa, a 1 de Novembro).

TRÊS EM PRAGA

Carlos Lopes, Aniceto Simões e José Sampaio partiram ontem para Praga, onde, no domingo, participam na conhecida prova «Rudhe Pravo», prova com a presença dos melhores fundistas. A corrida tem a extensão de 11 240 metros.

Diz o novo campeão de Fórmula 1: "A 'Ferrari' é como uma religião"

O novo Campeão Mundial de «Fórmula Um», o sul-africano Jody Scheckter, afirmou que o seu título se deve ao cuidado com que conduziu na maior parte dos Grandes Prémios deste ano, para evitar «partir» o motor do seu Ferrari.

Scheckter, 29 anos, que foi campeão no domingo ao vencer o Grande Prémio de Itália, em Monza, dedicou o título à «escuderia» do comendador Enzo Ferrari e ao seu colega de equipa Gilles Villeneuve, do Canadá, que ocupa actualmente o segundo lugar da classificação do Mundial.

«Este ano interessou-me mais ser campeão mundial do que ganhar muitos Grandes Prémios, pelo que tentei sempre evitar excessos de condução para não esgotar os motores», disse Scheckter, em entrevista concedida em Milão. «Talvez muitas pessoas gostassem que eu fosse um pouco mais agressivo, mas considero que essa não é a forma correcta de se conquistar o título mundial».

Scheckter venceu apenas duas das 13 provas já disputadas a contar para o «Mundial», mas foi o piloto mais regular,



A «Copersucar», que desde 1974 participa em corridas de Fórmula 1 desaparecerá na próxima temporada. Os manos Fitipaldi terão que procurar nova «escuderia». A decisão tomada pela importante cooperativa açucareira brasileira fica a dever-se, segundo Zillo, novo presidente da «Copersucar», à grave «situação financeira» da empresa.

averbando três segundos lugares, três terceiros e cinco sextos, só tendo desistido na primeira corrida da temporada: o Grande Prémio da Argentina, em Buenos Aires. Interrogado sobre Villeneuve, segundo piloto da «escuderia» de Maranello, o sul-africano salientou a rapidez e a forma como o canadiano «corre para a equipa».

«Surpreendemos muita gente, inclusivamente dentro da «Ferrari», com os resultados obtidos esta época, os quais se devem ao nosso perfeito entendimento. Fizemos um acordo de não dificultar a nossa mútua acção e assim aconteceu sempre, pois quando um ia no comando, o outro não o atacava», explicou o novo campeão.

«TOURZINHO»: SOVIÉTICOS MANDAM

Rosa subiu cinco lugares

Mais uma vitória individual dos soviéticos, a participação do Coelima Luis Teixeira na grande fuga (terminou no 5.º lugar) da segunda etapa montanhosa a sério, a ascensão de José Rosa ao 11.º lugar (subiu cinco postos) e a promoção da equipa portuguesa à quarta posição colectiva: são estes, em poucas linhas, os aspectos mais relevantes da ligação de ontem da Volta do Futuro («Tourzinho»), entre Aix-les-Bains e Val d'Isère, exactamente a nona. Por equipas, como é óbvio, a URSS aparece na primeira posição. A seguir: Polónia, Itália e... Portugal. Depois: Suécia, Bélgica e França.

Depois de Averine, Soukhorooutchenkov e Morozov, foi a vez do jovem Youri Kashirine (que ainda não tem 20 anos) ganhar a sua etapa da Volta do Futuro. Chegou isolado a Val d'Isère, com 3.55 de avanço sobre o belga Nevens e o soviético Gusseinov, seguidos de perto por um pequeno grupo no qual se integrava Luis Teixeira, que chegou na 5.ª posição, antecedido ainda

pelo espanhol Delgado. Kashirine tinha envergado a camisola amarela durante 24 horas, depois do contra-relógio por equipas Dole-Chalon, no princípio da prova.

Classificação da etapa: 1.º, Youri Kashirine (URSS), 4h 44:02 (média de 32,425 km/h); 2.º, Nevens (Bél) 4h 47:37; 3.º, Gusseinov (URSS); 4.º, Delgado (Esp) 4h 47:43; 5.º, L. TEIXEIRA (POR); 6.º, Morozov (URSS); 7.º, Cattaneo (Sui); 8.º, Krawczyk (Pol); 9.º, Soukhorooutchenkov (URSS); 10.º, Wilmann (Nor), todos mesmo tempo: 4h 47:43; 16.º, J. Rosa (Por.) 4h 48:25; 29.º, F. Mendes (Port) 4h 50:50; 34.º, A. Gouveia (Port) 4h 54:48.

Classificação geral: 1.º, Sergei Soukhorooutchenkov (URSS) 34h 38:41; 2.º, Gusseinov (URSS) 34h 44:59; 3.º, Kashirine (URSS) 34h 45:24; 4.º, Wilmann (Nor) 34h 46:20; 5.º, Nevens (Bél) 34h 47:15; 6.º, Morozov (URSS) 34h 47:20; 7.º, Clavati (Itá) 34h 48:12; 11.º, Rosa, Portugal, 35:42; 12.º, Nejari, Mar-

rocos, 34:53,32; 13.º, Cattaneo, Suíça, 34:53,47; 14.º, Breznezny, Polónia, 34:54,04; 21.º, Luis Teixeira, 34:57,59; 50.º, Alfredo Gouveia, 35:40,26; 57.º, Floriano Mendes, 35:55,41 e 59.º, Alexandre Ruas, 36:00,19.

JOAQUIM AGOSTINHO

Joaquim Agostinho, que deverá chefiar a nova equipa «Marc-Carlos», alusiva a marca de detergentes com aquele nome, abandonando a Flândria o seu velho amigo Freddy Maertens, será um dos 17 ciclistas que integram o «pelotão de ouro» que vai disputar, em 23 do corrente, em Cannes, o Grande Prémio das Nações. Para além de Agostinho, disputam o G.P. ciclistas da estirpe de Bernard Hinault (França), Kuiper (Holanda), Braun (RFA), Zoetmelk (Holanda), Gisinger (Suíça), Moser (Itália), Thurau (França), Carvalho (França), Griffiths (Car-B), Pollentier (Bélgica), Michel (França), Costerboch (Bélgica), Paulsen (Dinamarca), Van Impe (Bélgica), Criquelion (Bélgica) e Orsted (Dinamarca).

UNIVERSÍADAS

URSS: 86 medalhas

A URSS arrecadou 34 medalhas de ouro, 28 de prata e 24 de bronze nos 10.ºs Jogos Universitários que esta madrugada terminaram na Cidade do México. Os EUA, que aparecem no rol logo a seguir, averbaram 51 (21 de ouro, 14 de prata e 16 de bronze), quedando-se no 2.º lugar. Vêm depois a Roménia (30 no total), RDA (15, mas 6 de ouro), RFA (16 e apenas quatro douradas), Hungria e Itália. Na cauda surgem a Índia, Suíça, Uruguai, Costa do Marfim e Quênia, com uma medalha de prata, e o Canadá, com três de bronze.

Entretanto, Pietro Mennea, que horas antes pulverizara o recorde mundial dos 200 metros, contribuiu decisivamente para que a Itália arrecadasse a vitória na estafeta dos 4x100 metros com o tempo de 38,42 segundos, igualando assim o melhor tempo europeu de sempre. Por outro lado, o atleta romeno (fundista) Ilie Floriu tornou-se o primeiro atleta a conseguir duas medalhas de ouro, pois venceu os 5000 metros com o tempo de 14.12,90 minutos, depois de ter vencido os 10 mil.

O polaco Wladyslaw Kozaiwicz, no salto à vara, Marita Koch, da RDA, nos 200 metros femininos, e Hermanus Schulz, da RDA, nos 400 metros-barreiras (homens) estabeleceram novos recordes dos jogos. O imprevisível também reinou na prova: na final dos 4x100 metros femininos, a equipa norte-americana foi desclassificada por duas falsas partidas, da atleta Jodi Andersen, tendo a URSS ganho a corrida, com 43,14s, e estabelecendo também novo recorde dos jogos. O norte-americano Evans White, por seu turno, venceu os 800 metros.

Outros atletas vitoriosos: Nadeja Nouchta, nos 800 metros seniores, Klaus Ploghaus, da RFA, no lançamento do martelo (também recorde dos jogos), Anita Stoukane (URSS), no salto em comprimento, e Ilona Slupianek, da RDA, no lançamento do peso (mulheres).

Relativamente ao futebol, o México ganhou por 5-2 ao Uruguai (para goáudio de mais de 50 mil mexicanos presentes no Estádio Olímpico). A seguir (e com direito à medalha de bronze) ficou a Roménia. Equipas nos lugares imediatos: Holanda, Coreia do Sul, Argélia, Japão e Madagascar.

assim vai o TOTOBOLA

PROGNÓSTICOS DOS ÓRGÃOS DE INFORMAÇÃO

PARA O 2.º CONCURSO EXTRAORDINÁRIO (19.20 DE SETEMBRO DE 1979)

Boa Nova, 1x1 111 x11 111; Cavalegada do Ritmo, 111 111 211 x11x; Rádio Totobola, 1x1 x11 x11 111x; Correio de Coimbra, 1x1 111 211 x11x; Correio do Vouga, 111 111 211 1111; Diário de Coimbra, 1x1 111 211 1111; Diário de Lisboa, 1x1 211 x12 1111; Ecos de Cacia, 1x1 11x 11x 1111; Estrela da Manhã, 121 111 211 11x1; Eu Sei Tudo, 111 111 221 x111; Jornal de Gaia, 2x2 211 211 11x1; Folha do Domingo, 111 1x1 x11 111; Ga-

zeta das Caldas, 111 111 2x2 2111; O Jornal de Felgueiras, 111 x2 211 111x; Jornal da Graça, 122 121 21x 1111; O Jornal da Lixa, 111 x11 111 1111; Linhas de Elvas, 1x1 111 211 211x; Litoral, 1x1 x11 211 2x1x; Manchete Desportiva, 121 x11 212 111x; Maria da Fonte, 1x1 111 2x1 2111; Mundo Desportivo, xx1 211 x111; Notícias de Évora, 1x1 111 x11 1111; Notícias de Felgueiras, 1x1 211 x11 11x1; Notícias de Guimarães, 121 21x 1x1 111x; Pe-

nalti, 1x1 111 111 211x; Rádio Altitude, 1x1 x11 211 111x; Reconquista, 121 111 211 2111; Repórter do Dia, 12x 111 211 11x1; Diário Desportivo, 121 11x 2x1 211x; Liberdade, x12 1x1 x11 21x1; A Voz das Beiras, 112 111 221 2111; A

Voz do Domingo, 111 111 211 1111; Voz de Lamego, 12x 111 211 1112; A Voz dos Ridoicelos, 12x 1x1 211 x111; Repórter, 1x1 111 2x1 x1x1.

	R E S U M O			B O L A S			a)
	1	x	2	1	x	2	
1. PORTO - MILAN	31	3	1	10	1	1	
2. SPARTAK SÓFIA - REAL MADRID	11	15	9	4	5	3	
3. ÚJPEST - DUKLA PRAGA	27	4	4	8	2	2	
4. YOUNG BOYS - S. BUCARESTE	23	7	5	8	2	2	
5. INNSBRUCK - LOK. KOSICE	30	4	1	10	1	1	
6. SPORTING - BOHEMIANS DUBLIN	31	3	1	10	1	1	
7. ARIS - BENFICA	3	8	24	1	3	8	
8. GJÖN - EINDHOVEN	25	7	3	9	2	1	
9. AT. MADRID - DINAMO DRESDEN	30	2	3	10	1	1	
10. BOHEMIANS PRAGA - BAYERN MUNIQUE	10	16	9	3	6	3	
11. FEYENOORD - EVERTON	30	5	0	10	2	1	
12. DINAMO KIEV - CSKA SÓFIA	31	4	0	11	1	1	
13. ESTUGARDA - TORINO	20	14	1	7	4	1	

a) Nos termos do Artº 14º do Regulamento Geral dos Concursos, se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades do presente mapa.

A «chave» lógica será:

1x1 111 211 x111

ROMA

ESTREIA HOJE ÀS 21.30 H.

UMA LUTA IMPLACÁVEL NUM FILME PROFUNDAMENTE
DRAMÁTICO E ESPECTACULAR

JASON MILLER • LEA MASSARI

O CÃO

um filme de A. FASSI

NÃO ACONSELHÁVEL A MENORES DE 18 ANOS



"Antologia da Ficção Portuguesa Contemporânea"

Chancela do Instituto de Alta Cultura, que o destina fundamentalmente à divulgação no estrangeiro (e nomeadamente nos cursos e leitorados de portugueses), apareceu recentemente também nas nossas livrarias uma **Antologia da Ficção Portuguesa Contemporânea**. São cerca de três centenas e meia de páginas e estão a qui textos de cinquenta autores. Impraticável dizer aqui o nome de todos. A selecção vai de Aquilino Ribeiro e Raul Brandão a Ivete Centeno e Almeida Faria. A selecção, o prefácio e as notas bibliográficas são de Jacinto do Prado Coelho. Entre parênteses regista-se que este trabalho foi feito com a colaboração de Álvaro Salema.

O que se pode dizer desta antologia é o que sempre se pode dizer de qualquer antologia. Uma antologia é sempre discutível. Cada leitor é um antologador potencial e faria a sua antologia. («Somos todos antologadores» — diz Ana Hatherly, num livro recentemente publicado, «O Espaço Crítico»). Leitor que somos, faríamos, se acaso de tal nos incumbissem, uma antologia diferente. A alguns autores que aqui

estão antologados preferiríamos outros. E o mesmo em relação aos textos. Não vamos dizer que nomes fariam substituir por outros, nem os nomes destes. O prefácio cita nada menos do que oitenta e um nomes que aqui não «entraram» e diz que, em alguns casos, ficou «mais do que a dúvida, o remorso pela decisão tomada».

Mas, «bem o sabemos: uma antologia não passa duma proposta: esta é uma de várias escolhas possíveis, igualmente válidas» — dizem os responsáveis, numa introdução, assumindo as dificuldades com que a sua escolha se defrontou.

As dificuldades, e os riscos decorrentes da sua necessária resolução. Além do que respeita a possíveis injustiças cometidas ou omissões e preferências de uns tantos a outros na obra de cada autor, há outro aspecto aqui que vale a pena assinalar: é a decisão de incluir, em muitos casos, extractos de romances. Mas, a este respeito, diz ainda a introdução: «atrevemo-nos a propor extractos, na ambição de provocar o interesse pelo romancista e de proporcionar uma ima-

gem mais completa da ficção portuguesa contemporânea. Se pecámos, foi por bem. E preocupados com o problema».

Fundamentalmente, esta antologia deve entender-se como um conjunto de textos de apoio para o estrangeiro interessado em

iniciar-se na literatura portuguesa do século XX e para «o lusófilo incipiente, portador de um simples impulso de simpatia por Portugal e talvez de mera imagem criada em acasos de turismo ou num breve contacto com homens ou notícias de cá».

LMR

Estrutura das Explorações Agrícolas

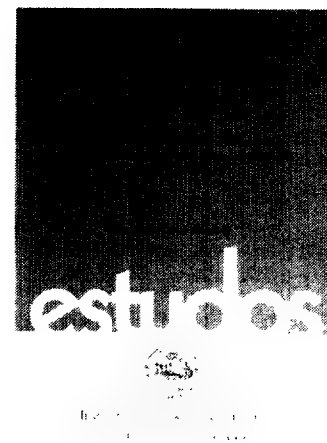
Por Francisco Cabral Cordovil

Enquadrado na linha de investigação, «Estruturas Agrárias e Classes Sociais no Campo em Portugal», do Centro de Estudos de Economia Agrária do Instituto Gulbenkian de Ciência, Francisco Cabral Cordovil publicou um volume, com cerca de 300 páginas, intitulado: «Estrutura das Explorações Agrícolas: Produto Agrícola Bruto como instrumento de análise e determinação — Ensaio para 1968-70».

Trata-se de uma obra que denota investigação cuidadosa e que tem um grande interesse para estudiosos das questões relativas à Economia Agrária. Nos 4 capítulos do livro e nos anexos, quadros e gráficos, o leitor encontra elementos elucidativos e objectivos sobre a repartição do PAB por classes de área das explorações agrícolas e do produto agrícola bruto por classes de PAB e a Repartição do número de explorações agrícolas e PAB dos vários tipos de exploração por classes do PAB.

Como, escreve o dr. Afonso de Barros, no Prefácio que escreveu para este volume: «O trabalho que agora se publica assume valor predominantemente instrumental no quadro do Projecto

de Investigação em curso, pelo que o seu alcance só resultará em toda a latitude e profundidade quando for dado a conhecer o texto que corresponde à parte central do Projecto. Não significa isto, contudo, que o pre-



sente trabalho não encerra valor em si próprio e não contenha resultados que plenamente elucidam aspectos importantíssimos da realidade agrícola do País».

Edição do «Centro de Estudos de Economia Agrária» do Instituto Gulbenkian de Ciência.

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

BANCO FUNDADO EM 1864

PAGA OS MAIS ALTOS JUROS DA BANCA

COTAÇÕES DE NOTAS

E MOEDAS ESTRANGEIRAS

(Por UNIDADE)

	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	46800	51800
ALEMANHA OCID. (marco)	26875	27885
ÁUSTRIA (xelim)	3860	3890
BÉLGICA (franco)	18608	18708
BRASIL (cruzeiro)	1820	1880
CANADA (dólar — notas de 1 e 2)	41855	43855
(notas de 5 a 1000)	42805	44805
DINAMARCA (coroa)	9830	9870
ESPAÑA (peseta)	704	804
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	48840	50840
(notas de 5 a 1000)	48890	50890
FINLÂNDIA (marca)	12865	13825
FRANÇA (franco)	11850	12810
HOLANDA (florim)	24835	25835
INGLATERRA (libra)	107890	111890
ITALIA (lira)	8054	8084
JAPÃO (iene)	3199	3299
NORUEGA (coroa)	9870	10820
SUECIA (coroa)	11855	12815
SUIÇA (franco)	29850	30860
VENEZUELA (bolivar)	9895	10855

OBSERVAÇÕES:

1. — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.

2. — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 2 por mil.

tempo

SITUAÇÃO DO TEMPO
ÀS 09.00 H

Em Portugal Continental o céu estava geralmente muito nublado, havia neblina ou nevoeiro locais especialmente nas regiões do litoral e o vento era fraco predominando de Leste.

TEMPERATURAS DO AR

V. DO CASTELO	19°
BRAGANÇA	19°
VILA REAL	20°
PORTO	17°
P. DOURADAS	15°
COIMBRA	18°
CABO CARVOEIRO	17°
PORTALEGRE	19°
LISBOA	20°
ÉVORA	19°
SINES	19°
BEJA	19°
SAGRES	21°
FARO	21°
PONTA DELGADA	21°
FUNCHAL	21°

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR	BAIXA-MAR
9.27 3,3 m	2.40 1,8 m
33.12 3,2 m	15.43 1,8 m
10.48 3,3 m	4.10 1,9 m
23.29 3,2 m	17.08 1,8 m
11.56 3,5 m	5.23 1,8 m
	18.06 1,6 m

PREVISÃO DO TEMPO
ATÉ ÀS 24 H DE AMANHÃ

Céu pouco nublado; vento fraco predominando de Nordeste. Nas regiões para Norte do Tejo: neblinas ou nevoeiros locais durante a manhã e madrugada; pequena subida de temperatura para amanhã. Nas regiões a Sul do Tejo: céu por vezes muito nublado; vento fraco; possibilidades de aguaceiros e trovoadas.

NAScer ÀS 7.17

OCASO ÀS 19.46

DIA 21 DIA 29 DIA 5 DIA 11

rádio

1.º Programa

17.00: Trajectória, programa da juventude; 19.00: Música portuguesa; 19.30: Jornal da noite; 20.00: Música popular; 20.30: Temas de desporto; 21.00: 14.º episódio do folhetim «Matias Sandor», de Júlio Verne; 21.20: Música variada; 22.00: Conjuntos; 22.30: Froma e conteúdo, trisemanário das artes e das letras; 23.00: Programa da noite; 24.00: Último jornal.

2.º Programa

17.10: Música de câmara; 18.00: Noticiário cultural; 18.10: Música portuguesa; 19.00: Música de câmara; 19.30: As palavras dos músicos, pelo dr. João de Freitas Branco; 20.00: Música de piano de Schubert; 20.55: Música sinfónica; 22.30: Curiosidades musicais; 23.00: Intercâmbio musical; 23.50: Música sinfónica; 01.00: Fecho.

Rádio Comercial (294m)

17.03: Contacto; 17.40: Contacto com o Mundo; 18.10: Tutti-frutti, histórias arias da música ligeira; 18.45: Espaço Citroën; 19.45: Teatro trágico; 20.00: Quando o telefone toca; 20.33: Cartaz; 21.00: Música para meditar; 21.30: Quando o telefone toca; 22.33: O tema é; 23.00: Projectão.

Emissão Estereofónica

15.03: Rock em stock; 18.03: Hora de ponta; 19.00: Em órbita; 21.03: Forum.

RÁDIO RENASCENÇA

18.08: Apelos; 18.15: Igreja em notícia — palavra do dia; 18.30: Transmissão do tempo do Externato do Parque; 19.00: Programa da Liga dos Amigos de Rádio Renascença; 20.00: Objectivo; 20.54: Apelos; 21.05: Programa da Liga dos Amigos de Rádio Renascença; 22.00: Quando o telefone toca; 22.30: Temas vivos; 23.30: Actualidade económica; 23.55: Fecho.

544545

centro S.O.S.

voz amiga

palavras cruzadas

COM PROVÉRBO

PROBLEMA N.º 12 435

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11

HORIZONTAIS:

1 Aguço. Pertencer.

2 Guardar segredo. Poise no mar (o avião).

3 Freguesia do concelho de Guimarães. Moderato. Reis.

4 Épocas. Felicidade.

5 Actínio (s.q). Ruim.

6 Rente. Invulgar.

7 Inseto da ordem dos dípteros.

8 Ansiarem. Cálcio (s.q).

9 Terra de Moisés. Sossago.

10 Grande ribeira da Ásia Russa. Clima. Vossa Alteza. Nota musical.

11 Vais para fora. Assinalar.

VERTICAIS:

1 Fedor. Limpamos metais.

2 Consta. Cidade de Itália.

3 Impulso. Cidade e porto de Marrocos.

4 Nivelar. Invulgares.

5 Rezas. Curar.

6 Artigo definido. Virtude.

7 Caruma. Movia os remos.

8 Patrão. Matemática. Brisa.

9 Erbio (s.q). Criança francesa célebre pelo seu heroísmo.

10 Vagueie. Rosto.

11 Vinte mãos de papel. Inventar.

Resolheu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 8495

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11

HORIZONTAIS:

1 Tamareiras.

2 Limpar com areia. Fêmeas dos cavalos.

3 Célebre cavaleiro espanhol que combateu os Mouros que serviu sucessivamente Sancho e Afonso VI de Castela. Em excesso.

4 Ecoara. Espaço de doze meses.

5 Carta de jogar. Seguiam. Chão.

6 Pessoas que se embriagam. Chiste.

7 Prefixo que designa ar. Nota musical.

8 Lácteos.

9 Artigo definido. Pessoas muito parecidas com outras.

10 Invulgares. Levas à toa.

11 Guarnecer de asas. Arara. Cathedral.

VERTICAIS:

1 Utensílio doméstico. Cura.

2 Larva das feridas dos animais.

3 Instrumentos para atirar setas.

4 Artigo definido (ant). Campeão.

5 Compreenda. Arejara.

6 Cidade de Espanha. Rio da Alemanha que nasce no Tirol.

7 Erbio (s.q). Duna na Suécia.

8 Simples.

7 Antiga unidade monetária da Alemanha. Ecoar.

8 Apelido. Encosta.

9 Porcos. Fecho as asas para descer mais depressa.

10 Meter em atoleiro. Rio da Suíça.

11 Guarneço de asas. Encerasse.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 12 434

HORIZONTAIS:

1 Anas. Avaras.

2 Lúpas. Idosa.

3 Vaiera. Si.

4 Péra. Isolár.

5 Ama. Am. Bali.

6 TOMAR. Ita.

7 Acolá. As. As.

8 Rã. Importa. Uma.

10 Apó. len.

11 Mar. Mas. Oco.

VERTICAIS:

1 Al. Paranas.

2 NUDEM. Campa.

3 Aparato. POR.

4 Saia. Lo.

5 Sa. Amarram.

6 Rima.

7 Vias. Ramais.

8 Ad. Ob.

9 Ro. Lai. JUNO.

10 Assalta.

11 Saiarias. Aló.

Provérbio: Tomar a nuvem por Juno.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 8494

HORIZONTAIS:

1 Atum. Puras.

2 Tas. Ser. Pór.

3 Sevilha. Lu.

4 Maria. Ata.

5 Os. Lás. Amar.

6 Remo. Tira.

7 Gr. Terras.

8 Salar. Pás.

9 Pesarias.

10 Cor. Sâtras.

11 Aras. Sassas.

VERTICAIS:

1 As. Corgo. Ca.

2 Tas. Ser. Pór.

3 Usem. Será.

4 Valetes.

5 Mira. Elias.

6 Listras.

7 Unha. Irita.

8 Rna. Ais.

9 Ac. Amas. Srs.

10 Solta. Aa.

11 Suarias. SS.

Lisboa

PERMANENTE
(Hoje)

MOURA, T. da Memória, 55 (T. 630944); **LÍBIA**, Av. da Igreja, 4-B-C (T. 891681); **BAIRO AZUL**, Av. Resano Garcia, 7-A (T. 571451); **NOR-MAL DE LISBOA**, R. da Prata, 220 (T. 321342); **LAVINHA**, R. Eng. Paulo Barros, 28-A (T. 708242); **LINAIDA**, R. Ferreira Borges, 30 (T. 660955); **SACRAMENTO**, R. Actriz Palmira Bastos, lote 42 (T. 384904); **NOBEL**, R. Actor Vale, 53 (T. 842152); **DAVI**, R. Conde Redondo, 68-72 (T. 554342); **SALTER**, R. de Xabregas, 63-65 (T. 381185); **MIRAMAR**, R. Ernesto da Silva, 83 (T. 2112048); **GONÇALVES**, R. Dr. Egas Moniz, 30-B (T. 915662); **LEITÃO RIBEIRO**, R. A do Falcão, 3-A.

REFORÇO

SANTOS SILVA, P. das Águas Livres, 8-D (T. 681515); **GARANTIA**, Av. Padre Manuel Nobrega, 5-A-B (T. 887300); **S. MIGUEL**, P. Francisco de Moraes, 1 (T. 771469); **MORÃO**, L. da Graça, 63 (T. 860700); **CONFIANÇA**, Av. Almirante Reis, 46-B (T. 821653); **ALEGRIA**, E. de Benfca, 180-A-B (T. 780511); **DOURO**, Al. das Linhas de Torres, 93-A-B (T. 791131); **MARLUZ**, C. da Picheleira, 140-B-C (T. 880703); **VALENTIM**, R. Poço dos Negros, 88-90 (T. 601453); **DALVA**, Av. Duque de Ávila, 125 (T. 545225); **BOTÂNICA**, R. da Junqueira, 38-40 (T. 638132); **TAVARES DE MATOS**, R. 8, lote 308 (T. 993220); **VAZ MARTINS**, R. António Ferro, 6-A (T. 910305); **NOVA**, R. Açores, 11-A (T. 910305); **MATOS**, T. Pioras, Vivenda Morgadinho (T. 2519939).

Outra Banda

ALMADA: Cristo Rei, Av. Cristo Rei, 31-A (T. 2766498); **COVA DA PIEDADE**: Rainha Santa, E. das Barracas, 50-A (T. 2494182); **LARANJEIRO**: Moderna, R. Dr. António Elvas, 84 (T. 2490305); **COSTA DA CAPARICA**: Carlos, Av. do Mar, 34-A, Quinta de St. António; **SESIMBRA**: Lopes, R. Cândido dos Reis, 21 (T. 2230202); **BARREIRO**: Picarra, Av. do Bocado, 65-A (T. 2074771); **AMORA**: Julieta Campos, R. Ribatejo, 2, Cruz de Pau (T. 331131); **SEIXAL**: Godinho, L. da Igreja, 51 (T. 2218580); **MONTEJO**: Montepio, R. Almirante Reis, 93 (T. 2310035); **MOITA**: Silva Rocha, P. da República, 16 (T. 239029); **ALHOS VEDROS**: Portugal, Av. da Bela Rosa, 8 (T. 204250); **ALCOCHETE**: Gameiro, L. António Santos Jorge, 15 (T. 234100).

Linha de Cascais

ALCABEDICHE: Carvalho, Até às 21 horas; **PORTO SALVO**: Ferreira Bastos, Até às 21 horas; **PAÇO DE AR-**

COS: Godinho, Av. Patrão Lopes, 4 (T. 2432039). Até às 22 horas; **OEL-RAS**: Central, R. Conde Ferreira, 29 (T. 2430058). Até às 24 e das 0 às 9 horas; **NOVA OELRAS**: Leal, Até às 21 horas; **CARCAVELOS**: Central, Até às 22 horas; **Vilar**, Até às 24 e das 0 às 9 horas; **S. DOMINGOS DE RANA**: Godinho da Silveira, Av. Sabóia, 29-B (T. 260085). Até às 21 horas; **PAREDE**: Alair, Av. Gago Coutinho, B. Caixas Previdência (T. 2472948). Até às 24 e das 0 às 9 horas; **Junqueiro Mendes**, Até às 21 horas; **MURTAL**: Primavera; **AMO-REIRA**: Amoreira (T. 262313/267314). Até às 22 horas; **MONTE ESTORIL**: Lopes, R. Hanger, 3 (T. 260008). Até às 21 horas; **CASCAIS**: A. Costa, R. Freitas Reis, 24-C (T. 280214). Até às 21 horas; **Cordeiro**, Av. Combatentes da Grande Guerra, 40 (T. 280710). Até às 24 e das 0 às 9 horas.

Linha de Sintra

AMADORA: Igreja, P. da Igreja, 22-A (T. 937740). Permanente; **Flema**, R. Elias Garcia, 78-B (T. 932485). Até às 22 horas; **DAMAIA**: Lemos, R. de Goa, 21-A (T. 971121); **QUELUZ**: Serra e Pinto, Av. D. António C. de Sá, Lote 50, (Telefone 957619); **CAMA-RATE**: Bataia, R. Ave-lino S. Oliveira, 5 (T. 2518669); **CACÉM**: Central, R. Elias Garcia, 55 (T. 2940034); **MEM MARTINS**: Quilma, E. Mem Martins, 285 (T. 2910012). Permanente; **AGUALVA-CACÉM**: Mira Sintra, P. N. Torre, 310. Até às 20.30; **MERCES**: Rio Russo, Até às 21 horas; **RIO DE MOURO**: Riomouro, Av. Oscar Monteiro Sintra, 8 (T. 2960194). Até às 23 horas; **SINTRA**: Misericórdia, Vila (T. 2930391). Permanente; **COLARES**: Abreja (T. 299088).

Porto

DE DIA E SÓ ATÉ ÀS 22 HORAS

NACIONAL — Rua Senhora da Luz 150 Foz Tel 680633; **BOAVISTA** — Rua da Boavista, 601 Tel. 25443; **COS-ME** — Rua Costa e Cabral, 584 Tel 481511; **ALBERTO FERREIRA** — Rua da Estação, 100 Tel 1302; **ANTERO DE QUENTAL** — Rua Antero de Quental, 520 Tel 48048; **ANTUNES** — Rua do Bonjardim, 485 Tel 27936; **PEREIRO** — Rua da Preciosa, 35 Tel 681027; **HERCULANO** — Rua Alexandre Herculanu 384 Tel 27943

DE DIA E TODA A NOITE

S. DINIS — Rua de S. Dinis, 428 Tel. 482291; **SOEIRO** — Rua de Santos Pousada, 71 Tel 1370; **VITALIA** — Pr. da Liberdade 34 Tel 24133

Coimbra

DAS 9 HORAS ÀS 9 DO DIA SE-GUINTE

SANTA CRUZ — Rua das Padeiras 94 Tel 23569

abCINE 803055

Centro Comercial de Alvalade
SALA A
Às 14.30, 16.30, 18.30 e 21.30
INTERIORS (INTIMIDADES)
Às 23.45 h
BANANAS
SALA B
Às 14.45, 17, 19, 21.30 e 23.45
MOONRATER - 007 AVENTURA NO ESPAÇO

ALVALADE 897480

Av. de Roma
Às 15.15, 18.15 e 21.30
UMA SOMBRA NO AMOR
Com Sharmila Tagore, Rajesh Khanna e Raakhee
Não acons. men. 13 anos

APOLO 763319

Av. João Dinis, 10-A
Às 13.30, 15.30, 17.30, 19.30 e 21.30 h
23.ª Semana
O CÉU PODE ESPERAR
Não acons. men. 13 anos
Hoje e todos os dias às 23.30
N. ac. men. 13 a.
CONVOY
de Sam Peckinpah

AVIS 547163

Av. Duque d'Ávila, 45
Hoje às 21 NAM/13 anos
A volta de um grande êxito popular!
O FILHO DE SPARTACUS
Uma aventura arrebatadora com Steve Reeves
Às 15.30 e 18.30 -
O DRAGÃO VOLTA A ATACAR
Int. 13 anos 2.ª Semana

BERNA 776098

Av. Marquês de Tomar
Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- Int. men. 13 a.
BARRACAS NA PRAIA
c/ Josiane Balasko, Michel Blanc e Marie-Anne Chatel
Um filme de Patrice Leconte
7.ª Semana

CALEIDOSCÓPIO 795093

Campo Grande
Às 14, 16.30, 19 e 21.30
Não acons. men. 13 anos
GREASE
(Brilhantina)
c/John Travolta e Olivia Newton-John
um filme de Randal Kleiser - colorido
33.ª Semana

CASTIL 580194

Rua Castilho
Às 15.30, 18.30 e 21.30
- Int. men. 13 a.
BARRACA - O TERROR DOS MARES
Um filme cheio de estranhos aconteci-mentos!
Às 24 h - Int. m. 13 anos
A VIDA ALEGRE DE CALINOTT
3.ª Semana

CINE 222 Tel 579460

Av. Praia da Vitória 37 (Ao Saldanha)
Estreia às 21.30
Não acons. a men. 13 anos
EM NOME DO PAPA REI
Às 23.45 h
(Não acons. a men. 18 anos)
A MULHER, O AMOR E O ÓDIO
Todos os dias às 11 horas
(para todos)
ALI BABA E OS 40 LADRÕES

CINEBOLSO 573407

Rua Actor Taborda, 27-B
Às 12.30, 14.30, 16.45, 19 e 21.30
- Int. men. 18 a.
A FREIRA DIABÓLICA
Às 24 h - Int. m. 18 anos
MILÃO ESCALDANTE

CINE CAMÕES 324194

Rua de Loreto, 15
Às 13.30, 15.30, 17.30, 19.30 e 21.30
2.ª Semana
UMA CANÇÃO TRÊS DESTINOS
de Isha que Mirea
Não acons. men. 13 anos

CITY CINE 549999

Rua Tomás Ribeiro, 34
Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
Não acons. m/13 anos
A PANTERA VOLTA A ATACAR
Um filme de Blake Edwards
c/Peter Sellers - Herbert Lom
Às 23.45
2 VULTOS NA PAISAGEM
de Joseph Losey

CONDES 322523

Av. da Liberdade, 2
14.00, 16.30, 19.00, 21.30
Int. men. 13 anos
BONEY M - O MUSICAL DO ANO
DISCO FEVER
E LA BIONDA-ERUPTION-TEENS

DOIS MIL 2100055

Av. Bombeiros Voluntários, Lote 113 - Alges
Às 15.30 e 21.30
N. ac. m. 18 anos
UM DÓLAR FURADO

D. JOÃO V 971794

Praça Centro Comercial - Damaia
Às 21.15 h
(Grupo C/m. 14 anos)
SODOMA E GOMORRA

EDEN 320768

P. dos Restauradores, 21
Hoje estreia às 21.30
A demonstração perfeita do poder do Kung-Fu
OS CARRASCOS DE SHAOLIN
com Chen Kuan-Tai - Colorido
Interdito a menores de 13 anos
Hoje às 14.00, 16.30 e 19.00
Int. a men. 13 anos
BARRACAS NA PRAIA

ESTUDIO 555134

Av. Afonso Henriques, 35
Às 15.30, 18.30 e 21.30 h
Não acons. men. 13 anos
O filme inesquecível que lançou Barbra Streisand
FUNNY GIRL
Uma rapariga endiabrada

ESTUDIO 444 779095

Av. Defensores de Chaves, 83
Às 15.30, 18.30 e 21.30
- Int. men. 13 a. -
BARRACA - O TERROR DOS MARES
c/ Jason Evers e Wayne David Grawford
2.ª semana

EUROPA 661016

R. Almeida e Sousa, 35
Às 15.15 e 21.30
Não acons. men. 13 anos
OS NOVOS MONSTROS
Vittorio Gassman, Ornella Mutti, Alberto Sordi e Ugo Tognazzi
Às 24 h - N. ac. a men. 18 anos
ARIZONA COLT

IMPERIO 555134/5

Al. Afonso Henriques, 35
Às 15.15, 18.30 e 21.30
Int. men. 13 anos
O CASO CONCORDE
Realização de Roger Deodato
3.ª semana

LONDRES 801313

Av. de Roma, 7-A
Às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
NÃO POSSO PASSAR SEM TI
c/ Annie Girardot

MONUMENTAL 555131

P. Duque de Saldanha
Às 15.15 e 21.00
Grupo B - 10 anos
OS DEZ MANDAMENTOS
De Cecil B. de Mille
Com Charlton Heston e Yul Brynner

MONTECARLO Tel. 681117

A Pedro Álvares Cabral, 37
Às 15.30, 18.30 e 21.30
Não acons. men. 13 anos
O IMPÉRIO DO GREGO
História de amor que fascinou o mundo
(Parque de estacionamento privado)
11.ª Semana

MUNDIAL 538743

R. Martens Ferrao, 12-A
Hoje estreia às 21.30
Inauguração da temporada
PARA ALEM DA AVENTURA DO PO-SEIDON
Suspense para além do imaginável!
Michael Caine - Sally Field, Telly Savalas
Int. a men. de 13 anos

NIMAS 574362

Av. 5 de Outubro, 42-B
Às 14.30, 16.45, 19 e 21.15 h
(não acons. men. 18 anos)
FÉRIAS MACABRAS
Um filme de Dan Curtis
com: Bette Davis - Oliver Reed - Karen Black

NOVOCINE 840678

Av. General Rôças, 7
Às 15.15 e 21.30
Um excepcional Filme Indiano
IRMÃS GÊMEAS
com: Mala Sinha e Sanjeev Kumar
Não acons. a m. de 13 anos

ODEON 326283 4

R. Condes, 12 a 20
Às 15.15, 18.15 e 21.30
Int. men. 18 anos
DISPOSTA A TUDO
Muitos dos problemas das casais de hoje

PATHÉ 821933

R. Francisco Sanches, 122
Às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.30
O SEGREDO DO PLANETA DOS MACACOS
c/Charlton Heston

POLITEAMA 326305

R. Portas de St.º António
Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30
(Não acons. a men. 18 anos)
O BOXEUR INFERNAL
c/Tien Fong e Shie Cia Yen

QUARTETO R. Flores do Lima, 16 771378

SALA 1: Às 14.30, 16.45, 19, 21.15
RIO SEM REGRESSO
c/Deal Otto Preminger
não acons. men. 13 anos
SALA 2: Às 15.00, 17.00, 19.00, 21.00
Int. men. 18 anos
AMOR ENTRE MULHERES

RESTELO 610375

Av. Torre de Belém
Às 15.30 e 21.30
O MASSACRE DOS BOLIDES
N. ac. a m. 13 anos

ROMA 887778

Av. de Roma, Lote JRB
Às 21.30 - Estreia! NAM/18
Dramático e espectacular!
O CÃO
com Jason Miller e Lea Massari
Às 15.30 e 18.30 - Int. M/13
BARRACAS NA PRAIA
2.ª Semana

ROXY 548560

Av. Almirante Reis, 20
Às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.30
VIOLAÇÃO DE UMA ADOLESCENTE
Int. a men. 13 anos

SÃO JORGE 579144-579344

Av. da Liberdade, 175
Às 15.15, 18.15 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
MOONRATER - AVENTURA NO ESPAÇO
c/ Roger Moore
2.ª Semana

SATELITE 562632

Av. Fontes Pereira de Melo, 61
Às 15, 17, 19 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
UMA LIÇÃO DE AMOR
Um filme de Ingmar Bergman
3.ª Semana

STAR 804210

Av. Guerra Junqueiro, 14-C
Às 21.30 - Estreia
Não acons. a m. 13 anos
Um filme divertidíssimo
O GRANDE ACONTECIMENTO «MATILDA»
c/Elliot Gould e Robert Mitchum
Às 15 e às 18 h - últimas exhibições
OS NOVOS MONSTROS

TERMINAL 371573

Estação do Rossio
Hoje estreia às 11, 13.15, 17, 19, 21.30 e 23.30
AMOR SEM PROMESSA
Um breve encontro para viverem o amor de toda uma vida
Peter Fonda, Lindsay Wagner
Não acons. a men. 13 anos

TIVOLI 570595

Av. da Liberdade, 188
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h
8.ª Semana
A sensação REAL da maior batalha aeronaval do século!
A BATALHA DE MIDWAY
com Charlton Heston, Henry Fonda, James Coburn, Glenn Ford
N. ac. m/13 anos /// Technicolor
Atenção: este filme será apresentado na espantosa multidimensional de SENSURROUND

VOX 880808

Av. Fr. Miguel Contreiras, Lote 879
Às 21.30 - Não acons. a men. 13 anos
O Espectáculo das suas férias
O HOTEL DA PRAIA
c/ Myriam Boyer-Daniel Ceccaldi-Guy Marchand

ZODIACO Tel. 570551

Rua Conde de Redondo, 5
Às 14.15, 16.30, 19.00 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
JUNTOS SÃO DINAMITE
Às 23.45 - Não ac. a m. 18 anos
O CASO ODESSA

lubrificantes

GALP

a máquina é exigente

PEANUTS



QUALQUER DIA COMEÇA A NEVAR!



SEMPRE PERGUNTEI A MIM MESMO O QUE FAZES DURANTE O INVERNO...



GERALMENTE PASSAM SO-BRE MIM OS ESQUIADORES!





PARIS

***** "cidade luz"

4 e 8 DIAS DE VIAGEM

PARTIDAS:

Setembro	5.12.21 e 28
Outubro	5.12.19 e 26

pernoites
despesas

9 900\$

INCLUINDO:

- Viagem aérea
- Estadia no Hotel 3 ou 7 noites em quartos com banho
- Visita da cidade com guia local
- Taxas de Estado, turismo e serviço.

INFORMACOES E INSCRICOES

abreu

fundada em 1840

PORTO	Av. dos Aliados 207	• Telex: 31 79 21
LISBOA	Av. da Liberdade 160	• Telex: 37 13 41
COIMBRA	Rua da Soltá 2	• Telex: 27 01 12
FARO	Av. Republica 124	• Telex: 250 35 6
FUNCHAL	Rua do Garguilha 2	• Telex: 310 77 8

**UMA EMPRESA PRIVADA, DINÂMICA
E COMPETENTE AD SEU SERVIÇO**

O empréstimo concedido ao

CINEMA EUROPEU EM CRISE

Multinacionais americanas dominam a distribuição

Diz um adágio dos observadores da economia cinematográfica que «quem tem a distribuição tem o cinema». De facto, analisar o papel desempenhado pelas distribuidoras pressupõe uma reflexão sobre o financiamento dos filmes e a fiscalização, a publicidade do cinema, o custo das cópias e da sua distribuição, as técnicas de difusão dos filmes, as relações com a TV, a censura, etc. Em suma, quase todos os problemas levantados pelo cinema enquanto indústria e arte passam pela distribuição.

ROGÉRIO RODRIGUES

Em Portugal o panorama não difere (a não ser provavelmente para pior) dos restantes países europeus esmagados pelas multinacionais americanas. Tempos houve, faz por esta altura quatro anos, que os cineastas portugueses através de um anteprojecto de cinema que nunca foi promulgado, tentaram contrariar o peso das distribuidoras e sucursais americanas em Portugal, através de circuitos paralelos e de um maior empenhamento do Estado. Mas olhemos em redor e veremos como o filme português só quase por

milagre, como agulha em palheiro, consegue ocupar, por escassas semanas, uma sala de cinema na capital. Vamos a números e comparemos a «apagada e vil tristeza» do cinema europeu com o cada vez mais florescente império americano. Em Espanha há 150 distribuidoras; em França 120; na Itália, outras tantas; na República Federal Alemã, 65; na Grã-Bretanha, ainda menos. Quanto aos filmes em distribuição nas salas, atingem os 8799 em Itália; 4000 em França e em

Espanha; 2000 na República Federal Alemã. Estes números não se podem confundir com os filmes novos saídos em cada ano — 319 somente na República Federal Alemã; perto de 400 em Espanha, mais de 500 em França e Itália; 260 na Noruega, número semelhante aos exibidos na Suécia. Nesta soma encontram-se alguns filmes nacionais, europeus, mas sobretudo americanos.

Na República Federal Alemã, o filme alemão que em 1971 ocupava

36,1% do mercado, não atingia mais de 11,4 em 1976, passando o filme de origem americana, no mesmo período de tempo, de 37,7% para 43,1. Quanto ao montante das receitas, expressas em marcos alemães, progrediu de 5,5% de 1971 a 1976, para o conjunto dos filmes, e de 20,26% para os filmes americanos, enquanto o filme de origem alemã baixava 66,7%. Quanto ao mercado inglês, mau

grado a ausência de estatísticas, podemos adiantar que a situação não difere, para melhor, em relação aos outros países europeus. Além de haver uma comunidade linguística com os Estados Unidos da América, o financiamento maioritário do filme classificado de inglês é feito pelas filiais londrinas de Hollywood e a distribuição é praticamente monopolizada pelas cinco ou seis filiais (algumas associadas como um grande firma inglesa como EMI e RANK).

O poder das «majors»

Será impossível fazer uma análise, por rápida que seja, da distribuição europeia, sem pôr no outro prato da balança o peso das multinacionais americanas. Resta lembrar que as «majors» face aos riscos inerentes à actividade cinematográfica, investem simultaneamente no financiamento e na distribuição dos filmes. Por outro lado, o mercado

interno não é a única fonte de receita das «majors». Os lucros fabulosos com que engordam, devem-se em grande parte ao mercado externo e a essa mina que parece inesgotável e se chama televisão. O êxito sem precedentes de filmes como «A Guerra das Estrelas» mais solidificam o seu domínio e explicam, em parte, a subida, em 1977, das receitas em todo o mundo (mais de 62% em 10 anos), conseguiu, só por si, que as «majors» aumentassem as vendas à TV à razão de 120%. Ou seja: globalmente, as «majors» registaram um aumento de 50%, deduzida a inflação. Regressando ao velho continente — quais as relações entre as «majors» e o cinema europeu? O cinema americano opõe o factor da concentração e da multinacionalidade a um economia compartimentada e atomizada do cinema europeu. Se nalguns países

o filme nacional se consegue manter no mercado a níveis de 50%, e os filmes americanos a 30 a 40%, poderemos concluir que, no seu conjunto, as «majors» ocupam, quase esmagam, o mercado cinematográfico europeu. Seja: do lado americano há uma meia dúzia de firmas; do lado europeu, existem várias centenas de produtores — distribuidores. Um cálculo aproximado mostra que em tais condições, a relação de forças entre uma firma da Europa e uma «major» é da ordem de um a 15 e um a 30. Uma distribuidora americana pode, por exemplo, pesar 15 vezes mais que uma firma italiana e 30 vezes mais que uma alemã. Entre estes, dois pesos, situa-se a distribuição francesa. Para cúmulo, o domínio das «majors» ainda aumenta com a distribuição a seu cargo de muitas filmes de origem europeias. Podemos concluir, sem exagero,

Continua na pág. 8

E pedi-lhe perdão



José Gomes Ferreira escreveu para os nossos leitores as seguintes linhas sobre Agostinho Neto, poeta:

Só uma vez falei com Agostinho Neto, quando a Associação Portuguesa de Escritores recebeu no Loreto esse heróico poeta-combatente sem dúvida um dos homens mais singulares da metade do século XX. Como nessa altura, por honra minha, presidia à Direcção da APE, não tive outro remédio senão saudá-lo com um daqueles meus discursos que tanto temo e em que me enrolo e desenrolo, dispersando-me e esquecendo exactamente o que devia dizer, resolvi falar de poeta para poeta, embora naquela sala ele fosse o maior de nós todos, porque os seus versos de combate não se tornaram névoa, mas afiavam lanças nas palavras com que acordou um povo. E de poeta para poeta, disse-lhe (e ele entendeu). Primeiro de que me orgulhava da glória de ser português, esse estranho Homem que depois de ter descoberto mares, terras e gentes novas, não receou (ah! e como outras palavras terríveis choravam então ocultas nas palavras!) de exportar escravos, sobretudo arrancados às paisagens da sua pátria. Uma coisa horrível e sórdida (continuava eu de poeta para poeta), mas que teve este condão que sucede sempre onde há negros com auroras a nascerem na pele: o de levarem para toda a parte onde vão trabalhar e sofrer, canções, ritmos e danças de que descendem agora os novos ritmos, as novas danças e canções que hoje dominam o mundo. E, de poeta para poeta, pedi-lhe perdão. Mas embora me entendesse Agostinho Neto naquele momento não queria ser poeta, mas político apenas. E (todos o notámos) triste e levemente abatido, já talvez ciente da 2.ª guerra civil angolana que se aproximava, a sua voz vibrava: «Amigos, temos de travar uma luta sem tréguas com o Imperialismo!» E travou. E venceu. Oxalá os que herdarem o tremendo peso histórico de virem a ser os futuros Camaradas-Presidentes de Angola, estejam à altura de Agostinho Neto e, sobretudo, que façam versos! Porque aí do político que não faça versos, não pinte um quadro ou não ame a Música acima de todas as coisas! Como há-de esse homem governar um povo?

JOSÉ GOMES FERREIRA

O Festival da Figueira



Durante a rolagem de «O Camião», de Marguerite Duras. Sobre o Festival da Figueira da Foz, que hoje começa, escreve Jorge Leitão Ramos

Pág. 8



14 a 20 DE SETEMBRO DE 1979

Em exclusivo para o Sete Ponto Sete

Entrevistas com Richie Havens e Max Roach



Nas centrais

As voltas que o Minho dá

CARLOS PORTO

DESTRUIR O CORAÇÃO DA TERRA

Uma volta, ia escrever rápida, esquecendo-me que o ritmo da CP não permite a utilização de adjetivos dessa família, uma volta, pois, ao ritmo da CTP (hora e meia para percorrer as escassas dezenas de quilómetros que separam Viana do Castelo de Caminha), uma volta, portanto, para nos levar a visitar o Minho litoral, esse jardimzinho de quintais e estradas floridas, canteiro ridente (é o termo, não é?) do jardim à beira-mar plantado (diz a beira-asneira, como dizia o António Pedro, evocação aqui adequada), uma volta pelo Minho, repito e finalmente termino, para explicar ao leitor que, desta vez, o turismo teatral a que a «profissão» me obriga, foi pretextado por dois acontecimentos casualmente ligados por factores não tão mínimos nem marginais como isso. Veremos porquê.

Para quem esteve ausente durante alguns anos do Minho, o filme que se desenrola pelo écran nável do autocarro em que seguimos, mostra-nos imagens imediatamente reconhecíveis, logo seguidas por outras em que a paisagem nos parece quase desfigurada. Pode dizer-se que o Minho cresceu. Aglomerados de casas, de cores várias, espalham-se irregularmente onde ainda há poucos anos dominavam os verdes de campos e montes. Casas de emigrantes, claro, e por isso marcadas por um duplo sinal sociológico e político (referente a uma determinada situação), estético, mas também humano, e, para usar a palavra, ecológico, na medida em que tem a ver com o tecido da própria terra, com a sua destruição e reconstrução. O que vemos é, de facto, uma operação de implacável e irremediável destruição da paisagem. E destruir a paisagem,

quem o duvida, é destruir a Pátria. Longe de mim, será necessário assinalá-lo, a ideia de culpar os emigrantes ou aqueles que mandaram edificar as suas casas. A casa nestas circunstâncias, não é apenas a aplicação de um capital, uma afirmação de valor, o refúgio final dos que labutam em tão desumanas condições, é a realização de um sonho ancestral, a âncora que liga indissolúvelmente o homem à sua terra.

A culpa, pois, no que neste campo se tem passado, no que refere ao vandalismo destruído do nosso património (os campos, os montes, as florestas, os monumentos, as obras de arte sacra e profana, os livros, os documentos), essa culpa pertence, por um lado, aqueles que, parafraseando Sá Carneiro, só nasceram com jeito para o Negócio, e, por outro, aqueles que, podendo, nunca tomaram e continuam a não tomar as providências necessárias para disciplinarem, ordenarem, integrarem no contexto

paisagístico, social e humano, o necessário e inevitável crescimento do «habitat». Neste campo, o mais confrangedor exemplo que encontramos, foi, à entrada de Viana do Castelo, um edifício de uma dúzia de andares, que se ergue como uma parede entre o visitante e a cidade, ou, ao contrário, entre a cidade e o rio, e que é, no tecido urbano de uma das mais belas cidades portuguesas, como um escarro numa renda de bilros. Os responsáveis por este crime deviam passar uns anos na cadeia. Quando nos convenceremos que a Pátria é um bem comum, é uma forma colectiva de estar no Mundo, é, deve ser, um corpo solidário em que pessoas e coisas, habitações, paisagem, aglomerados populacionais, devem participar de uma mesma respiração harmoniosa, saudável, bela e partilhada?

OS QUE DIZEM NÃO E OS QUE DIZEM NÃO

Em relação ao 25 de Abril, há os que

dizem que não querem e há os que não há. Aqueles não podem deixar de aceitar a realidade tal como ela se apresenta quotidianamente; os outros, se forem honestos, não terão mais do que abrir os olhos e ver. Falarei nesta crónica de dois casos exemplares para os que não querem que haja e para os que não querem crer que haja. Em Caminha, parte de um Tribunal, ainda em funcionamento normal, foi transformado de maneira a permitir a criação de um espaço para a apresentação de exposições. Logo que o tribunal seja transferido para outro local, o edifício será reconvertido num museu regional. Isto, graças, em especial, à existência, de um punhado de homens interessados em defender e valorizar o património, tão rico no que se refere a arte sacra, arqueologia, artesanato, do Alto Minho. Aí tem estado exposta a mostra dedicada à obra de António Pedro, organizada pela Câmara Municipal de Caminha, Centro de Arte

Contemporânea, do Porto, Fundação Calouste Gulbenkian, sendo justo salientar a colaboração prestada por José Augusto França. A exposição pretende ser uma mostra significativa das várias facetas da actividade de António Pedro (teatro, teoria, crítica, política, jornalismo, pintura, escultura, cerâmica, poesia, romance). No entanto, o que nela amplamente sobressai é o que diz respeito à obra do pintor que, como se sabe, esteve fortemente ligado ao movimento surrealista. Contendo obras cedidas por museus nacionais e estrangeiros, além de particulares, a exposição oferece uma panorâmica suficientemente representativa e claramente identificadora do talento e da originalidade do artista nesse campo. O mesmo, infelizmente, não poderei dizer das restantes secções da exposição, ou seja aquelas que dizem respeito às restantes

Continua na pág. 6

Circuitos paralelos

Cartoon expõe-se

O cartoon ibérico vai ser notícia dentro de poucos dias em Madrid e dentro de mais uns tantos no Porto. Em Madrid é já no dia 18 que será inaugurada a exposição «Cartoon da Imprensa-Dibujantes de Humor 1978», com a presença do alcaide da capital espanhola, prof. Tierno Galván. Estará patente até cinco de Outubro e depois, logo em princípios de Novembro, assentará arraiais no sorriso do Porto. São muitos os cartoonistas, dum lado e de outro, do humor ibérico. Mas faltam alguns, pelo menos do lado de cá. A exposição foi organizada pela Galeria de Arte do Casino do Estoril e os serviços culturais da Embaixada de Espanha em Lisboa, com a colaboração da Secretaria do Estado da Cultura. Para Dezembro, muito provavelmente a exposição seguirá até ao Funchal.

Inatel cinematográfico

O INATEL mostra ambições e um esforço de variedade cultural que merecem um aceno. Só para Setembro, para a segunda quinzena, programou 154 sessões de cinema e passaram em 13 cidades do Continente e Ilhas. Exibição em formato de 16 m/m em casas do povo, centros de cultura e desporto, centros populares de trabalhadores, sindicatos e estabelecimentos prisionais. Os filmes (a maior parte) são marcados pela qualidade, vale registá-lo. Um resumo do calendário: em «Angra do Heroísmo, 10 sessões, de 17 a 28 de Setembro, com «Revista de Charlie» de Charlie Chaplin; em Beja, 18 sessões, de 11 a 29, com o «Aniki Bobó» de Manoel de Oliveira e «Terra sem pão» de Luís Buñuel; em Bragança, 10 sessões, de 10 a 21, com o «Shane» de Georges Stevens; em Coimbra, 17 sessões de cinco a 19, com o «Xica da Silva» de Carlos Diegues; em Évora, 10 sessões de 13 a 18, com a «Terra das Mil Aventuras» de Henry

Hattawy; na Guarda, oito sessões, de 14 a 29, com o «Fundo da Garrafa» de Bhoelm; em Ponta Delgada, 19 sessões, de 10 a 29, com «Os Grandes Aldrãoes» dos irmãos Marx; em Portalegre, 11 sessões, de 14 a 30, com o «Alexandre Nevsky» de S. Eiseinstein; no Porto, 14 sessões, de 12 a 30, com «O Regresso» de Peter Fonda; em Santarém, 14 sessões, de 12 a 29, com «Prisão Maior» de Joseph Losey; em Setúbal, 14 sessões, de 12 a 28, com o «Grande Ditador» de Charlie Chaplin; em Vila Real, 10 sessões, de 12 a 23, com o «Pai Tirano» de António Lopes Ribeiro; em Viseu, oito sessões, de oito a 29, com «O Homem a quem chamaram Cavalo» de Elliot Silverstein. Para a descoberta dos locais sugerimos uma visita às delegações do INATEL em cada cidade referida.

Cursos no Audimagem

É essencialmente para Lisboa e as inscrições já estão abertas — o Atelier d'Arte áudio-visual (Audimagem) programou dois cursos de Verão. O primeiro, Curso de Iniciação ao Desenho e à Pintura (estudos de composição e desenho livre com modelos) começa já no dia 18 e prolongar-se-á até 16 de Outubro. As aulas são às terças e quintas, ministradas pelo pintor Francisco Ariztia, cujo curriculum refere que estudou na Escola de Belas-Artes do Chile, da Escola de Belas-Artes de Belgrado, na ESB de Paris e que já expôs, além do Chile, em vários países da Europa. O segundo, curso de iniciação à fotografia (teoria e prática da câmara ao laboratório), abre no dia 19 e estende-se até ao dia 15 de Outubro. As aulas são às segundas, quartas e sextas-feiras e serão ministradas por Rui Cunha, responsável pelo sector fotográfico de Audimagem. É detentor de vários prémios, o último dos quais na Sociedade Nacional de Belas-Artes, no concurso da árvore. Para os candidatos ao curso, os «circuitos» dão-lhe o endereço: Largo Trindade Coelho, n.º 3 e 4 (à Misericórdia), telefone 371675.



Um pesadelo alentejano do espanhol Chumy-Chúmez

«Photojazz» em postal

De Guimarães, chega-nos um postal com letra miúda: na Biblioteca da Gulbenkian daquela cidade vai realizar-se, de 17 a 23 de Setembro, uma exposição de fotografia «Photojazz» de Pedro Lobo que, como diz o postal, é «um jovem, que nasceu quando era pequenino nesta cidade e que partiu para o Canadá onde se radicalizou».

Fotografia na Covilhã

A Associação «Cava Juliana» da Covilhã vai promover um concurso fotográfico alusivo à serra da Estrela. Os trabalhos deverão ser enviados até cinco de Novembro próximo. A iniciativa tem o apoio da Direcção-Geral de Turismo da serra da Estrela e da Câmara Municipal da Covilhã.

Amarante musical

Em Amarante continua o Setembro cultural. Houve estátua a Pascoas, filatelia, poesia, pintura de novos e hoje haverá, pelas 21 e 30, na igreja de S. Pedro, um recital de violoncelo e piano por Paulo

Gaio e Maria Teresa Xavier. Amanhã, pelas 17 e 30, na sala de António Careiro, o arquitecto Fernando Távora fará uma palestra sobre «preservação do Património». Pelas 21 e 30 do mesmo dia, haverá um concerto de música de câmara pela Orquestra de Câmara do Porto, com a colaboração do solista Cunha e Silva e da declamadora Manuela de Melo. O tema: «quatro estações» de Vivaldi.

«Bonecos» de Capinha

É inaugurada hoje, e encerra no dia 30, na Associação Portuguesa de Arte Fotográfica, uma exposição de fotografia de António Capinha. É uma boa prenda de aniversário: António Capinha faz hoje 32 anos. O folheto-anúncio é epigrafado por Alberto Caeiro: «A espantosa realidade das coisas/ É a minha descoberta de todos os dias/ Cada coisa é o que é/ E é difícil explicar a alguém quanto isso me alegra».

Cinema «académico»

A realização é lá para o princípio do próximo ano. Mas as inscrições já começaram. O facto é que a

secção de cinema da Associação Académica de Coimbra lançou mãos à obra e programou o III Festival Internacional do Filme Amador naquela cidade. Espera-se um êxito. Como poderia não? O patrocínio cabe à Comissão Municipal do Turismo de Coimbra.

A Lisnave dos Pequeninos

Os trabalhadores da Lisnave que querem também dar o seu contributo às comemorações do Ano Internacional da Criança, organizaram, para o próximo domingo, uma festa para os seus filhos. O programa já foi afixado: exposição de desenhos infantis, ranchos folclóricos infantis, uma banda de música, variedades e palhaços. A festa começa às 13 e 30, nos estaleiros da Margueira. Divirtam-se as crianças e aprendam os pais.

«Joana» no fim-de-semana

Para o reino maravilhoso das crianças o grupo «Joana», representa no teatro da Comuna, à Praça de Espanha, sábado (às 11 e às 18 horas) e no domingo (às 11 e às 16

horas) a sua diversão «Brinquedo, Furunfundado, Misericuntado». O espectáculo foi estreado em Junho passado na Alemanha, a convite do Centro Cultural Português em Frankfurt, e é uma criação colectiva de Ana Morais, Bibi, Leonardo Melo, Joaquim Castro Caldas, Susete Bragança e Teresa Garcia. Tem a coordenação de Geraldo Tuche que ainda recentemente orientou um curso de teatro na Casa da Cultura da Guarda. A música é de Sérgio Godinho. O grupo «Joana» formou-se em Maio de 1978 a partir do trabalho de criação colectiva «O Mãe deixa-me ir ver o ai ai minha machadinha». O grupo tem a sua sede em Cascais, numa sala cedida pela Câmara Municipal. Para além de espectáculos infantis pretende desenvolver neste concelho um projecto em que se incluem sessões de animação, desfiles de rua e uma actividade de ateliers de expressão criativa de Arte Infantil. Durante todos os sábados e domingos de Setembro «Joana» estará presente com o seu espectáculo no Teatro da Comuna.

A criança canta

É já amanhã e depois que se realiza, na Figueira da Foz, a primeira gala internacional dos pequenos cantores, na qual vão participar sete crianças estrangeiras e 10 portuguesas. A RTP transmite directamente. O MEIC manifestou grande interesse pela iniciativa. Durante a gala vai ser escolhido o representante ao sequeim de ouro. Além de Portugal, estão presentes cantores da Inglaterra, Polónia, Jugoslávia, Bulgária, URSS, Israel e Espanha.

O trio Piu «piu piu»

O trio Piu actua hoje e amanhã, a partir das 22 e 30, no Louisiana. Do trio fazem parte João Paulo da Silva (piano), José Martins (bateria) Pedro Wallenstein (contrabaixo). Luis Caldeira actuou no Directissimo, com a orquestra Girassol e Sintagma; Zé Martins tocou no Hot com Steeve Pots e Pedro Wallenstein colaborou com Rão-Khiao.

ROGÉRIO RODRIGUES

Cinema

FICHA:

Título em português: 007 — Aventura no Espaço.
Título original: Moonraker.
Realização: Lewis Gilbert (G.B. - França, 1979).

Argumento: Christopher Wood, segundo o personagem criado por Ian Fleming.
Fotografia: Jean Tournier.
Música: John Barry.
Ademador de Produção: Ken Adam.

Interpretação: Roger Moore (James Bond), Lois Chiles (Holly Goodhead), Michael Lonsdale (Hugo Drax), Richard Kiel (Jaws), Corinne Clery (Corinne Dufour), etc.

Distribuição em Portugal: Rank/United Artists.
Cinemas: ABCine - sala B e S. Jorge (Lisboa) e Trindade (Porto).
Classificação: Não aconselhável a menores de 13 anos.

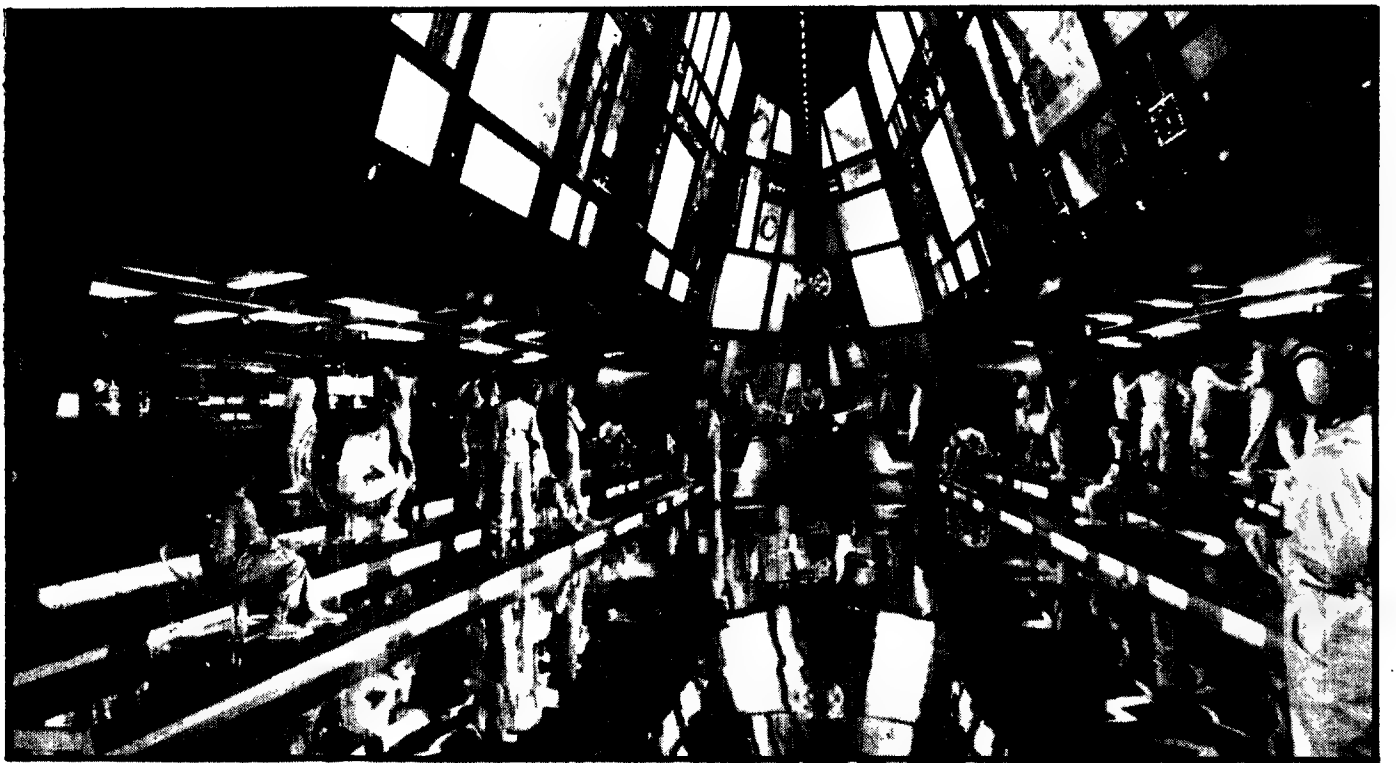
A crítica a *Moonraker*, a mais recente película de James Bond, o agente secreto 007, poder-se-ia sintetizar numa frase: um luxuoso disparate. Porém, um juízo assim sumário e radical ignoraria um facto sociologicamente importante e que é preciso não escamotear: o seu imenso sucesso comercial, em Portugal como em todo o mundo. Revela esse sucesso que, de algum modo, os filmes de James Bond têm sabido reflectir, com enorme grau de precisão, os gostos dominantes e massivos do público, ou seja, que esse «luxuoso disparate» não é nem grato nem arbitrário, dada a ressonância indelével que encontra.

Os filmes de James Bond nasceram em 1962. Sob a influência da «série B» de Hollywood e do universo dos super-heróis da banda desenhada (influência que se tem vindo a acentuar consideravelmente nos mais recentes filmes da série), o agente secreto 007 apresenta-se como o campeão de defesa do ocidente, numa época em que a guerra fria ganhara uma subita tensão mercê da crise dos mísseis de Cuba. Não admira, por isso, que o anti-sovietismo esteja bem patente, embora com o correr dos anos sejam sobretudo os supervilões quem se impõem como o grande inimigo dos serviços secretos de Sua Majestade. A filosofia que informa estes filmes tem permanecido, porém, imutável: baseia-se na acumulação e no desperdício e está em perfeita sintonia com o estilo de vida que, num ocidente em exponencial crescimento económico, se

generaliza na década de 60 e no início dos anos 70 (refiro-me, como é óbvio, aos países do «centro», excluídos que estiveram os países periféricos — como Portugal — desse boom industrial e da sociedade de consumo que produziu).

James Bond é um personagem para quem o uso dos objectos é sumário e sem rasto. Nos seus filmes acumulam-se inúmeros gadgets (da célebre mala superarmada à recente gôndola veneziana que se transforma em hovercraft anfíbio, passando pelo Aston Martin dotado dos mais mortíferos instrumentos...), há uma frenética mudança de ambientes (das metrópoles urbanas como Nova Iorque, Tóquio ou Paris à selva amazónica, do espaço interplanetário às profundezas marítimas...), uma proliferação desmedida de cenários. Não é, porém, a quantidade de meios que caracteriza o universo dos filmes de James Bond mas a sua utilização. Bond vagueia num mundo de abundância (ele está sempre nos melhores hotéis, viaja nos carros mais luxuosos, nenhum recurso é demasiado cara para ele...) e usa essa abundância com a maior displicência. O valor dos objectos anula-se enquanto resultado de um processo produtivo para se cifrar apenas na estreita e pontual utilidade individualista (o seu consumo privado): é, aliás, curioso verificar como essa ideologia consumista se estende ao espectador deste cinema: com efeito, é invariável que os filmes de James Bond terminem pela destruição do maior e mais espectacular cenário que neles existe. O filme consome os seus meios ante o espectador, garantindo-lhe que toda a extraição utilização dos meios se extraiu sob os seus olhos: contemplar e percorrer, eis o ciclo infernal que percorrem.

(Abro aqui um parêntesis para referir a qualidade excepcional dos cenários de *Moonraker*, devidos a Ken Adam a cuja inventiva muito cinema deve boa parte do seu impacto: os filmes de Kubrick, por exemplo). Mas mais inquietante que o patológico consumo de objectos, que estes filmes testemunham, é que esse esquema seja estendido às pessoas; nunca, como neles, a expressão mulher-objecto esteve tão perto do seu significado literal. Bond usa as mulheres segundo a mesma exacta filosofia com que usa os variados objectos em que toca. Todas as coisas têm, para ele, o mesmo estatuto: elas estão lá, disponíveis, ele apropria-se, extrai-lhes um rápido usufruto e



Os cenários (de Ken Adam) são o único factor interessante do mais recente 007

James Bond: a descomunial lixeira de uma civilização

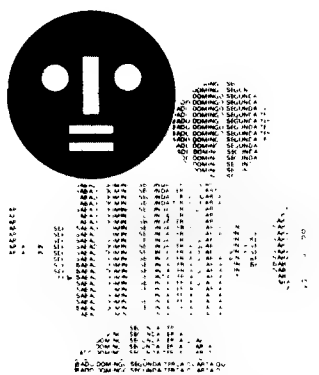
larga-as para passar a novas coisas. Há nele uma inconstância infantil estardalhada; um mesmo «brinquedo» (vivo ou inanimado) muito raramente é utilizado duas vezes. O desperdício é o fulcro da ideologia de 007, deste cinema. Este percurso não tem cessado de progredir, assumindo já proporções megalómanas: em *Moonraker*, há filmagens em quatro países, há gôndolas, aviões, naves espaciais e uma estação interplanetária, lutas na terra, na água, no ar e no espaço, a destruição de um museu de vidros e da estação orbital, mortos de várias raças e sexos, mulheres brancas, negras, mulatas e amarelas, há qualquer coisa de demente na sua agitação incontrolável. Por outro lado, assistimos a uma quase pirataria de referências, incorporando uma

memória recente do cinema que vai de *Superman* aos *Encontros Imediatos...* passando pelos *Sete Magníficos* e pelo 2001. É a este universo fantástico e doente, escape para uma filosofia económica que a crise não cessa de impedir que seja prosseguida, efectiva compensação para sociedades onde o consumo é modelo de felicidade que já não é possível satisfazer. É a este mundo profundamente marcado por valores da sociedade burguesa na sua fase mais contraditória que acorrem muitos milhares de espectadores. E se os filmes de James Bond não ficarem na História do Cinema senão como lixeira descomunial, sintoma destes anos da civilização ocidental, o certo é que a sua análise enquanto facto sociológico é bem importante para a real detecção de

quem somos, como somos, o que desejamos. Não quero acabar este texto sem chamar a atenção para o facto de um filme onde se propaga uma tal ideologia de vida ser classificado como não aconselhável a menores de 13 anos, o que quer dizer que, segundo os critérios da Comissão de Classificação de Espectáculos, uma criança pode assistir a mortes em série (algumas com requintes de sadismo), pode «comprovar» que as mulheres não servem para mais nada a não ser para ir para a cama (única coisa, aliás, que desejam), pode divertir-se, enfim, com aquele que é, sem sombra de dúvida, o mais violento, imaturo e desprezível herói da História do Cinema. Há razões bem sólidas para lavrar aqui um vigoroso protesto. O que

diriam os senhores classificadores etários se, enquanto professor dessas crianças, eu procurasse por todos os meios obliterar a lúcida apreensão dos mecanismos que gerem o mundo e a vida, inoculando-lhes uma filosofia 'pautada pelo egoísmo feroz, pelo desprezo pelos outros, pela felicidade em termos de número de objectos consumidos? Há algo de doente e de irresponsável nas pessoas que atribuíram a *Moonraker* uma tal classificação etária. Uma decisão que é urgente corrigir.

Jorge Leitão
Ramos



CINE/PONTO

66INTIMIDADE de Woody Allen (USA-1978)

A confissão de um autor, ficcionalmente repartida em múltiplas vozes. Um dos mais apaixonantes filmes do ano.

Cinema ABCine — sala A (14.30, 16.30, 18.30 e 21.30h) (não acons. men. 18 anos)

RIO SEM REGRESSO de Otto Preminger (USA-1953)

Marilyn Monroe e Robert Mitchum dirigidos por Preminger, o que quer dizer a rara oportunidade de reencontrar um dos mitos mais fulgurantes da história do cinema

americano. Revisitar Marilyn é sempre uma grata tarefa.

Cinema Quarteto — sala 1 (14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.30 h) (não acons. men. 13 anos)

A RAPARIGA NA ZONA QUENTE de Paul Schrader (USA-1978)

Leitor, muita atenção: se por acaso ler, lhe disserem ou ouvir dizer que Schrader é um argumentista de talento, mas, como cineasta, deixa muito a desejar, não acredite. Vá ver este filme e confirme que está em presença de um autor que irrompe, com vigor e percutência, no seio da jovem geração de realizadores americanos.

Cinema Quarteto — sala 4 (14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.30h) (interdito a men. 13 anos)

UMA LIÇÃO DE AMOR de Ingmar Bergman (Suécia-1954)

Uma comédia, em estilo de quase boulevard, filmada com o evidente propósito de agradar. Uma ironia desarmante e um trabalho de actores, como sempre, perfeito tornam este filme interessante se



bem que longe de Bergman nos seus melhores momentos.

Cinema Sálite (15, 17, 19 e 21.30h) (não acons. men. 13 anos)

AMOR ENTRE MULHERES de Robert van Ackeren (RFA)

O kitsch levado às suas últimas consequências, um percurso

vertiginoso onde sucumbem o mau gosto, o melodrama, a fotonovela, o cinema de cordel. Atenção à banda sonora: é de uma intencionalidade espantosa.

Cinema Quarteto — sala 2 (15, 17, 19, 21 e 23h) (interdito a men. 18 anos)

UM DIA INESQUECÍVEL de Ettore Scola (Itália-Canadá-1977)

Evidentemente uma película laureável, feita com inteligência, pronta a provocar reacções favoráveis. Apesar disso, o lado desculpabilizador das massas no fenómeno fascista («mensagem» que subtilmente desfila) parece-me ser suficientemente inexacto (historicamente) e oportunista (politicamente — sintoma dos compromissos do «compromisso histórico») para não dar a Um dia inesquecível uma apreciação positiva.

Cinema Quarteto — sala 3 (14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.30h) (não acons. men. 18 anos)

O CÉU PODE ESPERAR de Warren Beatty e Buck Henry (USA-1978)

Condenado ao sucesso sem grandes

motivos que o justifiquem. O céu pode esperar não ultrapassa a fita bem-feitinha mas destituída de qualquer garra.

Cinema Apolo 70 (13.30, 15.30, 17.30, 19.30 e 21.30h) (não acons. men. 13 anos)

GREASE de Randal Kleiser



«Rio sem Regresso», de Preminger: Mitchum e Marilyn num clássico a não perder

(USA-1978)

Ainda em cena o mais débil (mental) dos filmes do ano, fundado na prostituição do rock, fundado na onda disco. Uma lástima.

Cinema Caleidoscópio (14, 16.30, 19 e 21.30h) (não acons. men. 13 anos)

Música

A bateria emancipada

Mário Vieira de Carvalho

Max Roach foi, naturalmente, dos melhores momentos da Festa do «Avante!». Ouvi-o em estado de fascinação, relegando para um merecido segundo plano os seus colegas do Quarteto: Calvin Hill (contrabaixo), Cecil Bridgewater (trompete) e Odam Pope (sax-tenor). Sabia que não era inédita, no jazz, esta transformação da secção rítmica numa «voz» autónoma, esta sua libertação da mera função de apoio aos voos da imaginação dos outros instrumentos (associada ao contrabaixo, a bateria desempenhou durante muito tempo um papel até certo ponto semelhante, *mutatis mutandis*, ao do baixo contínuo na música barroca...). Lera algures, por outro lado, que Max Roach atribuía à maneira de tocar de Charlie Parker, com quem fez alguns dos melhores discos que testemunham a arte deste último, a necessidade que sentiu, como baterista, de mudar o estilo do «acompanhamento» e, designadamente, de abandonar a quadratura. O *bop* ou *be-bop* foi o nome que aglutinou, nos anos quarenta, os músicos empenhados nesse processo de renovação da linguagem do jazz: renovação ou renascimento do seu potencial de criatividade ou de invenção genuína, num momento em que se corria o risco da cristalização em «clichés» e se dissolvia a fronteira entre a tradição do jazz e a absorção comercial de algumas fórmulas dela decalcadas. Reuniam-se esses músicos, de que Parker terá sido mais tarde o chefe de fila, num clube nova-iorquino, o «Minton's Playhouse»: a breve trecho baptizado de «Metropolitan Bop House», facto que vem a propósito referir para acentuar o carácter da nova corrente, lançada por artistas altamente conscientes dos valores musicais e movendo-se num terreno de complexidade expressiva que muitos apodavam de elitista. Entre os críticos contava-se, por exemplo, Louis Armstrong, que condenava o *bop* por nele não haver «nem melodia para lembrar, nem tempo para dançar»...

Em matéria de bateria, porém, já havia o precedente de Gene Krupa, nos anos trinta, a redescobrir, na estilização dos instrumentos percussivos definitivamente adoptada pelo jazz, a sua função originária: falava-se então do «conceito africano» do solo de bateria. Kenneth Clarke, um dos homens da «Bop House» (1941, com Thelonius Monk) iria mais longe, desenvolvendo as possibilidades de improvisação permanente do baterista, para além do tradicional solo (parecendo subverter a métrica do compasso e da subdivisão). Max Roach e Art Blakey são considerados os elos seguintes da mesma corrente renovadora.

Conheço mal os discos de Roach e estou longe de ter acompanhado a sua evolução nos últimos trinta anos. Para qualquer pessoa, porém, mesmo o não especialista, a sua magnífica intervenção na Festa do «Avante!» dava toda a envergadura da sua personalidade artística. Procurando traçar as suas características principais de músico-baterista, parece-me dever assinalar as seguintes: a valorização da componente melódica, tirando partido das diferentes alturas dos instrumentos ou das diferentes maneiras de os percutir (isto é, extraindo do mesmo instrumento alturas diferentes: como os tangedores de instrumentos de pele tensa fazem frequentemente; como fazem na *tabla* os indianos; como faz o prodigioso Chemirani,

percussionista que recriou modernamente a tradição iraniana); valorização da componente tímbrica, ora subtilizando as sonoridades de um instrumento individualmente considerado, ora colorindo-as com a associação das emprestadas por outros instrumentos, por contraste ou por fusão; valorização da componente dinâmica, isto é, utilização de todas as gradações do *pianíssimo* ao *fortíssimo*, dos movimentos crescentes e decrescentes de intensidade; valorização da interferência das três componentes anteriores no efeito rítmico que é como quem diz na organização de uma quarta componente (*duração*), neste caso, por assim dizer, a principal. Aqui, pode dizer-se que Roach não exclui nenhuma das variantes possíveis: alterações rítmicas dentro da mesma métrica, alterações métricas, polirritmia, modificações agógicas... Depois, há ainda a consciência da função estrutural do silêncio e o saber lidar com um conceito tão moderno como o de *densidade* (que tem a ver com movimento no sentido da rareficação ou, pelo contrário, no sentido da



Cecil, Bridgewater (trompete) e Calvin Hill (contrabaixo)

complexidade da «textura»). Levados às consequências a que o músico norte-americano os leva, todos estes atributos da sua linguagem pressupõem um apetrechamento técnico, nomeadamente uma independência de braços e pernas, que chega a parecer inverosímil. Mas, para além de tudo, o que é decisivo é o resultado final, a música extraordinária, plena de vida, de imaginação, de estímulos emocionais e intelectuais que ele faz, num jogo que nunca ignora o todo em que está integrado, doseando climaxes e anticlimaxes com um sentido de flutuação dir-se-ia wagneriana. Com todo o seu amor pela percussão, Max Roach fez-me pensar em Varèse, que a trouxe para o centro da música contemporânea nos anos vinte. Ao nível do estereotipado aparelho percussivo consagrado pelo jazz, o seu papel «libertador» é, de facto, comparável ao representado, no domínio da percussão em geral e dentro da linha da grande tradição europeia, pelo genial autor de *Hyperprism* (1923), *Intégrales* (1924) ou *Ionisation* (1931), por sinal, o compositor que Charlie Parker mais admirava...



Max Roach na «Festa» e durante a entrevista

Entrevista com Max Roach Ébrio do «jazz» e desmoronador de escalas

Max Roach é um artista ébrio de música, um construtor e desmoronador das hierarquias do jazz que já algum espírito mais temerário logrou pôr de pé. Este grande «inventor» esteve a actuar em Portugal, na Festa do «Avante!» deste ano, não muito distante dos palcos já desmoronados onde no ano passado e algum tempo mais atrás (também) estiveram a destilar vida e jazzismo inquietantes nomes como Archie Shee e Charlie Haden, convidados pela mesma organização.

Com ele ouvimos jazz «vivo». Depois dera o delírio dos milhares (sobretudo) de jovens que bebiam ávidos a sua música «celestial», diriam alguns. E com a sua sabedoria de homem virado para sons impossíveis ou de místico musical com uma boa rodagem pelos mais variados palcos do mundo — rodagem essa que se poderá comparar com a de um inveterado alcoólico pelas mais bem servidas tabernas — Max Roach soube fazer humildemente vaguear o seu público, abrir as entranhas a um certo jazz e fazer notar que o «be-bop» está mais do que enterrado. Mas apesar de ser ele o incontestável mestre de cerimónias neste verdadeiro banquete musical, muito terão também contribuído para o clima sonoro estabelecido os grandes intérpretes que são Cecil Bridgewater, em trompete, Odam Pope, em sax-tenor e Calvin Hill em contrabaixo. Um naipe que soube baralhar as cartas e, melhor ainda, aplicar os seus trunfos de uma maneira sabida que chegava a provocar alucinações e «viagens» a quem podia (queria) viajar. E com a água tão pura ou transparente da música de Max Roach, que não foram apenas as bagas de suor que do seu rosto desertaram silenciosamente a acompanhar os espasmos musicais e eróticos (quase diríamos) do «mestre», seguiu-se a comida: melão e uvas, nos bastidores. O concerto tinha sido, de facto, realmente violento. E o repouso impunha-se um pouco. Ali naquele palco havia-se enterrado mais uma parcela da (aliás importante) escola do «be-bop». Mas também Roach não havia obtido uma liderança completa, pelas suas baquetas diabolicamente vertiginosas, nos domínios «pollockianos» ou talvez ainda melhor «kadinskianos» do free-jazz. Max era o homem do «bop», Roach era o homem do «free». Ele mesmo, pelas suas mais

distintas variações rítmicas, se parecia dividir sabiamente nessas duas correntes jazzísticas. Enfim, queremos com isto dizer, que Max Roach ainda não morreu... para o jazz. Ele é uma ave rara que não pára de sobrevoar os caminhos sempre novos do vanguardismo musical jazzístico. Passe embora a diferença que (aparentemente ou no real) ele ainda não consegue superar em relação a outros percussionistas do jazz, um tanto mais avançados, como é o caso de Sunny Murray, que no fim do mês estará a actuar em Setúbal. E como dizíamos, depois de tanta correria à volta de não mais de dois metros quadrados no palco ele estava exausto de tanto voar ou, talvez, planar. E fomos para o camarim. O meu fiel companheiro gravador — arma secreta escondida em tempo de guerra — sempre pronta para o primeiro arranque do meu anti-inimigo.

CHARLIE PARKER

E para refrescar um homem que tanto puxou por si e pelos seus companheiros na diabólica ou vertiginosa perseguição (ali naquele palco próximo e à nossa retaguarda) aos demónios do «jazz» que o acometeram, nada melhor do que uma talhada fresca de melão possivelmente das lezírias ribatejanas. E daí vem-lhe um outro discurso, não já o das baquetas, mas esse discurso velho — e de que alguns dizem estar já demasiado gasto — o discurso das palavras. E então que ele nos afirma: «Não, realmente eu nunca tinha ainda estado no teu país. E mesmo à Europa já cá não vinha tocar desde há algum tempo. Lembro-me de uma altura em que vim a um festival de jazz em Paris com o Charlie Parker. E vendo bem o acolhimento com que todas essas pessoas aqui agora me acolheram, acho tudo isto inacreditável e fiquei

deveras surpreendido e muito emocionado até.

7.7 — Lembra-te, certamente, dos tempos já então áureos do quinteto que formaste com o malogrado Clifford Brown (que extraordinário trompetista esse), em 1954. Queres falar desses grandes anos de trabalho?

MR — Eu trabalhei realmente com o Clifford Brown desde essa altura até ao acidente em que ele morreu em 1956. Foram de facto anos muito produtivos na minha carreira, sobretudo porque em 1954 o Congresso americano aprovou a eliminação da segregação e o trabalho era nesse tempo muito mais fértil por isso. Até então eu tinha trabalhado com o Duke Ellington e a partir desse acontecimento dá-se em mim ou na minha obra uma verdadeira mudança.

7.7 — Com a morte de Clifford Brown achas que a tua produtividade sofreu algum prejuízo, dado que tinhas uma estreita colaboração com esse músico, sobretudo nos espectáculos ao vivo que vocês (em quinteto) faziam com mais alguns músicos?

MR — A morte de Clifford Brown foi um grande choque para mim. Muito embora naquela altura ele fosse já muito famoso, o dinheiro que naqueles anos ganhava nos seus espectáculos era bastante pouco e não lhe podia permitir viajar pela América noutro meio de transporte mais rápido como o avião ou o comboio. Assim bem como a mim tínhamos de viajar de automóvel e foi exactamente nesse meio de transporte que o Clifford Brown teve um desastre do qual viria a morrer. Esta circunstância de Brown ser um músico muito famoso e ter (por falta de dinheiro) de cobrir grandes distâncias de automóvel para ir dar concertos a cidades distantes, foi o que tornou a morte do seu amigo muito mais angustiante. Isso foi sobretudo o que me chocou ainda mais. No entanto não acho que a circunstância de uma pessoa morrer (neste caso concreto de um amigo meu que comigo trabalhava) pudesse vir a impedir que a minha criatividade em prole da música de jazz continuasse a crescer, tanto num prisma de virtuosismo em relação a um determinado instrumento como mesmo do ponto de vista cultural.

7.7 — Gostaria que me disseses se, quando da existência do Quinteto «Max Roach — Clifford Brown» (como referimos entre 1954 e 1956) já se verificava da



vossa parte um compromisso estético musical aliado a um compromisso ideológico, isto é em moldes políticos.

MR — Nós naquela altura éramos sobretudo dedicados e entusiastas em relação ao trabalho musical que fazíamos. Então éramos muito mais músicos e muito menos políticos e a partir da morte do Clifford Brown foi quando eu tomei consciência que se as condições sociais fossem diferentes no país em que vivíamos não teríamos sido obrigados a fazer um determinado número de coisas, a viajar tão constantemente de automóvel (e muitas vezes em condições não muito desejáveis) neste caso específico.

7.7 — Ao longo dos teus múltiplos trabalhos publicados em disco ou executados em concerto ao longo dos anos sessenta e setenta gostava que me referisses em que moldes é que o aspecto ideológico teve a sua quota parte de interferência?

MR — A minha música, isto é aquela música que eu produzo ou executo publicamente há-de ter sempre (como aliás tem vindo a ter) que ver com uma mensagem determinada que eu quero transmitir às pessoas que me vão ouvir. Isto é, há-de falar sempre das condições sociais do país onde vivo. É na conta de todas essas condições sociais que, quer queiram quer não, eu hei-de pôr sempre os motivos que levaram à morte de nomes grandes como o da Billie Holiday ou do Clifford Brown.

7.7 — De há uma década (ou mais) para cá tem-se várias vezes aventado a hipótese de que há (ou melhor houve), um percussionista

nos Estados Unidos aue terá influenciado de uma maneira decisiva a tua própria maneira de tocar, quer enquanto ainda te mantinhas mais ligado ao «be-bop» quer mesmo nos teus trabalhos mais recentes. Esse percussionista é, obviamente o Sidney «Big Sid» Catlet (1910-1951). Que tens a dizer sobre essa possível influência? Ou houve outras que queiras realçar?

MR — De facto o «Big Sid» Catlet foi um nome muito importante na minha primeira fase de

percussão. Ele era sobretudo um baterista que organizava, ou até melhor, «desenhava» o seu trabalho na bateria de uma maneira magistral. Mas houve outros como o caso do Jo Jones ou do Kenny Clarke que foram de igual modo para mim influências muito fortes.

7.7 — Sendo quase uma dúzia de anos mais velho que tu, achas que o Kenny Clarke é dotado de uma técnica de interpretação (ou execução) no domínio da bateria menos vanguardista que aquela que vens seguindo ultimamente?

MR — A única coisa que sei é que o Kenny foi sempre um dos meus grandes mentores ou professores como se lhes quisesse chamar no domínio da bateria. Eu acho que ele é daquele tipo de pessoas que nunca envelhecem. Ainda na semana passada me encontrei com ele em Paris, sei que está um «borracho» e continuo sempre a aprender com ele em técnica de percussão.

Entrevista com Richie Havens

De Greenwich Village a Woodstock

Manuel Cadafaz de Matos

Cantar não é uma missão impossível sobretudo quando se tem algo a transmitir. E essa missão é tanto melhor cumprida quanto o seu autor se empenha, tão profundamente quanto possível, em falar de coisas que vão muito além da inocuidade ou do vazio. Assim, é prática corrente nos nossos dias, nos cantores empenhados num trabalho militante e de vanguardismo, fazer transportar nas suas composições toda uma gama de assuntos que, muito de perto, tocam a realidade do homem do dia-a-dia, bem como dos problemas que o mesmo enfrenta (problemas esses que poderão ser de várias ordens: política, económica, cultural, ou outros). E desses cantores nitidamente «engagés» um esteve, entre vários outros, na Festa do Casalinho da Ajuda, no último fim-de-semana. Ele soube mostrar até onde ia a sua força, a sua combatividade de resistente. Estamos a falar de Richie Havens.

Depois daquele espectáculo delirante tornava-se para nós, imprescindível uma troca de impressões com ele em que nos falasse da sua obra e do seu empenhamento cultural.



Richie Havens cantando o «Freedom»

OS PRIMEIROS ANOS

7.7 — De início e antes de graves os primeiros discos as coisas foram um pouco duras para ti. Foram maus tempos. Trabalhaste em vários empregos...

RH — Não acho que tenham sido de facto como dizes maus tempos aqueles, porque na altura eu era bastante novo. Ainda não estava decidido a fazer nada de especial e aqueles anos foram aquilo a que eu chamo os meus bons tempos educacionais. Fui então aprendendo uma série de coisas e acho que foram úteis desse ponto de vista.

7.7 — Foi então que te decidiste pela canção. Inicialmente não deve ter sido muito fácil, ao que suponho. Em Greenwich Village (área de Nova Iorque onde paravam a maioria dos cantores que procuravam iniciar a sua carreira) deveria ser um «chusma» de cantores a tentar a sua sorte...

RH — Assim era de facto. Como muitos deles, eu tive de fazer o giro por aqueles cafés onde nós cantávamos a troco por vezes de uns míseros dólares. Muita malta passou, de facto, por esses cafés de Greenwich Village. Lembra-me por exemplo do Bob Dylan. De facto a mim aconteceu-me o mesmo e esse giro para mim, o melhor será dizer a minha primeira ronda de aprendizagem, foi exactamente em Greenwich e durou cerca de cinco anos. Até que um certo dia um determinado sujeito chegou-se ao pé de mim e perguntou-me se eu estava interessado em gravar um disco. E a única coisa que eu à altura respondi é que não sabia se era suficientemente bom para poder fazer isso, embora no fundo talvez o desejasse.

7.7 — Na tua opinião, dos dezasseis álbuns que gravaste até hoje qual consideras que foi

realmente o teu primeiro grande êxito?

RH — Eu penso que a minha primeira grande saída, em termos discográficos, foi o LP «Mixed Bag». Publiquei esse disco em 1967 e penso que as pessoas «agarraram» bem nele. Talvez até pelos temas que eu aí cantava, canções verdadeiramente «folk», isto é muito ao gosto popular da malta nova daquela época. Dessas canções posso dizer que haviam o «Just Like a Woman», de Bob Dylan (e repare-se que eu começava quase meia dúzia de anos depois deste grande cantor), o «Eleanor Rugby», dos «Beatles», alguns temas que eu havia composto e ainda algumas canções que um amigo meu compusera expressamente para mim.

7.7 — Dois anos depois do sucesso alcançado por ti com o álbum «Mixed Bag» foste convidado a apresentar-te no festival de Woodstock. Nessa altura ainda não poderias prever o enorme sucesso que aí alcançaste com o teu (importante) tema «Freedom».

RH — O sucesso ficou-se sobretudo a dever ao facto de eu ter chegado ao lugar onde se desenrolava o festival demasiado cedo. E cheguei cedo porque a estrada que separava o local onde estava o meu hotel e a quinta onde ia ser o festival encontrava-se bloqueada. Daí que eu tive de ser transportado de helicóptero do hotel até Woodstock. E embora no programa de festa eu estivesse para ser o quinto artista a actuar, quando lá cheguei verifiquei que ainda nenhum dos outros cantores havia chegado. Daí eu ter sido chamado para cantar no início de toda aquela grandiosa manifestação de alegria, de entusiasmo, de euforia, eu sei lá.

UM TRIUNFO DIFÍCIL

7.7 — Num certame em que estavam presentes nomes da

pop-rock anglo-americano tão importantes como Joan Baez, Crosby, Stills, Nash e Young, os Ten Years After, Carlos Santana, Country Joe, os Who ou Joe Cocker, tu ainda um novato naquelas coisas previas que fosses tão bem aceite por aquela gente? Previas um sucesso assim?

RH — Aquilo era sobretudo uma festa de solidariedade, quase uma espécie de solidariedade internacionalista de cantores. Não contava muito que eu já conhecesse a maior deles das rondas nocturnas de Greenwich Village. O que ali contava era que estávamos todos em festa, todos nos situávamos ao mesmo nível uns dos outros. E aquele ambiente era verdadeiramente efervescente, e todos nós sentíamos o mesmo.

7.7 — Nos dias subsequentes a esse festival, quando leste nalguns dos principais jornais musicais dos Estados Unidos que tu e o Joe Cocker tinham sido as principais revelações desse verdadeiro acontecimento mundial — no domínio da cultura musical anglo-americana — como é que reagiste? O que achaste disso?

RH — Nunca pensei muito nisso. Continuei sempre a tocar. Porque afinal (já em 1969) era isso que me interessava verdadeiramente fazer. Eu tinha uma guitarra, queria cantar as minhas canções e ninguém se poderia opor aquilo que eu desejaria seguir como modo de vida. E de dia para dia descobria que cantar assumia, para mim, cada vez maior importância.

7.7 — Em 1970, quando Leonard Cohen se empenhava com o Paul Bukmaster em concluir o seu importante álbum (se não o seu maior álbum até hoje) «Songs of Love and Hate», tu apresentaste no teu «1983» uma tua brilhante peça poético-musical, «Priests». E mais tarde cantaste outros temas dele como «Suzanne». Como foi que aconteceu o vosso

conhecimento recíproco?

RH — Eu conheci realmente Cohen quando ele também andava por Nova Iorque e outras cidades dos Estados Unidos a cantar naqueles circuitos de cafés. Mas antes disso já o conhecia também, aliás muito tempo antes, de o ouvir ler poesia no Canadá, no período anterior ao de ele compor música para os seus poemas. Nessa altura Cohen apenas lia publicamente, nas universidades e nos bares, os seus poemas, que aliás são de uma grande riqueza poética.

7.7 — Além do tema «Priests» também nalguns dos teus espectáculos ou recitais apresentavas alguns outros temas de Cohen, não era?

RH — Sim, isso devo-o também, em parte, à divulgação da obra de Cohen feita por Judy Collins. E dos temas que também tornei meus, porque os cantava inteiramente a meu modo, num género de recriação pessoal, posso referir realmente a «Suzanne» bem como um tema de que gosto realmente muito, «Sisters of Mercy» e que fala de umas freiras ou irmãs de caridade. Um trabalho realmente muito bem elaborado por ele.

NO DOMÍNIO DOS «SOUL-BLUES»

7.7 — Muitos factos importantes na tua carreira estão já para trás. Percorreste, em minha opinião, uma curiosa e árdua trajetória artística e cultural desde que, com 14 anos (isto é em 1955) fazias parte dos «McCrea Gospel» um grupo de feição religiosa, quase paroquial, da zona de Brooklyn onde nasceste. O que há hoje em ti ainda desse menino aprendiz de cantor e o que há de verdade na «star» que te pretendem fazer assumir?

RH — Para mim a igreja foi quase como que um acaso, para que

naquela altura dos anos cinquenta eu pudesse chegar à riqueza do «rock'n'roll». Mas tudo isso não passou de uma passagem episódica, isto é, de um mero acaso transitório. Felizmente que eu não cresci nessa zona onde a negritude vivia nos maiores problemas, caracterizada pelos seus modos de vida próprios, pela sua religiosidade.

7.7 — Tinhas nessa altura consciência das privações em que vivia o povo negro dos «ghettos» que era relegado para zonas quase inabitáveis...

RH — A princípio eu não tinha consciência dos problemas que se passavam à minha volta. Só algum tempo mais tarde, quando já me encontrava em Nova Iorque e ao constatar o afluxo dos negros que vinham do Sul (bem como todos os seus problemas que traziam consigo) é que principi a abrir os olhos para essa realidade. Foram esses mesmos negros sulistas que me começaram a fazer despertar, com as coisas que me contavam, de toda aquela situação que se vivia no sudeste americano, em zonas onde os «ghettos» e os bairros periféricos lutavam diariamente com os mais incriveis problemas. Aliás essa espécie de guerra nunca se apresentava independente de um contexto de repressão e de luta pela emancipação daquele povo.

7.7 — Queres-me falar um pouco mais detalhadamente de toda aquela gama de problemas que o «racismo» levantava, por exemplo a luta de Malcolm X? Falares-me do passado recente da luta do negro americano pela sua emancipação?

RH — Os problemas que existiam, em meu entender, eram problemas isolados, casos pontuais. E desde essa altura as pessoas começaram a tomar conhecimento da situação em que se encontravam a partir do reconhecimento de uma série de direitos que lhe eram devidos. E daí a sua luta que decerto não irá parar.

SUNNY MURRAY

7.7 — Num país tão grande como os Estados Unidos, e onde o jazz está mais desenvolvido do que em nenhuma outra parte, decerto terás conhecimento de alguns dos mais novos percussionistas que aí têm aparecido sobretudo daqueles que, pelo seu talento, vale a pena fazer menção.

MR — Desses percussionistas alguns tem havido que mais nos têm chamado a atenção. De entre eles quero citar os nomes Tony Williams (nasceu em Chicago em 1945), Rashid Dali, Sunny Murray, bem como um percussionista do Chicago Art Ensemble de que não recordo agora o nome. Já há alguns deles que, pela sua técnica, são verdadeiramente vanguardistas.

7.7 — Gostaria que ainda me falasses de um dos teus trabalhos, que julgo de importância capital na tua biografia, que a «Freedom Now Suite», de 1960

MR — Esse trabalho foi-me encomendado quando nos Estados Unidos se celebrou o centenário do fim da escravatura. Aconteceu que um comité branco que, em homenagem ao trabalho desenvolvido por Lincoln no sentido da abolição da escravatura me pagou algum dinheiro para eu realizar uma encomenda. Ela consistia numa homenagem à emancipação do homem negro. E nesse trabalho colaboravam, entre outros, Coleman Hawkins e a minha antiga mulher a cantora Abby Lincoln. A conversa prometia ser longa. E nós continuávamos com melão e uvas frescas ali à mão.

As voltas que o Minho dá

Continuação da pág. 2

actividades de António Pedro. Tanto no que se refere à cerâmica e escultura, como à sua colaboração jornalística, parece-me a exposição demasiado insuficiente. E sobretudo no que diz respeito ao teatro, a exposição está longe de reflectir a importância da obra de um artista cujos espectáculos representaram uma viragem no teatro português, deles tendo partido o que de mais importante existe hoje no teatro português. Um pequeno número de fotografias, algumas das quais erradamente legendadas, dois ou três cartazes, exemplares das obras sobre teatro publicadas por António Pedro — não poderiam exprimir o significado e a importância da sua actividade de criador teatral. Não ignoro nem esqueço as dificuldades em dar imagem ou testemunho da criação teatral — sendo o teatro essa arquitetura precária do faz-de-conta, essa pintura invisível do fingimento. Estou, porém, convencido que seria possível conseguir elementos que testemunhassem com alguma eloquência o que foi a carreira teatral de António Pedro.

O QUARTEL ONDE AGORA AS «GUERRAS» SÃO OUTRAS

Se a exposição de António Pedro e o local em que se realizou constituem prova de que a liberdade criativa — que os tornaram possíveis — 25 de Abril se deve, o segundo exemplo que trago dessa realidade viva, é ainda mais decisivo. Refiro-me à reconversão de um antigo quartel de Viana do Castelo num centro cultural em que coexistem e vivem grupos de teatro, grupos desportivos, uma biblioteca infantil, uma secção musical, etc. Realizou-se durante uma semana na parada do quartel uma série de iniciativas teatrais, musicais, folclóricas, que culminou com a

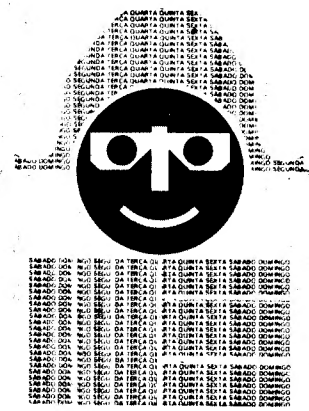
estreia do novo espectáculo do TEAR, com a peça de António José da Silva, o Judeu, «Guerras do Alecrim e Mangerona». Esta realidade modelar, infelizmente única, que é o ex-quartel de Caçadores 9, de Viana do Castelo, transformado em centro cultural, deve-se em grande parte ao interesse manifestado pelo Governador Civil daquela cidade que conseguiu os recursos necessários para dar realidade a esse admirável projecto. Resta-me, portanto, falar do espectáculo. Numa sala, que dispõe de uma bancada para 100 espectadores, que resultou da transformação de parte da área do quartel, o TEAR apresentou, uma nova encenação das «Guerras». Aqui, convém lembrar, justificando a referência feita no início desta crónica, que foi precisamente com a peça do Judeu que António Pedro realizou um dos seus melhores espectáculos e aquele que poderemos considerar como um dos melhores espectáculos do teatro português dos últimos trinta anos. Eximir-me-ei a repetir aquilo que já por várias vezes aqui escrevi sobre a dificuldade em escrever sobre novas encenações de uma peça de que me parece ter visto a encenação definitiva (embora admita que o não seja), mas não quero deixar de sublinhar ter sido esta versão do TEAR aquela que mais se aproximou do espectáculo de António Pedro e do TEP. Terá, porventura, a presença de João Guedes contribuído para esse facto, embora interpretando outro papel? É bem possível. De qualquer maneira, parece-me importante assinalar que o espectáculo com as «Guerras» marca aquilo a que poderemos chamar um salto qualitativo na prática do TEAR e permitiu a Castro Guedes revelar-se um encenador com assinaláveis capacidades para a recriação de clássicos. Depois dos espectáculos anteriores, reduzidos no que se referia ao número dos seus

intérpretes («Ai Estes Malditos Domingos» e «O Doido e a Morte», a peça do Judeu confere ao grupo o estatuto de uma companhia profissional aparentemente apta para voos de certa responsabilidade. O facto deve-se à relativa homogeneidade do conjunto, a um trabalho certamente duro, à direcção de Castro Guedes, e à presença de João Guedes que, finalmente, reaparece em forma, garantindo ter ainda capacidade, apesar das suas deficientes condições físicas, para criações de grande nível. Não quero dizer com isto, que o grupo vianense seja constituído por grandes actores ou que dele tenham desaparecido os resquícios de amadorismo (no pior sentido que é o do amadorismo de profissionais) mas que, pelo menos neste espectáculo, foram conseguidas uma eficácia, uma coerência e uma homogeneidade que não quero deixar de assinalar. Utilizando apenas cortinas, elementos móveis e fatos bem concebidos e executados, Castro Guedes conseguiu criar um espectáculo plasticamente vivo e limpo; através das marcações, da utilização da luz, da excelente participação musical, de sabor nitidamente popular, finalmente pela reinvenção de elementos locais (como a rede de pesca com que é feita a capoeira, os carrinhos de brinquedo populares do Minho que fingem as espadas, por exemplo) e pela série de achados na composição das personagens, na distribuição destas no espaço, etc., o encenador conseguiu fazer uma leitura que sublinha os aspectos altamente cómicos do texto e os seus aspectos críticos. O espectáculo dá por vezes o flanco, como seria de esperar: com grande capacidade de invenção de sinais cénicos, o encenador não foi capaz de os filtrar, o que não podia

deixar de contribuir para que aqueles perdessem parte da sua eficácia. O acto de depurar é, tão importante, em teatro, como o de

criar. Por isso, o espectáculo nem sempre consegue o mesmo ritmo, por vezes torna-se pesado, outras vezes, sobretudo no final, enlanguesce, dilui-se. No segundo acto, e só nesse, consegue atingir o ponto de equilíbrio quase óptimo. Poder-se-ia discutir se, porventura, as formas geométricas, lineares, utilizadas no cenário estarão de acordo com o texto arredondado, barroco, e de crítica do barroco, mas esse pormenor não invalida o que de melhor há neste espectáculo, que é ao mesmo tempo a sua qualidade de imaginação e o nível que atinge como criação cénica. Se os actores menos jovens, com João Guedes em primeiro lugar, e ainda Laura Perry, no melhor trabalho que lhe vi, merecem uma referência especial (sendo de atender, em relação ao primeiro ao facto dos restantes reflectirem muito a sua presença em cena), os mais jovens, com João Paulo Costa, em Semicúpio (só prejudicado por excesso de rebuscamento maneirista), Fátima Castro, em Sevadilha, Fernanda Cardoso (C. Glórias) Laurinda Ferreira (D. Nise), Mário Timóteo (D. Fuas), revelarem ou confirmarem qualidades a ter em conta, o que de resto se poderá dizer, ainda, de Manuel Chico e Luís Duarte. Estas algumas das voltas que o Minho está a dar. Umas boas, outras más. De outras ainda, saberemos

mais tarde. De qualquer maneira, e para já, a viagem valeu a pena. «GUERRAS DO ALECRIM E MANGERONA», de António José da Silva (o Judeu). Direcção dramaturgológica e Encenação: Castro Guedes. Cenários e Figurinos: Moura Pinheiro. Coordenação musical: João Loio. Interpretação: Luís Duarte, Jorge Mota, Mário Timóteo, Fátima Castro, Fernanda Cardoso, João Guedes, Laurinda Ferreira, Laura Perry, João Paulo Costa, Manuel Chico. TEAR. Viana do Castelo. Estreia: 31-8-1979. C.P.



caixa do PONTO

S. LUÍS

(R. António Maria Cardoso
Tel. 327172)

CONCEIÇÃO OU UM CRIME PERFEITO

de Jaime Salazar Sampaio
Uma partitura em surdina de um autor discreto e inteligente, uma direcção igualmente inteligente e discreta de um dos nossos melhores leitores de partituras teatrais, interpretações admiráveis de dois solistas capazes de descobrir os segredos mais fundos de um texto. Precisa de mais alguma coisa? Indispensável ir ao S. Luís ver este espectáculo.

A COMUNA

(Pr. de Espanha
Tel. 762624)

GUERRAS DO ALECRIM E MANJERONA

de António José da Silva
Não é por acaso que o Judeu tenta os nossos grupos (Tep, Centelha, Comuna, além do São Carlos). Este espectáculo representa talvez uma viragem no trabalho deste grupo, a qual terá muito a ver com a obra que está a fazer no que se refere à preparação de actores. Mas o espectáculo vale como tal e por isso é, mesmo, indispensável.

TEATRO ABERTO

(Pr. de Espanha
Tel. 770969)

O CHÁ DOS GENERAIS

de Boris Vian pelo Grupo 4
Também este espectáculo faz rir, também este espectáculo é importante e não apenas porque faz rir. Também este espectáculo é, pois, indispensável.

ESTORIL

Antigo Picadeiro do Estoril (Junto ao Cruzeiro)

«A Mãe»
de Witkiewicz

pelo TEC

Farsa negra, se se quiser, também este espectáculo por vezes deveria provocar a gargalhada se o público não o levasse demasiado a sério. Compreende-se: nem o humor polaco é tão acessível como isso, nem esta versão ajuda.



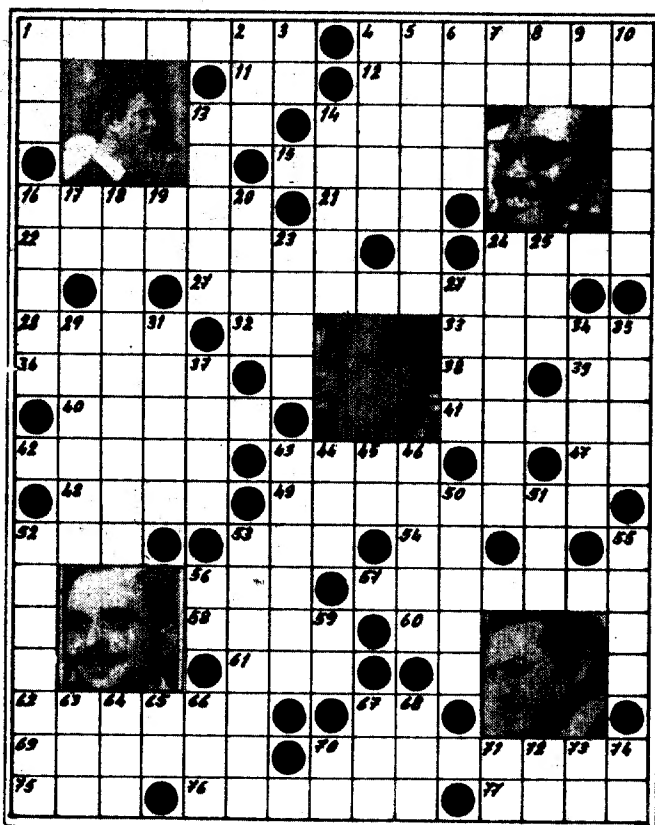
«O chá dos generais»



Sete Ponto Sete, suplemento das sextas-feiras do «Diário de Lisboa». Responsabilidade editorial: João Mendes. Colaboradores permanentes: Jorge Leitão Ramos, Carlos Porto, Mário Vieira de Carvalho, Ernesto Sampaio, Rogério Rodrigues, Manuel Anta. Colaboradores convidados: Duda Guenness, Carlos Pessoa, Manuel Cadafaz de Matos. O Sete Ponto Sete não se compromete a publicar colaboração não solicitada e os originais não publicados não serão devolvidos. Consideramos, porém, com o maior interesse, a correspondência que nos é enviada com pedido de publicação; deve ser dirigida a João Mendes, Redacção do «Diário de Lisboa», Rua Luz Soriano, 44, 1200 Lisboa, com a menção «Suplemento Sete Ponto Sete».

Lisboa, 14 de Setembro
a 20 de Setembro 1979

palavras cruzadas



HORIZONTAIS

1, Maria de Lurdes Pintasilgo, Primeiro-Ministro português, falará na Assembleia Geral das Nações Unidas no próximo dia 1 de Outubro, onde estará também presente este monarca da Jordânia, entre várias outras personalidades; 4 Puxara para si; 11 Nota musical; 12, 13, 16 O vice-presidente do CDS Amaro da Costa, «indigita este líder

centrista para PR; 14 Dar pios; 15 Expulsava; 21 Grande quantidade; 22 Nome de uma sedição dos cabanos em Pernanbuco e Alagoas, de 1832 a 1835; 24 Educo; 26/43 Faleceu em Moscovo onde se deslocara para ser submetido a uma operação cirúrgica este prestigioso dirigente angolano; 28 Apre! 32 Antigo Testamento; 33 Gorgulhos tropicais; 36 Estado de Espírito; 38 Cento e um em romano; 39 Cobre (s.q.); 40 Habitam; 41 Irmão de Moisés; 42 Espiohai; 47 Senhor; 48 Embarcações grandes; 49 Recrutado; 52 Preposição; 53 Antiga capital da Birmânia; 54 Basta; 56 Magnete natural; 57/70 Durante o seu actual mandato, Ramalho Eanes, fará uma visita oficial ao país deste presidente, nos primeiros dias de Outubro; 58 Em mais alto grau; 60 Antes de Cristo; 61 Abreviatura de Santíssimo Sacramento; 62 Esta figura real, esteve presente nas cerimónias fúnebres do «último senhor feudal das ilhas Britânicas», conde Mountbatten, vítima de um atentado bombista cometido pelo IRA; 67 Mulo; 69 Preparara com ópio; 75 Figura que simboliza o povo americano; 76 Tostada; 77 Educa.

VERTICAIS:

1 Deusa ou gigante da morte, na mitologia escandinava; 2 Enguia; 3 Neon (s.q.); 4 Retoco; 5 Atraiçoarei; 6 Raera; 7 Certo vinho francês espumoso do Marne, muito apreciado; 8 Item; 9 Batráquio; 10 Subo ao cume; 13 Deusa da caça; 14 Estacionas; 16 Língua de Samatra; 17 Ruim; 18 Atestar; 19 Rádio (s.q.); 20 Represa de água onde se afoga o linho para curar; 23 Favorece; 24 Incubara; 25 Grande quantidade; 27 O mesmo que naja; 29 De Roma; 31 Cidade da Suíça; 34 Poente; 35 Transpiração; 37 Ponta da verga (Naut); 43 Freguesia do concelho da Póvia de Varzim; 44 Pronome pessoal; 45 Pronome pessoal; 46 Aldeia de Itália; 50 Taberna; 51 Claridade; 52 Da Polónia; 53 Misturas; 55 Rio de França; 56 Prefixo de negação; 59 Abreviatura de Santíssimo; 63 Bolo de farinha de arroz e azeite de coco, usado na Ásia; 64 Viscera dupla; 65 Nota musical; 66 Agora; 67 Decicina; 68 Emprega; 70 Oferece; 71 Antes de Cristo; 72 Caminhar; 73 Niquel (s.q.); 74 Gálio (s.q.).

SOLUÇÕES

VERTICAIS:

1 Hel; 2 Iro; 3 Ne; 4 Afino; 5 Trairei; 6 Rera; 7 Ai; 8 It; 9 Ha; 10 Assomo; 13 Diana; 14 Paras; 16 Achim; 17 Ma; 18 Abarrolar; 19 Ra; 20 Lega; 23 Dora; 24 Chocara; 25 Ror; 27 Nala; 29 Romano; 31 Aarau; 34 Ocaso; 35 Suor; 37 Lais; 43 Navais; 44 Ela; 45; 46 Ostia; 50 Tasca; 51 Dia; 52 Polacos; 53 Amassas; 55 Aduz; 56 Im; 59 SS; 63 Apa; 64 Rim; 65 La; 66 Ora; 67 Med; 68 Usa; 70 Da; 71 AC; 72 Ir; 73 Ni; 74 Ga.

HORIZONTAIS:

1 HUSSEIN; 4 Atraira; 11 Re; 12, 13, 16 FREITAS DO AMARAL; 14 Plar; 15 Bania; 21 Ror; 22 Cabanada; 24 Crio; 26, 43 AGOSTINHO NETO; 28 Iral; 32 AT; 33 Aros; 36 Moral; 38 Cl; 39 Cu; 40 Moram; 41 Aarao; 42 Catai; 47 Sr; 48 Naus; 49 Alistado; 52 Por; 53 Ava; 54 Ta; 56 lma; 57, 70 GISCARD D'ESTAING; 58 Mais; 60 AC; 61 SSS; 62 CARLOS; 67 Mu; 69 Oplara; 75 Sam; 76 Assada; 77 Cria.

Sociedade

MAN RAY

Um ferro de engomar
passado sobre o mundo

Ernesto Sampaio

Surrealista octagenário, toda a vida habitado por Dadá, o traço específico de Man Ray foi a incapacidade de se repetir. Em vão procuráramos na sua produção períodos azuis ou côr-de-rosa.

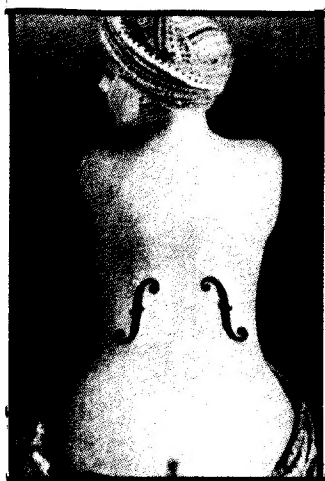
Este «mareante do nunca visto, naufrago do previsto», como o caracterizou André Breton, tacteou todos os processos que permitem a um pintor «passar-se» da pintura, do «ofício», da «cozinha», desde as «aerografias» por meio de sacos de tinta e de pistolas de ar comprimido («o resultado — explicaria («o mais tarde — era muito excitante: pintava um quadro sem nunca tocar na tela, realizando, de algum modo, um acto puramente cerebral») até aos «raioogramas» ou fotografias sem câmara, pela colocação directa do objecto entre a película e a fonte de luz. Coisas, em suma, cuja



Obstrução

grande e melancólico olho de mulher. Man Ray partilha com os surrealistas a predilecção por formas oculares, símbolos eróticos, ovais, revólveres, bolas de cristal e, quase emblema da musicalidade que esses adereços subentendem, nas suas composições entram frequentemente violinos e outros instrumentos de corda.

Juntamente com Duchamp, ele é certamente o mais imaginativo inventor de maquinismos da arte moderna, mas a prestidigitação jocosa destes «objectos» tem sempre uma faceta dramática. Veja-se «Dissuasion» (1968), no qual o equilíbrio ameaçado de duas pistolas apontadas à queima-roupa uma contra a outra exprime a insegurança dos tempos em que vivemos. Uma declaração de Breton datada de 1941, em mais uma época negra da história humana, enuncia o que chegou ao fim: «é a ilusão da independência e da



O violino d'Ingres

repetição, hoje, nos parece bastante acadêmica e pueril, mas que, no tempo em qual Man Ray as criou (1918) «curto-circuitaram» seriamente a Arte (com A grande) na sua mítica rotina.

Os «objectos» fabricados e fotografados por Man Ray neste último meio século teriam por escopo, segundo o seu manipulador, «divertir, perturbar, desorientar ou fazer reflectir». Contudo, mais do que prazer, a sua visão provoca inquietude. Modernos, mas ao mesmo tempo anacrónicos como relíquias arqueológicas, a hibridez equívoca que lhes assiste contagia de mau humor e apreensão a fantasia. É voz corrente que os inúmeros objectos de que se rodeavam os dadaístas e os sequeiros do surrealismo possuíam uma substância farsesca, uma alegria de «suite de prodiges». Deles ressuma mais, no entanto, a hipertensão rapace de quem caiu numa cilada. Isso e o desejo dos artistas modernos de tirarem os objectos do alvéolo do seu significado habitual, pondo-lhes a nu a desazada ambiguidade com enxertos e transplantações dissonantes e acendem a insuportável rebelião.

Man Ray é pródigo em exemplos desta acção de sabotagem, a começar pelo seu famoso «Cadeau», ferro de engomar de cuja placa lisa despenda uma file de pregos prontos a dilacerar o tecido do mundo, e a acabar nos seus ainda mais maléficos «souvenirs», como «Obstrução»,



«Cadeau»

floresta de cabides nus, ou «Trompe l'Oeil», com saíde de um negro assentado de retrete como da boca de um prestidigitador, fazendo deflagrar violentamente o ridículo através da aproximação heteróclita e da grandiosidade do equívoco, passando pelo ar espectral conferido aos objectos, envoltos frequentemente em sedas, grilhetas e cordames, numa clara alegoria sádica. Na máquina chamada Man Ray, um emaranhado de tubos e fios envencilha uma fantomática mão de dedos longos e diáfanos,



Objecto de destruição

semelhantes a velas. Enquanto os objectos aspiram a tornar-se feitos, evocações totémicas, as diversas partes do corpo assumem a condição de objectos. Demonstração: «puericultura», viscosa mão, alcatroada desembocando de um recipiente, e o lugubre «Auto-retrato», no qual Man Ray, dissimulando um poderoso mau-olhado, se representa cadáver de olhos escuros, dentro de um caixão revestido de papel de jornal. Mas também pode acontecer que de um «Objecto indestrutível» ou de uma «Bola de neve» nos fixe um



Auto-retrato 1932

transcendência da obra de arte. A esta luz, ganha um sentido novo a actividade «artrística» de Man Ray («a arte está para a arte como a merda está para a merda».

sentenciou Duchamp), empenhada em tapar os caminhos que facilitam as escapadelas para o além e o sublime, toda virada para a representação do jogo e do desejo — e por isso mesmo significando um protesto implícito contra as condições sociais em que o homem do nosso tempo vive a sua vida.



O enigma de Isidore Ducasse

O vinho é o melhor
negócio do mundo

De vinho entendo muito pouco, só da boca para dentro. Sou incapaz de distinguir, provando-o, de que região, ano ou safra é o que estou a beber. Se for branco, tudo bem. Se tinto, melhor ainda. Não reconheço nem pela vista, nem pelo gosto ou pelo olfacto o valor intrínseco do vinho. E por não ter talento para a «dégustation», morro de inveja e admiração dos meus amigos aos quais a natureza dotou-os desse maravilhoso dom.

E para compensar-me dessa deficiência prática, procuro informar-me o máximo possível sobre a teoria e literatura da arte dos escanhões. Resumindo: leio tudo sobre vinho.

«Não conheço nada do que se passa nos domínios da produção de vinho em Portugal. Mas gosto imensamente do vinho português», afirma no seu simpático livrinho «Variações sobre a Gastronomia» (Cadernos da Seara Nova, Lisboa, 1944) Paulo Duarte, um exilado político brasileiro que escolheu Portugal para viver durante a ditadura Vargas. «E é justamente esta inclinação que me tem feito conhecer várias coisas feias, como a falta de atenção para esses pequeninos pormenores que têm feito a glória dos vinhos de França e de tantos outros países. Quem se preocupa, por exemplo com a colheita? Ninguém, nenhum vendedor ou consumidor do bom vinho português sabe quais são os anos melhores ou os piores. As garrafas não trazem nenhuma «indicação», lamentava-se o exilado brasileiro no já remoto ano de 1944. Hoje as coisas teriam mudado?

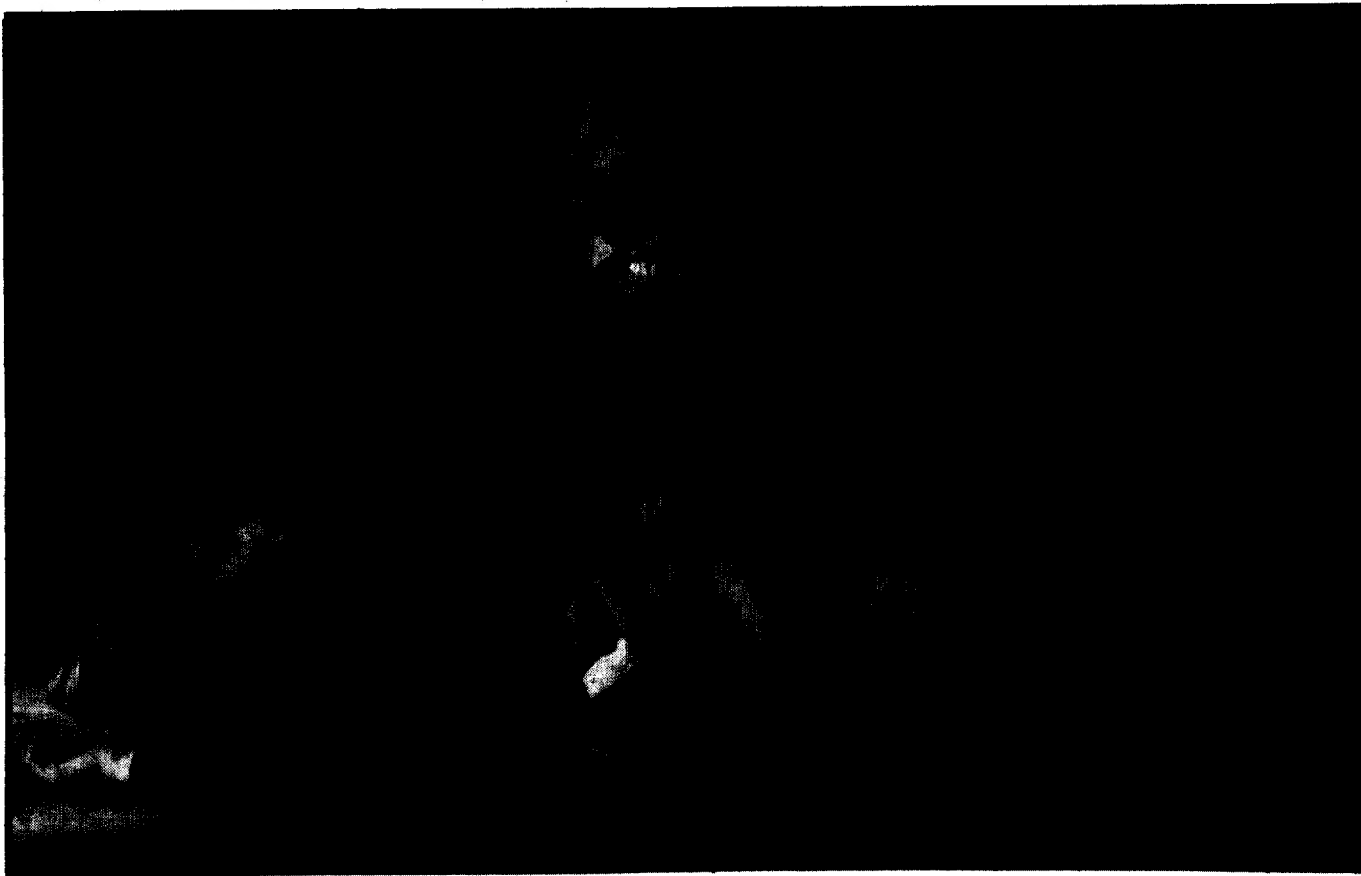
São esses pormenores referidos por Paulo Duarte que fazem a grandeza dos vinhos franceses. Grandeza e fortuna. Pois vinho é o investimento mais seguro e lucrativo que há actualmente. Segundo a revista «Saturday Review», em artigo assinado por Clifton Fadiman e Sam Aron «os americanos começaram a descobrir uma forma altamente lucrativa de investimento: o vinho. Num país em que a inflação, mesmo nas épocas piores, nunca ultrapassa 10% ao ano, é melhor do que ouro, obras de arte ou acções. Calcula-se

que pelo menos 5 mil pessoas nos Estados Unidos compraram vinhos este ano, não para bebê-lo, mas para vender depois com altos lucros». A revista dá um exemplo: «em 1949 um investidor comprou uma garrafa de Lafite-Rothschild, safra 1945, por um dólar e 49 centavos. Hoje, não a vende por menos de 400 dólares, preço corrente no mercado». Um bom negócio sem dúvida.

Outro exemplo: em 1959, um comerciante comprou 800 caixas de Lafite-Rothschild, safra do ano, ao preço de 29 dólares a caixa. Vendeu-as em 1962 a 62 dólares a caixa; o que também não deixou de ser um excelente negócio. Mas, se houvesse esperado até hoje, teria vendido aí pelos 2 mil dólares, e tudo leva a crer que até 1980 o Lafite-Rothschild 1959 estará valendo 4 mil. Basta multiplicar este preço por 800 e chegaremos a 2 milhões e 400 mil dólares, nada mau para um investimento de 23 mil e 200 dólares.

Em Portugal devem existir vinhos com qualidades iguais ou melhores aos franceses, mas há pouca divulgação, pouca badalação sobre a sua importância. O que se esconde espalhado por esse país de norte a sul em matéria de vinho, daria para pagar toda a dívida externa portuguesa, relançar as bases da economia, dar de beber à população e ainda exportar. Um levantamento do que há de vinhos de qualidade é uma tarefa que urge ser realizada imediatamente. Vinho hoje vale mais que petróleo. Mas também como o ouro negro, é necessário que seja comercializado com todos os recursos que as técnicas mercadológicas determinam. Não é promovendo Rallies ou outras provanças que o vinho português irá chegar aos mercados consumidores ou os investidores virão cá em busca do ouro líquido. Enquanto isso não acontece, serenamente peço ao criado que me traga mais uma garrafa de vinho — do da casa. Pois para mim são todos iguais.

DUDA GUENNES



«O espírito da colmeia» de Victor Erice: premiado com Placa de Prata em 1974

Todos os anos, Setembro fora, a Figueira da Foz anima-se com a chegada de uma população cinéfila que, dos quatro cantos do País acorre à «cruzeta» do Casino/Café Nicola: é o Festival de Cinema que aí está.

A aventura (porque de aventura se tratava) começou sete anos atrás, em 1972, com a realização modesta de uma Semana de Cinema: sete antestreias de filmes cedidos pelas distribuidoras lisboetas, um critério de escolha eclético e interessante.

Películas assinadas por Forman, Schlöndorff, Pasolini, Luntz, Bertolucci, Delvaux e Tanner testemunhavam uma opção pelo cinema novo, pela modernidade.

Mas, curiosamente, não era a selecção a faceta mais importante do empreendimento: a realização de debates públicos sobre os filmes (com tudo o que de confronto ao silêncio imposto pelo fascismo tais debates pressupunham), o espaço de diálogo vivo e dinâmico que, desse modo, se gerou foi, pode afirmar-se, a mais relevante contribuição cultural que a «Semana» produziu. Em 1973 eram já 12 os filmes presentes e, pela primeira vez, havia uma película que não passara pelos distribuidores.

Em 1974, com as condições criadas pelo 25 de Abril, a organização decide-se a alterar a estrutura: nasce assim o Festival Internacional de Cinema da Figueira da Foz, abrem-se as portas a uma generalizada participação directa de filmes estrangeiros, instituem-se prémios. Com 32 filmes em 1974 e 47 em 1975 o Festival cresce rapidamente. Seis países participam directamente na edição de 1974, dezasseis concorrem em 1975.

É o tempo de maturidade do Festival. Apesar de ter já os horários um pouco sobrecarregados, o público participa em múltiplos debates, o espaço para a reflexão, para o encontro entre as pessoas existe e se, no fim dos oito dias há um inevitável cansaço, o certo é que todos dão por bem empregue, lúdica e culturalmente, o tempo despendido na Figueira da Foz. Para mais, o Festival oferecia a oportunidade de ver filmes importantes, de impossível exploração comercial no nosso país, assumindo assim um papel de divulgação do cinema diferente que, um pouco por todo o lado, se produzia.

Data de 1976 o começo da inflação histórica de filmes em detrimento da sua reflexão. Cinquenta e sete películas ocupam o programa. O Festival envereda pelo cosmopolitismo festivo, o espaço para os debates mingua, o que fora uma festa do cinema começa a degenerar numa

Um festival de cinema

avalanche de fitas, exibidas em várias salas (algumas sem as mínimas condições), numa imitação provinciana e um pouco patega do figurino de Cannes, Berlim ou Mannheim. O crescimento traduz-se, paradoxalmente, numa involução.

Infelizmente tal caminho não foi atalhado, longe disso. Em 1977, são 68 filmes a ser apresentados, em 1978 o número baixa para 56, em 1979 são cerca de seis dezenas e meia; não parece haver qualquer tendência para um decréscimo na quantidade e uma opção real, concreta e verdadeira para fazer regressar o Festival ao espaço de debate e de cultura que foi e fazê-lo sair da mastodônica mostra de fitas em que se tornou.

Evidentemente que as vias seguidas pelo Festival têm a ver com concepções de cultura; transformando-o numa enorme vitrina está-se sobre tudo a pensar em prestígio, em números altos, numa lista de convidados longa, num volumoso programa que sirva de cartão de visita no estrangeiro e junto dos organismos

subsidiadores. Mas a verdadeira cultura cinematográfica não se mede em números, em filmes vistos, mede-se em capacidade de os apreender, na criação de condições materiais e psicológicas que o propiciem. Claro que aquilo de que falo não tem paralelo com qualquer festival conhecido; mas não escrevia José Vieira Marques secretário-geral do Festival da Figueira da Foz, seu dinamizador primeiro e seu completo responsável, nas qualidades como nos defeitos, em Setembro de 1974: «o objectivo primário e prioritário (...) é a promoção junto do público espectador de uma tomada de consciência que o arme com critérios de análise,

promovendo e desenvolvendo o seu sentido crítico». Ou seja, não estão nas suas intenções expressas a

criação de um espaço diferente que assuma e polarize essa diferença em termos culturais, dialógicos,

vivos? Porquê então insistir num figurino que dela se vai afastando progressivamente e que, cada vez mais, cimenta um rosto incarácterístico, travesti dos grandes festivais comerciais? Da resposta a esta pergunta depende, julgo, não o futuro material deste importante acontecimento mas a sua real actuação na transformação das relações filme-público, o seu contributo cultural.

Apesar disso, é evidente que o saldo destes sete anos de edição do Festival da Figueira da Foz não pode ser senão positivo. Através dele puderam chegar até nós filmes marcantes no moderno cinema mundial que, de outro modo, nunca teriam tido qualquer divulgação em

Portugal. Igualmente a presença de alguns autores decisivos do actual cinema foi um facto que é preciso não escamotear em termos de relevância. Lembro alguns: Marguerite Duras, Thomas Koerfer, Krzysztof Zanussi, Sembene Ousmane, Robert Kramer, Mark Rappaport, Mrinal Sen, Daniel Schmid, Chantal Akerman, Marcel Hanoun...

Para este ano filmes interessantes também não faltam. Para além da estreia portuguesa (em cinema) de *Amor de Perdição* de Manuel de Oliveira poder-se-ão ver, entre muitos (demasiados) outros, *Olhos vendados* de Carlos Saura, *Une sale histoire* de Jean Eustache, *Hitler, um filme da Alemanha* de Hans-Jürgen Syberberg, *Messidor* de Alain Tanner, quatro filmes de Andrzej Wajda (*As meninas de Wilko*, *O bosque dos vidoeiros*, *A boda e O homem de mármore*), *Os marginais* de Mrinal Sen, *A coudelaria* de András Kovács, *O jogo da maçã* de Vera Chytilova, *A que de Ruy Guerra*, *Os sobreviventes* de Manuel G. Alea, etc., etc.

Todos os anos, Setembro fora, o Festival Internacional de Cinema da Figueira da Foz acontece. É já uma instituição. Que assuma um perfil «setembrista» e não degenera numa «setembrizada» é tudo o que de melhor se lhe pode augurar.

J.L.R.

Multinacionais dominam

Continuação da pág. 1

que o cinema europeu é condicionado, a seu bel-prazer, pelas forças das multinacionais de Hollywood.

O papel da distribuição

Compete à distribuição assegurar a ligação entre a produção e o mercado. Da qualidade ou eficácia deste sector da indústria cinematográfica depende, em maior ou menor grau, o êxito dum filme. Por esse mesmo motivo, a distribuição é alvo quer dos produtores quer de quem explora as casas de cinema. E há casos nítidos de chantagem por parte das distribuidoras. Vem à memória, de imediato, o «block-booking» que obriga quem explora as casas de cinema a aceitar, em paralelo com um filme que se pensa altamente rentável, uma série de filmes notoriamente piores, e ainda aceitar as «prioridades» que asseguram a uma sala, ou a um grupo de salas, uma espécie de monopólio temporário para a exploração dos «bons» filmes, deles ficando privadas as outras salas. Mas o mercado do cinema pode sofrer também do que se chama «abuso de posição dominante». É assim que firmas americanas não hesitam em recorrer ao boicote dum mercado que não aceite os preços de exibição de filmes que lhe são impostos. Foi o que aconteceu recentemente com a Noruega e a Suécia cujos mercados foram assim afectados exactamente por aquelas mesmas firmas que há muito retiravam confortáveis receitas.

A contingentação

Existem outros obstáculos à livre circulação dos filmes no interior dos mercados, provocados, essencialmente, pela contingentação das importações. Há ainda problemas particulares postos pela protecção dos menores e a censura ou «controle» dos filmes. A contingentação, praticada na Suíça, foi recentemente abolida na Espanha. Em alternativa, o Estado espanhol legislou no sentido de um filme nacional ter no mínimo 120 dias de exibição, ou seja, quatro meses. Quanto ao problema do controlo, em França, foram criados dispositivos legais e fiscais que oneram especialmente a taxa de importação de filmes de sexo e violência.

A exportação

Evidente é a fraqueza do cinema europeu no domínio da exportação. Se por um lado existe uma crise global do cinema, a atomização e pequenas dimensões das distribuidoras europeias leva a que

as formas das várias nacionalidades disputem o mercado europeu entre si, sem tentarem sequer chegar à América. Na prática, esta política vem apenas enfraquecer as cinematografias nacionais, face ao domínio mundial das «majors». O fruto desta política é conhecido — são as «majors» que distribuem os filmes europeus que, em termos de rentabilidade, mais lhes interessam. Quando é uma distribuidora europeia a tratar da comercialização do filme com uma «major» está em desvantagem logo à partida — não pode socorrer-se de nenhum mecanismo que lhe assegure verificar a veracidade das contas que eventualmente lhe são apresentadas.

Distribuidoras do Estado?

Postos perante esta realidade, perguntar-se-á: quais as soluções para a distribuição europeia não ser esmagada pelas multinacionais americanas?

Em Inglaterra, o Partido Trabalhista preconiza a nacionalização da distribuição; em Itália, com a Italo-noleggio, coabitam o sector privado e público. Por outro lado, há ainda quem aponte a necessidade de serem criadas grandes cadeias distribuidoras. A ideia foi lançada em 1968 em Bruxelas (2.ª conferência europeia de cinema), mais tarde retomada pela FIAD (Federação Internacional das Associações de Distribuidores de Filmes) e pela França, em Abril de 1976, em Milão. Esta cadeia deveria permitir às firmas associadas — permanentemente ou por um filme dado para distribuir — equilibrar o risco do deve e haver da exploração dos filmes. Mas todas estas propostas surgem como uma espécie de gato com rabo de fora — a utopia da unidade política e económica da Europa, prato retardado da década de 50 que há quem teime em fazer ressurgir, quando a Europa é cada vez menos dependente de si mesma e alguns dos seus aliados são uma espécie de sucursal da América no velho continente. Finalmente, o cinema europeu, para lá da sua franqueza económica, passa por uma grande crise de talentos e temas. A Bienal de Veneza deu-nos um pouco a mostra do que se tem produzido e realizado em crise — e é de crise das instituições que as imagens abundam, da crise da família, da crise da sociedade.

Rogério Rodrigues

na próxima sexta-feira

Polémica no financiamento: selectivo ou automático?



«A coudelaria» de András Kovács: um dos filmes importantes presentes no Festival/79